

IHU

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

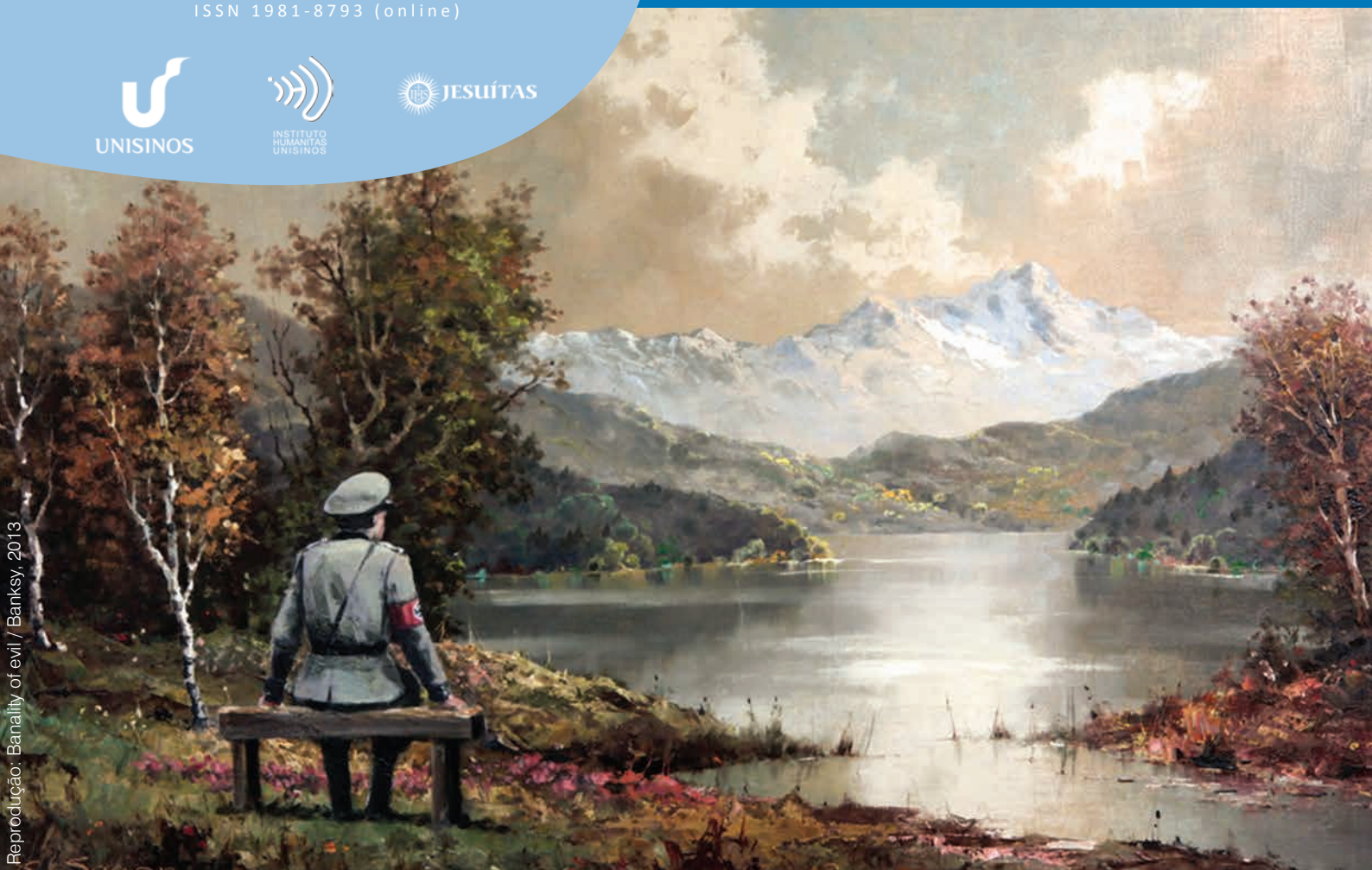
Nº 438 - Ano XIV - 24/03/2014

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (online)



Banalidade do Mal



Reprodução: Banality of evil / Banksy, 2013

Saul Kirschbaum:

A banalidade das engrenagens do nazismo

Oswaldo Giacoia:

O mal como resultado da civilização moderna

Adriano Correia:

Totalitarismo – O filho da modernidade

EMAI

Emmanuel Lartey:

A experiência de um Deus pós-colonizado

Daniela Arbex:

Colônia de Barbacena - Holocausto Brasileiro

Robson Pereira:

Construção da Shoah como acontecimento

Banalidade do Mal

“A experiência de Auschwitz representa um limiar ético absolutamente inaudito; uma espécie de falência ou perempção da ética nas sociedades ocidentais contemporâneas”, afirma Oswaldo Giacoia, filósofo, em entrevista na **IHU On-Line** desta semana. A edição vem no contexto do **Ciclo de Estudos 50 anos do Golpe Civil-Militar. Impactos, (des)caminhos, processos** e da programação da **11ª Páscoa IHU**, que este ano debate o tema do mal na contemporaneidade, à luz da obra de Hannah Arendt – especialmente *As Origens do Totalitarismo* e *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*.

“Não é o Holocausto que achamos difícil de entender em toda a sua monstruosidade. É nossa Civilização Ocidental que o Holocausto tornou quase incompreensível”, assinala Zygmunt Bauman em *Modernidade e Holocausto*. Para ele, a geração que viveu essa experiência direta praticamente já desapareceu, “mas – e este é um terrível e sinistro ‘mas’ – aqueles aspectos de nossa civilização outrora familiares e que o Holocausto tornou de novo misteriosos ainda fazem bem parte de nossa vida. Não foram eliminados. Também não o foi, portanto, a possibilidade do Holocausto”. Observando os fatos históricos na contemporaneidade, permanece válida

a constatação de Primo Levi: “Aconteceu e pode acontecer de novo”.

Nesta edição, o filósofo **Miroslav Milovic**, do Departamento de Direito da Universidade de Brasília, afirma que é preciso contemplar o seu tempo para compreendê-lo, e só a partir desta compreensão é possível fazer o bem. **Andrej Angrick**, historiador alemão, trata dos *Einsatzgruppen*, as forças-tarefa de extermínio nazistas, e destaca a contrariedade com que membros da tropa encaravam o genocídio.

Adriano Correia Silva, professor de Filosofia na Universidade Federal de Goiás, chama atenção para a barbárie instituída por meio da banalidade do mal na modernidade, que pode levar a um passo do totalitarismo. **Saul Kirschbaum**, pesquisador da cultura hebraica, ressalta que, para a irrupção de barbáries como o Holocausto, não é preciso agentes demoníacos, apenas simples funcionários de carreira. Professor da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, o filósofo **Oswaldo Giacoia Junior** esclarece que a maldade que conhecemos é resultado de uma dinâmica de interiorização e espiritualização da crueldade.

O psicanalista **Robson de Freitas Pereira** trata da importância do documentário *Shoah* (1985), de Claude Lanzmann, considerado o registro definitivo da crueldade nos Campos de Concentração e Extermínio. O do-

cumentário, nas partes 1, 2 e 4, será exibido e debatido nesta semana no Instituto Humanitas Unisinos – IHU. **Reyes Mate**, professor de Filosofia do Conselho Superior de Pesquisas Científicas da Espanha, propõe que parte da nossa humanidade – como conquista de *homo sapiens*, e não como conjunto de indivíduos – morreu depois de Auschwitz.

O teólogo **Karl-Josef Kuschel**, professor da Universidade de Tübingen, afirma que a experiência do Holocausto ou de outros crimes contra a humanidade mostra a nós “pessoas esclarecidas” que nenhum padrão civilizado está garantido. Segundo ele, “tanto a literatura quanto a teologia se empenham por respostas para a experiência do “abismo Deus” e do “enigma pessoa humana”. O psicanalista **Abrão Slavutzky**, por sua vez, aborda as relações entre o humor e a crueldade e explora os modos como os próprios judeus utilizavam do riso para sobreviver ao horror do nazismo.

Complementam ainda esta edição entrevistas com a jornalista **Daniela Arbex**, sobre seu livro *Holocausto Brasileiro – Vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*, e com o professor da Universidade de Emory, Atlanta, Estados Unidos, **Emmanuel Lartey**, sobre experiência de um Deus único e multifacetado no contexto pós-colonial.



UNISINOS

Instituto Humanitas
Unisinos

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.
E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.
Gerente Administrativo: Jacinto
Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista
semanal do Instituto
Humanitas Unisinos – IHU
ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser
acessada às segundas-feiras,
no sítio www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às
terças-feiras, a partir das 8h,
na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio
Neutzling (inacio@unisinos.br).
Redação: Inácio Neutzling,
Andriolli Costa MTB 896/MS
(andriollicb@unisinos.br),
Luciano Gallas MTB 9660
(lucgallas@unisinos.br),
Márcia Junges MTB 9447
(mjunges@unisinos.br),
Patrícia Fachin MTB 13.062
(prfachin@unisinos.br) e
Ricardo Machado MTB 15.598
(ricardom@unisinos.br).
Revisão: Carla Bigliardi

Colaboração: César Sanson,
André Langer e Darli Sampaio,
do Centro de Pesquisa e Apoio
aos Trabalhadores – CEPAT, de
Curitiba-PR.

Projeto gráfico: Agência
Experimental de Comunicação
da Unisinos – Agexcom.
Editoração: Rafael Tarcísio
Forneck

Atualização diária do sítio:
Inácio Neutzling, Patrícia Fachin,
Fernando Dupont, Juliete Rosy
de Souza, Suélen Farias e Julian
Kober

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Miroslav Milovic** – Contemplar para compreender, entender a si mesmo para fazer o bem
- 12 **Andrej Angrick** – Violência e resistência da força-tarefa nazista
- 16 **Adriano Correia Silva** – Totalitarismo – O filho bastardo da modernidade
- 19 **Saul Kirschbaum** – A banalidade das engrenagens da máquina nazista
- 23 **Oswaldo Giacoia Junior** – O mal como resultado do processo civilizatório moderno
- 28 **Robson de Freitas Pereira** – Lanzmann e a construção da Shoah como acontecimento
- 32 **Reyes Mate** – “De Auschwitz saímos pobres em humanidade”
- 35 **Karl-Josef Kuschel** – Teodiceia e Antropodiceia – O mal na teologia depois de Auschwitz
- 38 **Abrão Slavutzky** – Humor como fuga da crueldade no século XX
- 44 **Baú da IHU On-Line**

DESTAQUES DA SEMANA

- 46 **Destaques On-Line**
- 48 **Daniela Arbex** – Holocausto Brasileiro – Vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil
- 52 **Emmanuel Lartey** – A experiência de um Deus único e multifacetado no pós-colonialismo

IHU EM REVISTA

- 56 **Agenda de Eventos**
- 58 **Publicação em Destaque**
- 59 **Retrovisor**



twitter.com/ihu



<http://bit.ly/ihuon>



www.ihu.unisinos.br

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

Contemplar para compreender, entender a si mesmo para fazer o bem

Para o professor Miroslav Milovic, agir no mundo requer, antes de tudo, saber o que é o mundo, o que é a própria natureza, para nos entendermos

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

O mal não existe tão somente em suas formas escancaradas. É, também, sutil e ardiloso, tem seu feitiço banal e quase invisível. O pensamento e a tentativa de compreensão de nosso espaço no mundo requer, como sugere Miroslav Milovic, recuperando os gregos antigos, a contemplação. “(...) Como pensa Sócrates, para agir precisamos saber o que é o mundo, o *logos* dele. Precisamos entender o que é a própria natureza para poder nos entender. Por isso este olhar teórico, a vida contemplativa tem a primazia para os gregos”, explica o professor, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “É o caminho para conhecer o Bem. *Simvalein* é o verbo grego que ilumina este caminho do essencial. Sair deste caminho, indo para o particular, significa se aproximar do Mal. *Diavalein* é o verbo que aparece por aqui. E é a origem da palavra diabo, da metáfora do Mal”, complementa.

Nesse sentido, Milovic critica a rigidez biopolítica invisível de nossas sociedades, que acabam, por estratégias sofisticadas, afastando-nos do aprofundamento do pensamento, da contemplação, que tenta nos tornar mais

operadores que pensadores. “Nesse mundo tão ordenado, quase não temos que pensar mais. O pensamento não muda a estrutura dominante do ser. Essa inabilidade do pensamento termina, no último momento, nas catástrofes políticas do nosso século. Tantos crimes, mas quase sem culpados. O indivíduo que não pensa e se torna cúmplice dos crimes: essa é a banalidade do mal diagnosticada por Hannah Arendt como a consequência dessa tradição filosófica que quase mumificou a estrutura do ser e nos marginalizou”, sustenta o professor.

Miroslav Milovic nasceu na Iugoslávia, em 1955, graduou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Belgrado e possui doutorado na mesma área pela *Université de Paris IV* e pela *Universität Frankfurt*. Foi professor de Filosofia na Iugoslávia, Turquia, Espanha, Japão e, atualmente, é docente do Departamento de Direito da Universidade de Brasília (UnB). Milovic é autor e organizador de diversas obras, entre elas *Comunidade da Diferença* (Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004), *Filosofia da Comunicação* (Brasília: Plano, 2002).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Filosoficamente, como se pode definir o que é o Mal?

Miroslav Milovic – Os gregos investigam o mundo, mas dizem algo que, vai determinar a nossa cultura. Por um lado, por exemplo, eles colocam as perguntas sobre a física. Por outro, acham que existe algo além das pesquisas sobre a física que determina o próprio fundamento dela. Além da física, exis-

te a metafísica. No início, Platão¹

e Aristóteles² usam a expressão “fi-

1 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira a entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de

04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://bit.ly/xdSEVn>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Aristóteles de Estagira** (384-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas - por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega - acabaram por configu-

losofia primeira”. A metafísica como palavra vai aparecer depois, dentro da sistematização da obra aristotélica. Mesmo assim, podemos ficar com essa diferença. O mundo tem os fundamentos que a física ou, poderíamos dizer, a ciência não conhece. O mundo tem a estrutura metafísica. Isso, de novo, está no início da cultura europeia e chega até hoje. Aqui aparece o sentido da filosofia, a qual se identifica com a metafísica. Os amigos da sabedoria, como pensa Platão, que não se deixam seduzir pelo conhecimento das aparências, estão no caminho da metafísica. Então já temos uma ligação íntima entre a filosofia, a metafísica e a razão. Ao lado, poderíamos colocar a palavra ontologia. A ontologia é a pergunta sobre o ser que se abre para um olhar metafísico. Teoria poderia ser outra palavra neste contexto. Vem deste olhar contemplativo. Com a teoria como filosofia, como metafísica, o ser humano pode se entender. Entender a própria origem divina, talvez, e entender como agir. Ou, como pensa Sócrates, para agir precisamos saber o que é o mundo, o *logos* dele. Precisamos entender o que é a própria natureza para poder nos entender. Por isso este olhar teórico – a vida contemplativa tem a primazia para os gregos.

É o caminho para conhecer o Bem. *Simvalein* é o verbo grego que ilumina este caminho do essencial. Sair deste caminho, indo para o particular, significa se aproximar do Mal. *Diavalein* é o verbo que aparece por aqui. E é a origem da palavra diabo, da metáfora do Mal.

IHU On-Line – Quais são as principais abordagens filosóficas sobre o problema do Mal?

Miroslav Milovic – São as palavras de Hannah Arendt³. Em suas vá-

rias discussões sobre política, Hannah Arendt se refere à discussão fenomenológica, nos ajudando a compreender a importância histórica dessa radicalização do cartesianismo dentro da fenomenologia husserliana. Arendt acredita que a separação platônica entre o ser e a aparência marca um passo histórico não só para a vida dos gregos, mas para todo o caminho posterior da civilização. A desvalorização da aparência e a afirmação do ser são os aspectos da reviravolta na vida dos gregos e do Ocidente europeu. Com isso, tem início uma específica tirania da razão e dos padrões na nossa vida. Isso é o que Nietzsche⁴ elabora como

seguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas, 2004) e *O Sistema Totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon168> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon206>. Veja também, na edição 207 de 04-12-2006, a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, de Michelle-Irène Brudny, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. (Nota da IHU On-Line)

4 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5ª ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HL7xwP>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na *Université Catholique de Louvain*, intitulada “Nietzsche e Paulo”, disponível para download em <http://bit.ly/dyA7sR>. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensa-*

o começo do niilismo na Europa. A estrutura já determinada, estática, entre o ser e a aparência, tem consequências catastróficas para o próprio pensamento. Ele se torna mera subsunção das aparências às formas superiores do ser. Nesse mundo tão ordenado, quase não temos que pensar mais. O pensamento não muda a estrutura dominante do ser. Essa inabilidade do pensamento termina, no último momento, nas catástrofes políticas do nosso século. Tantos crimes, mas quase sem culpados. O indivíduo que não pensa e se torna cúmplice dos crimes: essa é a banalidade do mal diagnosticada por Hannah Arendt como a consequência dessa tradição filosófica que quase mumificou a estrutura do ser e nos marginalizou.

Mencionei Arendt porque aqui temos a ideia do Mal que se confronta com as leituras gregas. Entre os dois, poderíamos mencionar talvez Kant⁵,

mento de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência “A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica”, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/Hza-JpJ>. (Nota da IHU On-Line)

5 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria

rar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

3 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das per-

que articula o nascimento da moderna filosofia da subjetividade. O Mal neste contexto é o abandono dessa autonomia da subjetividade.

IHU On-Line – Quais são as formas que o Mal assumiu em nosso tempo?

Miroslav Milovic – É conhecida a diferença aristotélica entre *zoé* e *bios*, entre o natural ou privado e público ou político. É a diferença que Aristóteles concretiza falando sobre a desigualdade dos homens. O escravo não possui de forma alguma a faculdade de deliberar na política. Assim ele chega à justificação da escravidão. A Modernidade mudou essa perspectiva. Nós somos iguais por natureza. Ou seja, *zoé* e *bios* não ficam contrapostos. A experiência moderna é uma específica inclusão da *zoé* no *bios*. Aqui podemos pensar em Hobbes⁶ também e na questão da nossa autopreservação. Sobreviver, preservar a vida natural parece ser o projeto político no início da Modernidade. A liberdade é o fato natural. Nós somos livres como os seres naturais. Só depois, no contexto do idealismo alemão, vai ser feita uma específica separação entre natureza e liberdade e uma específica ligação entre liberdade e política. Nós não somos livres como seres naturais, mas dentro de uma específica afirmação espiritual sobre a natureza. Mas

isso são as discussões posteriores. O que Agamben⁷ quer entender é essa mudança moderna da relação entre *zoé* e *bios*. Se nós somos iguais e livres por natureza, como então podemos entender essa inclusão da *zoé* em *bios*? É o contexto em que Agamben se confronta com Foucault⁸ avisando

as consequências catastróficas dessa ligação moderna entre a natureza e a política. Para esclarecer essa inclusão moderna da *zoé*, Agamben vai voltar a um conceito que Foucault utiliza, mas indica os limites históricos dele. É o conceito da soberania. Em lugar do poder soberano da normação, pensa Foucault, a partir do século XVIII e XIX, temos o poder disciplinar da normatização. Em lugar do poder judiciário ligado ao poder soberano, temos a perspectiva cuja função não é de punir as infrações dos indivíduos, mas de corrigir suas virtualidades. É o novo tipo de poder que Foucault classifica como sociedade disciplinar. É o novo tempo do panoptismo e do olhar vigilante do poder controlando os indivíduos, os corpos e a população. A dúvida que Agamben, neste contexto, tem sobre Foucault é que assim não

cault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas desse termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>, e edição 364, de 06-06-2011, intitulada ‘História da loucura’ e o discurso racional em debate, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon325>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Confira a edição 343 da IHU On-Line que traz o mesmo título que o evento, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem13> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da IHU On-Line)

6 Thomas Hobbes (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista IHU On-Line, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/ihuon276>. (Nota da IHU On-Line)

7 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e Arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005); *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007); *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007); e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabricio Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Além disso, de 16 de abril a 23 de outubro de 2013, o IHU organizou o ciclo de estudos *O pensamento de Giorgio Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção*, cujas atividades integraram o I e o II seminários preparatórios ao XIV Simpósio Internacional IHU - *Revoluções tecnológicas, culturas, indivíduos e sociedades*. (Nota da IHU On-Line)

8 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido à sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Fou-

ficam claros os perigos do novo poder. O que Agamben vê nessa perspectiva é o poder que nos deixa expostos à morte, que nos deixa nos campos de concentração. A pergunta então é: como isso aconteceu?

Mas ficou clara a mudança. Na origem da política temos as condições da produção da vida nua. Ou da vida exposta à morte. A *zoé* incluída, como pensa a biopolítica de Foucault, fica agora incluída como excluída pelas estruturas políticas e jurídicas. Assim, a biopolítica da modernidade vai em direção a uma tanatopolítica. É o ponto em que Agamben tenta superar o projeto de Foucault.

IHU On-Line – Como é possível compreender que Adolf Eichmann⁹ justificou a partir da filosofia kantiana o cumprimento de seus deveres como funcionário do Reich alemão?

Miroslav Milovic – É bom entender que Arendt primeiro procura a inspiração em Kant. Com a faculdade estética do juízo, o ponto, pensa Kant, é como compreendemos a natureza e não o que ela é em si mesma. “O que é a natureza?” é uma pergunta cognitiva e, portanto, não pertence à *Terceira Crítica*¹⁰. A natureza existiria mesmo se não houvesse nenhum sujeito transcendental. Ela só não seria determinada conceitualmente. Mas sem o sujeito a natureza não seria bela. Ainda assim, aquilo que se torna o discurso possível sobre o belo não é mais o pensamento teórico. Enquanto as condições de possibilidade da experiência, no que diz respeito à forma, podem ser buscadas na razão, as condições referentes ao conteúdo são fundamentadas pela relação geral das faculdades espirituais. Aqui temos dois motivos importantes para Aren-

9 Adolf Otto Eichmann (1906-1962): oficial do alto escalão na Alemanha Nazista e membro da SS (Schutzstaffel). Foi largamente responsável pela logística do extermínio de milhões de pessoas durante o Holocausto, em particular pelos judeus, na chamada Solução Final. Organizou a identificação e o transporte de pessoas para os diferentes campos de concentração, sendo por isso conhecido frequentemente como o executor chefe do Terceiro Reich. (Nota da IHU On-Line)

10 *Terceira Crítica* ou *Terceira fórmula de Kant*: Refere-se a Crítica da faculdade do juízo (Crítica da faculdade do juízo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993) (Nota da IHU On-Line).

“Como pensa Sócrates, para agir precisamos saber o que é o mundo”

dt. Por um lado, temos uma implícita intersubjetividade do juízo e, por outro, essa intersubjetividade não é fundamentada nos conceitos. Temos a possibilidade do prático ou político que não depende da racionalidade. Temos a separação entre o teórico e o prático que Habermas¹¹ depois irá criticar, porque essa separação cria as condições de uma forte estetização da política. Estetização da política pode significar a política desligada das pessoas, o que Arendt coloca, falando sobre a modernidade, mas pode ser a política desligada da teoria e dos argumentos.

Mas essa arquitetônica do sistema kantiano articula as novas formas, modernas, da primazia do universal. Eichmann, mesmo sem entender, obviamente, as leituras kantianas sobre a subjetividade autônoma, segue isso. Na filosofia kantiana o universal ainda não se constitui pela presença dos Outros. Eichmann segue este dramático monólogo do pensamento.

IHU On-Line – Qual é a atualidade da constatação arendtiana da banalidade do mal, de que Eichmann, ao invés de um monstro, era, na verdade, um burocrata medíocre que não tinha capacidade para entender o mal que praticava?

Miroslav Milovic – Como observa Deleuze¹², Platão não só quer afir-

mar a primazia do universal representado na filosofia, mas quer expulsar do estado ideal tudo o que não o representa. O sentido do particular não reside na sua diferença, mas na representação do universal. O pensamento também representa e a filosofia é a melhor representação. Hannah Arendt procurará neste contexto o início do mal, ou da banalidade do mal, que determina a Europa moderna. Pensar se relaciona com o universal. Assim o particular desaparece. Eichmann só seguiu essa tirania do dever, que as futuras ontologias têm que enfrentar. Agamben fala sobre isso no final do seu livro *Opus Dei* (São Paulo: Boitempo, 2013). A burocracia nos fecha no mundo dado. E a nossa tarefa, hoje, é reinventar o mundo.

IHU On-Line – Em que sentido há uma relação entre o mal e a hiper-racionalidade que caracteriza a sociedade contemporânea?

Miroslav Milovic – Vou responder pensando a crítica que Hegel¹³ articula contra o jussnaturalismo. O estado da natureza em que se afirma o novo sentido teórico da Modernidade não é o estado de liberdade e dos direitos. Não existem os direitos naturais, pensa Hegel. A questão do direito é um contexto social. O sentido do direito é uma relação com os outros.

Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

13 Friedrich Hegel [Georg Wilhelm Friedrich Hegel] (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito* (Petrópolis: Vozes, 2008), tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://bit.ly/1eEonKO>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/1g0xNhE>. (Nota da IHU On-Line)

Hegel acha que isso é assim pelo conceito. Então temos que entender duas perspectivas: uma histórica, que Hegel entende como o caminho da saída de natureza e da afirmação da liberdade, e o outro, o caminho do pensamento, do conceito, de uma articulação conceitual do pensamento. O caminho da liberdade e o caminho do pensamento: duas perspectivas hegelianas inseparáveis. Ele volta para uma palavra quase abandonada na filosofia: a palavra ontologia. Por outro lado, Hegel quer analisar a lógica do pensamento com a qual se chega até o conceito. Desde o início a filosofia hegeliana é uma relação íntima entre a ontologia e a lógica. Só que sua ontologia não será grega. Hegel, mesmo tendo muita simpatia pelo pensamento grego, não concorda com uma pressuposta primazia do geral e do coletivo, que no sentido explícito encontramos em Platão e Aristóteles. Mesmo querendo afirmar o coletivo, de novo Hegel quer fazer isso justificando-o e não postulando-o. A primazia do coletivo tem que ser a consequência do próprio conceito. Por outro lado, Hegel se confronta com a ilimitada afirmação do indivíduo da época moderna, ligada ao avanço do liberalismo. Ele pensa sobre uma outra síntese entre o coletivo e o individual, mas não no sentido de um novo ecumenismo. Essa relação tem que ser entendida como a consequência do próprio conceito. Então, a ontologia que volta não é grega. Ela é história do próprio conceito e não de uma estrutura estática da metafísica, já determinada. O raciocínio de Hegel é fácil. O mundo pré-moderno é uma articulação da metafísica objetiva, onde temos de nos encaixar. É o contexto que ele, por causa disso, várias vezes chama de consciência infeliz e da humilhação do homem, da essência do homem que fica sempre fora dele. O povo judeu é talvez melhor exemplo para isso do que o povo grego. São os gregos, finalmente, que encontram o brilho do coletivo. Mesmo assim, Hegel liga a liberdade só com a Modernidade. Talvez o início que está no jusnaturalismo seja a teoria dos direitos humanos. Mas este mundo – que Hobbes é testemunha – é o mundo da violência, e temos que sair dele, como o próprio Hegel confirma no parágrafo mencio-

“Nesse mundo tão ordenado, quase não temos que pensar mais”

nado. Aqui já temos um argumento a mais, ligado à mencionada relação entre a lógica e a ontologia. Temos que sair do Estado de Natureza, não só por causa da violência que lá se encontra, mas porque no direito natural e na natureza, conforme pensa Hegel, temos só a relação com as coisas e não com nós mesmos. Direitos naturais não criam o ambiente para uma específica autocompreensão do ser humano, que Hegel procura. Quem somos nós? E ainda mais, quem somos nós depois da Revolução Francesa?¹⁴ O direito natural não é a nossa autoconsciência. A nossa autoconsciência fica ligada não à natureza, mas ao caminho histórico – que chega até a Revolução Francesa. A natureza não é o lugar do ser humano. Por isso, como mencionamos, fica até contraditório falar sobre os direitos naturais.

Hegel critica a racionalidade moderna, ou a nossa hiper-racionalidade voltando para os pressupostos dela. O sentido do pensamento hoje é devolver aos seres humanos este aspecto ontológico que se perdeu. A discussão sobre os direitos humanos pode se iniciar só por aqui. A dignidade do ser humano está na ontologia dele.

14 **Revolução Francesa:** nome dado ao conjunto de acontecimentos que, entre 5 de maio de 1789 e 9 de novembro de 1799, alterou o quadro político e social da França. Começa com a convocação dos Estados Gerais e a Queda da Bastilha e se encerra com o golpe de estado do 18 Brumário, de Napoleão Bonaparte. Em causa estavam o Antigo Regime (*Ancien Régime*) e a autoridade do clero e da nobreza. Foi influenciada pelos ideais do Iluminismo e da independência estadunidense (1776). Está entre as maiores revoluções da história da humanidade. A Revolução Francesa é considerada como o acontecimento que deu início à Idade Contemporânea. Aboliu a servidão e os direitos feudais e proclamou os princípios universais de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” (*Liberté, Égalité, Fraternité*), lema de autoria de Jean-Jacques Rousseau. (Nota da IHU On-Line)

Mas, por outro lado, é fácil indicar as dúvidas sobre Hegel. Rápido. O ser humano não existe só em si, mas sim consciente da sua liberdade. A vida ética, o reconhecimento e, assim, a intersubjetividade é um acontecimento político. Hegel acredita que isso se realiza na Revolução Francesa. São conhecidas as dúvidas de Marx¹⁵ sobre essa emancipação política. Habermas também está fundamentando toda a sua teoria nessa impossibilidade da realização da intersubjetividade na Modernidade. É um perigo político, como vamos ver ainda, pensar a Modernidade como a realização da democracia e da intersubjetividade. Para Habermas ainda é uma possibilidade, para muitos uma impossibilidade de ver a democracia na Modernidade.

Ao lado da questão da intersubjetividade podemos mencionar também a questão da diferença. Não podemos deixar o Estado e o conceito depender das contingências e das decisões individuais. A ideia do Estado é muito mais digna, acha Hegel. A natureza dele é diferente, é a realização da vontade espiritual. Assim, acho, outro nem pode aparecer como outro, mas dentro deste caminho glorioso do espírito. Parece-me que Hegel neste ponto não supera a filosofia kantiana. Em Kant não podemos pensar o encontro com o outro. Outro está dentro de um procedimento reflexivo da filosofia. Outro em Hegel também aparece só no caminho reflexivo do espírito. Essa dificuldade do encontro com outro chega talvez até o próprio Habermas. Ademais, como Hegel, Habermas também não procura uma in-

15 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. A edição número 41 dos **Cadernos IHU Ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti) filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/rhygyP>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/JwXR5a>. (Nota da IHU On-Line)

tersubjetividade econômica, mas uma intersubjetividade política. Ele acha que Hegel ficou só com a filosofia da subjetividade, que agora se chama espírito, e que por causa disso o projeto da intersubjetividade ainda fica aberto. Mas, com todas as dificuldades da Modernidade que vamos discutir, outra pergunta aparece também, agora contra Habermas: qual é o sentido de procurar a intersubjetividade onde ela não pode acontecer? Modernidade não é o mundo da intersubjetividade como acha Hegel e como ainda acredita Habermas.

A teleologia do espírito no final das contas apaga com as diferenças. Neste sentido Hegel vai proclamar o fim da história e a impossibilidade das diferenças sociais. O exemplo das mulheres é ilustrativo. Na Filosofia do Direito, Hegel vai confirmar que elas não superam a natureza e o privado. Elas não chegam até o público e até a perspectiva geral do conceito. Assim, podemos concluir que a modernidade não chega nem até a ideia da intersubjetividade nem até a ideia da diferença. Isso é ainda hoje a diagnose do nosso mundo.

IHU On-Line – A despolitização da modernidade é um sintoma de que tipo de fenômeno mais profundo de nosso tempo?

Miroslav Milovic – A Modernidade, seguindo o raciocínio hegeliano, realiza a nossa liberdade. O indivíduo é reconhecido como tal, como geral, no âmbito social. Somos livres não só na nossa interioridade, mais no mundo também. E ainda mais. Todos somos livres. Por isso a Modernidade representa o fim da história. A razão se realizou e só temos que entender e segui-la. A nossa vida é a repetição do passado. Pouco depois, Marx vê no fundo da Modernidade não a realização da liberdade, mas o conflito profundo entre o capital e o trabalho. É o conflito que a própria Modernidade não pode resolver. Por isso Marx fala sobre a revolução, sobre a mudança ontológica na produção do social. Carl Schmitt¹⁶ entendeu este recado mar-

“O ser humano não existe só em si, mas sim consciente da sua liberdade”

xista sobre o profundo conflito na Modernidade. Só ele acha que Marx, de uma certa maneira, ainda ficou neste horizonte liberal enfatizando as questões da economia. E as questões não só econômicas, são ainda as políticas. Só Schmitt vê um específico esquecimento da política na Modernidade. Assim, onde Hegel vê o projeto da realização política da liberdade, Schmitt vê as condições da profunda despolitização moderna. É o início de uma outra leitura, agora política, sobre a Modernidade.

O sistema apaga com as subjetividades. A perspectiva da reinvenção da política é a perspectiva dessa articulação das novas subjetividades. É talvez a possibilidade do povo. Ele é, para Schmitt, a subjetividade política que o sistema esqueceu. Ele é a subjetividade da constituição, fala Schmitt várias vezes. Ele é a possibilidade da democracia direta e assim a possibilidade da própria democracia. Todo o trabalho de Schmitt tentando repensar a origem da política é o trabalho que confronta o liberalismo e a democracia. O liberalismo não é a democracia, não porque não pode superar o próprio conflito entre o trabalho e capital, como diria Marx, mas porque se separa das próprias condições da legitimação. A legitimação desaparece no liberalismo, ou se reduz aos critérios técnicos do próprio sistema. Marx e

constitucional e internacional da Alemanha do século XX. A sua carreira foi maculada pela sua proximidade com o regime nacional-socialista. Entre outros, é autor de *Teologia política* (Politische Theologie, tradução de Elisete Antoniuk, Belo Horizonte: Ed. Del Rey, 2006) e “O Leviatã na Teoria do Estado de Thomas Hobbes”. Trad. Cristiana Filizola e João C. Galvão Junior. In GALVÃO JR. J.C. “Leviathan cibernético” Rio de Janeiro: NPL, 2008. (Nota da IHU On-Line)

Schmitt estão no início dessa leitura sobre a modernidade despolitizada.

IHU On-Line – O campo como paradigma político moderno é uma das ideias mais inquietantes de Giorgio Agamben. Em que medida essa concepção expressa a essência da máquina de extermínio que moveu a política nazista e as outras políticas persecutórias do século XX para cá?

Miroslav Milovic – A despolitização fica visível nos campos de concentração, como pensa Agamben, por exemplo. Pensamos que somos da cidade, mas no último momento o campo é o nosso espaço político. Os homens do campo são os novos exemplos do *homo sacer*. Agamben fala aqui dos muçulmanos. Abaladas de fome, ajoelhadas na terra, as pessoas do campo parecem os muçulmanos rezando. Parecem mortos-vivos. É a vida exposta à morte. Aqui fica mais claro o sentido da palavra biopolítica. É uma política sem a política. É uma consequência da despolitização moderna e da perda da liberdade. Estamos longe do otimismo hegeliano falando sobre a realização política da nossa liberdade. Auschwitz¹⁷, Gulag¹⁸, Guantánamo¹⁹... Ou os povos do

¹⁷ **Auschwitz-Birkenau**: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polónia ocupada. Houve três campos principais e 39 campos auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Auschwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ **Gulag** (em português, Administração Geral dos Campos de Trabalho Correcional e Colônias): era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime da União Soviética. Todavia, a grande maioria era de presos políticos. No campo Gulag de Kengir, em junho de 1954, existiam 650 presos comuns e 5200 presos políticos. Antes da Revolução, o Gulag chamava-se Katorga, e aplicava exatamente a mesma coisa: pena privativa de liberdade, pena de trabalhos forçados e pena de morte. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ **Guantánamo**: capital da província de Guantánamo, situada no sudeste de Cuba. A 15km da cidade, foi implantada a base naval dos Estados Unidos da América de Guantánamo. É no interior desta base que se encontra a prisão de Guantánamo, medindo 117,6 km² e alugada pelo gover-

¹⁶ **Carl Schmitt** (1888-1985): jurista, filósofo político e professor universitário alemão. É considerado um dos mais significativos (e também um dos mais controversos) especialistas em direito

Terceiro Mundo? Também incluídos como excluídos.

Estamos, parece, longe da superação da natureza onde aparece o espiritual. A diferença entre a natureza e a liberdade, entre o animal e o humano, tão importante para nossa cultura, existe ainda? E, ademais, fica impossível testemunhar sobre isso. A verdade está dentro do campo, e não fora. E quem está dentro morre e não pode testemunhar. O fato de poder falar, ou o *a priori* da comunicação não significa nada nessa situação. A possibilidade da comunicação ainda não significa que podemos falar. Um argumento que Agamben articula contra os pensadores de certo *a priori* da comunicação é o que podemos encontrar em Apel²⁰ e Habermas. Quem

fala é quem sobreviveu. Mas quem sabe o que aconteceu, o Muçulmano, não pode falar. Quem é a verdadeira e única testemunha não pode testemunhar. Estamos neste silêncio sobre o Mal.

IHU On-Line – O aprisionamento e deportação dos judeus só pôde acontecer porque, antes de mais nada, essas pessoas eram tornadas apátridas. Como essa prerrogativa continua a endossar a política que é aplicada aos refugiados hoje?

Miroslav Milovic – Seguindo Hegel estamos chegando até a Revolução Francesa e a decisão política do reconhecimento. Aqui, de novo, Hegel se confronta com Kant. Sabemos que Kant chega até a reciprocidade das vontades, falando sobre o direito e as condições externas da nossa liberdade. Só Hegel acha que Kant não mostra de uma maneira argumentativa como se chega até essa reciprocidade. A solução de Hegel é pelo reconhecimento mútuo dos indivíduos com o qual o indivíduo se afirma como a finalidade em si. Ele chega, assim, até a ideia de que o reconhecimento é o direito de ter direitos. Hannah Arendt vai voltar a este projeto.

Onde esconder-se neste mundo perigoso, onde encontrar os lugares

seguros? Seguramente não na casa de um utilitarista cujo cálculo nos pode extraditar aos criminosos. Seguramente não na casa de um kantiano que sempre tem que dizer a verdade. Teria muitas dúvidas sobre a casa de um habermasiano, porque tudo pode acontecer com a nossa vida até encontrarmos uma solução discursiva. Teria também muitas dúvidas na casa de um pós-moderno orientado pela perfeição estética da sua própria vida. O único lugar seguro parece a casa aberta para Outrem. Essa casa que nos oferece a hospitalidade sem a reciprocidade. A hospitalidade poderia ser a palavra para ética hoje.

Leia mais...

- *Uma nova democracia: ainda é possível superar a apatia política?* Entrevista com Miroslav Milovic publicada na edição 250 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon250>.
- *"Arendt. O otimismo pensando a dignidade da política"*. Entrevista com Miroslav Milovic publicada na edição 206 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon206>.

no norte-americano por 4 085 dólares por ano. Desde janeiro de 2002 estão encarcerados nesta base prisioneiros afegãos e iraquianos acusados de ligação com os grupos Taleban e Al-Qaeda, em uma área excluída do controle internacional, concernando as condições de detenção de seus prisioneiros. Segundo a Cruz Vermelha internacional, esses prisioneiros seriam vítimas de tortura. (Nota da IHU On-Line)

20 **Karl-Otto Apel** (1922): filósofo alemão que combina as tradições filosófica, analítica e continental. Professor emérito da Universidade de Frankfurt am Main. (Nota da IHU On-Line)

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Violência e resistência da força-tarefa nazista

O historiador Andrej Angrick propõe que, mesmo que poucos integrantes do *Einsatzgruppen* tenham efetivamente se recusado a promover o genocídio, o sadismo não imperava na tropa

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO DE WALTER O. SCHLUPP

Quando pensamos nos horrores da Shoah, é comum remetermos aos campos de concentração ou de extermínio nazistas. No entanto, milhares de judeus foram massacrados ainda longe dos campos graças à violenta ação dos *Einsatzgruppen*, as unidades móveis de extermínio do III Reich. Estas milícias paramilitares tinham como tarefa assassinar pessoas suspeitas de serem inimigas do regime e tinham total liberdade para agir violentamente.

Segundo o historiador alemão Andrej Angrick, quando a polícia ou integrante da SS assassinava ou torturava judeus por conta própria, a orientação era processar e condenar o sádico. No entanto, caso fosse um integrante dos *Einsatzgruppen*, o ocorrido não era nem indiciado. “Nesse caso, o respectivo [autor do ato] apenas recebia uma advertência ‘entre colegas’: atiradores que cometiam excessos eram coibidos ou impedidos de acessar a vala [de vítimas]”.

Com o final da II Guerra Mundial, os líderes dos *Einsatzgruppen* foram processados em 1948 por crimes contra a humanidade e de guerra.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, no entanto, Angrick relata que, mesmo violentos, os homens que participavam da milícia não eram sádicos, apenas acreditavam responder a operações militares. Acreditavam ainda que protegiam o país contra os judeus donos do capital, conceito que no contato com os guetos

judeus no leste europeu passava pouco a pouco a ser revisto - ainda que de forma insuficiente para interromper o genocídio.

“Não demorou muito e o tipo de vítima foi sendo rapidamente ampliado: além de homens em idade de serviço militar, incluíam-se velhos, mulheres e finalmente crianças”, resgata Angrick. “Os atiradores começaram a se dar conta de que estavam sendo usados para um genocídio, de modo que muitos das subunidades dos *Einsatzgruppen* insistiram em ser substituídos por causa da carga psicológica que não mais conseguiam suportar.”

Andrej Angrick estudou História, Língua Germânica, Educação e Filosofia. A partir de 1997, trabalhou como assistente de pesquisa na Fundação Hamburgo para a Promoção da Ciência e da Cultura *Jan Philipp Reemtsma*. Concluiu seu doutorado na Universidade Técnica de Berlim, com uma dissertação sobre os *Einsatzgruppen*. É autor, entre outros, de *Besatzungspolitik und Massenmord. Die Einsatzgruppe D in der südlichen Sowjetunion 1941-1943* (Política de ocupação e assassinatos em massa – *Einsatzgruppe na União Soviética 1941-1943*, Hamburgo: Hamburger Edition, 2003) e *Die “Endlösung” in Riga: Ausbeutung und Vernichtung 1941-1944* (A “Solução Final”, em Riga. A exploração e destruição; 1941-1944, Darmstadt: WBG, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como o documentário *Das radikal Böse (O Mal Radical, 2013)*, de Stefan Ruzowitzky¹, retrata os

motivos que levaram os soldados dos *Einsatzgruppen* a torturar prisioneiros?

de melhor filme estrangeiro com *Os Falsários* (2007). Produziu em 2013 o documentário *O Mal Radical*. (Nota da **IHU On-Line**)

Andrej Angrick – O filme é uma tentativa de usar documentos originais, citações próprias, autos judiciais, etc. para tentar entender a natureza daqueles homens que tiveram partici-

¹ Stefan Ruzowitzky (1961): diretor e roteirista austríaco, vencedor do Oscar

pação essencial no genocídio no leste europeu, geralmente soterrado pela notoriedade de Auschwitz. O filme tenta esclarecer isso com base na máxima de Kant (que, em minha opinião, se baseia em Agostinho²), segundo a qual o mal é uma opção do indivíduo dentro da sua noção de liberdade e do seu impulso para ela. Procura-se mostrar o fato e o porquê desse mal poder se concretizar nesses homens dos *Einsatzgruppen*. Os fatos são encenados no filme e comentados por especialistas de várias disciplinas.

IHU On-Line – Membros do *Einsatzgruppen* que se recusavam a participar de esquadrões da morte eram transferidos para realizar outras tarefas. Contudo, o senhor afirma que o soldado não precisava temer ser excluído nem punido. Desta forma, como podemos entender o posicionamento dos soldados em cometer crimes?

Andrej Angrick – Em primeiro lugar é preciso constatar que foi pequeno o número dos que se negaram. Será que isso significa que a maioria dos que aceitaram realizaram o ato com convicção? Eu diria que não. Na verdade, inicialmente as coisas eram conduzidas de uma forma habilidosa, no sentido de induzir os atiradores a matar. Ou seja, adotava-se uma forma de execução que na época era considerada aceitável em caso de guerra: mediante sentença oficial de um tribunal. Concretamente, as vítimas – homens em idade própria para o serviço militar – eram alinhadas em frente aos atiradores. Para cada vítima havia dois atiradores, um mirando na cabeça, outro no coração. Um oficial, geralmente empunhando um sa-

bre, dava o comando de fogo depois de proferir as palavras: “Os senhores serão executados por atentarem contra o império alemão, por ordem do Führer”.

Para os atiradores simplórios isto pode ter parecido duro, porém “necessário”, uma vez que toda essa encenação parecia, à primeira vista, estar sendo levada a cabo dentro dos padrões militares. Não demorou muito e o tipo de vítima foi sendo rapidamente ampliado: além de homens em idade de serviço militar, incluíam-se velhos, mulheres e finalmente crianças. Então os atiradores começaram a se dar conta de que estavam sendo usados para um genocídio, de modo que muitos das subunidades dos *Einsatzgruppen* (no caso, os policiais do PRB 9 e integrantes da Waffen-SS³ e da [unidade especial] z.b.V. Dern) insistiram em ser substituídos por causa da carga psicológica que não mais conseguiam suportar.

IHU On-Line – Em que medida a doutrinação propagandística se mostrou eficaz na consolidação das ações dos *Einsatzgruppen*?

Andrej Angrick – Isso está ligado ao que dissemos acima. Provavelmente houve pouca doutrinação. Naturalmente houve eventos de instrução antissemita e, antes de uma execução, para justificar o procedimento, apresentava-se algum filme como *Jud Süß*⁴. Uma das motivações mais fortes

para integrantes dos *Einsatzgruppen* devem ter sido as vítimas do NKWD [Ministério do Interior soviético], encontradas nas prisões de Lemberg ou Riga, por exemplo. Elas confirmavam a propaganda nazista de que “o bolchevismo judeu”⁵ era bestial e precisava ser extinto. Entretanto, com o avanço das tropas para o leste europeu, [os integrantes dos *Einsatzgruppen*] entravam em contato com moradores do gueto, passavam a conhecer judeus que demonstravam ter cultura, ou eram “judias charmosas”. Aí aquela impressão [criada naquelas prisões soviéticas supostamente “judaicas”] acabou sendo revogada; conseguiram distinguir entre a impressão negativa dada pelos judeus [integrantes do] NKWD [soviético] e o cotidiano que estavam vivenciando. Só que isso não bastava para coibir a dinâmica dos assassinatos. O resultado foram lucubrações insolúveis [na cabeça dos integrantes dos *Einsatzgruppen*]. Somente em casos excepcionais alguém se negou a participar, como Martin Mündschtütz⁶ do Ek 12, que antes também tinha participado das execuções, e alegou ter uma natureza sensível.

IHU On-Line – Os *Einsatzgruppen* guardam alguma peculiaridade em relação a outros grupos que atuaram no regime nazista? Por quê?

Andrej Angrick – Talvez se possa dizer que eles provinham de unidades sociais menores. Por exemplo: as unidades militares em nível de regimento ou companhia vinham de uma mesma cidade. Ou seja: todos eram de Berlim, ou de Regensburg, ou de Düsseldorf, etc. Já no caso dos *Einsatzgruppen*, compunham-se de guardas [civis] de Berlim; pessoal

On-Line)

5 Judaísmo-bolchevique: durante o regime nazista, os judeus apátridas eram execrados pela direita como bolcheviques, e pela esquerda como representantes do Capital. (Nota da IHU On-Line)

6 Martin Mündschtütz: soldado austríaco do *Einsatzgruppen*. Não conseguindo mais tolerar o cotidiano terrível, sofre um colapso nervoso. O fato leva seus superiores a afastá-lo das execuções para cuidar dos rebanhos, o que levou à sua ridicularização. (Nota da IHU On-Line)

2 Santo Agostinho [Aurélio Agostinho] (354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo, foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou o conceito de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da IHU On-Line, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da IHU On-Line)

3 Waffen-SS: organização cuja fundação é derivada da chamada Schutzstaffel (SS). No início do Partido Nazista serviam como forma de proteção a Adolf Hitler. O ditador exigia que sua tropa de elite fosse composta por cidadãos com comprovada origem germânica, uma condição física e mental excepcional e que cumprissem as normas da ideologia nazista cegamente. (Nota da IHU On-Line)

4 *Jud Süß, Jus Süß ou O Judeu Süß:* livro escrito por Lion Feuchtwanger em 1925. É um romance histórico sobre a vida de Joseph Süß Oppenheimer, um conselheiro do Duque Karl Alexander de Württemberg. Süß ajuda a criar um estado corrupto que o enche de riquezas, mas após a morte da filha busca a redenção no fervor religioso. Em 1940, Goebbels dirige a adaptação cinematográfica do filme omitindo a redenção final. Visto por mais de 20 milhões de pessoas, o filme torna-se uma das mais influentes obras da propaganda antissemita. (Nota da IHU

da *Waffen-SS* colocado em disponibilidade; pessoal convocado para serviços de emergência (motoristas, padeiros convocados de qualquer lugar como indivíduos para integrar os *Einsatzgruppen*); intérpretes provenientes da região do Báltico, Cáucaso ou Volínia-Podólia (os quais acabaram sendo um elemento radical e radicalizante); e finalmente pessoal do serviço secreto, como, por exemplo, investigadores e funcionários da Gestapo, os quais foram convocados para o *front* no leste por serem dispensáveis em seu domicílio ou por causa das suas relações pessoais com os chefes dos *Einsatzgruppen*.

IHU On-Line – Em que medida houve uma influência do contexto social nos fatos que se deram na Alemanha da II Guerra Mundial?

Andrej Angrick – Considero bastante limitada essa influência. Por exemplo: antigos integrantes do partido Social Democrata da Alemanha, na categoria de *Mannschaftsdiensgrad* (soldados), também fizeram parte dos atiradores; em contraponto, hesitaram integrantes dos *Völkische* [DVFP, partido direitista, antissemita], principalmente quando a pressão do grupo era grande (elemento esse muito mais importante), porque nessa situação seguiam as orientações de outros, embora resistindo interiormente, agindo não por convicção própria.

Mesmo para a liderança da SS o genocídio total estava sendo um experimento social. Tinham plena consciência de que estariam sendo executados homens em idade de serviço militar, conforme dito acima. Mas será que os assassinos também funcionariam quando se tratasse de executar criancinhas? É só por aí que se pode explicar a utilização de vagões de gás e (depois) a introdução de campos de extermínio. Estes eram preferidos não tanto por causa da sua suposta eficiência, mas porque o assassinato precisava de menos executantes, não seriam tantas as pessoas cujas consciências acabariam oneradas; seu empenho na

guerra não mais lhes acarretaria tanto trauma psicológico. Ora, Himmler⁷ havia tido a fantasiosa ideia de que as vítimas apenas adormeceriam com o gás, ou seja, não precisariam sofrer tanto, desnecessariamente. Himmler não estaria querendo fazer os outros sofrer, mas apenas fazer o “necessário”. Aliás, essa postura de Himmler implicaria que ele não representaria o tipo do [mal] radical de Kant. Ele não seria mau, mas um “punidor justo”.

IHU On-Line – Qual foi o papel da Justiça alemã durante o conflito e suas exceções e depois, quando a Alemanha perdeu a guerra e teve que se confrontar com esses atos?

Andrej Angrick – Durante a guerra o judiciário não esteve envolvido [ativamente na perseguição a judeus e outros] porque continuava em vigor o parágrafo 211 do Código Penal *StGb*, referente a assassinatos. Mesmo assim o judiciário da SS e da polícia intervinha quando o integrante da SS ou da polícia assassinava judeus por conta própria, divertia-se com o sofrimento deles ou mesmo mostrava fotos sensacionalistas do ato entre seus conhecidos. Nesse caso se acreditava ter de processar e condenar o sádico. Entretanto, quando esse tipo de pessoa aparecia como integrante de *Einsatzgruppen*, deixava-se de indiciar o fato. Nesse caso, o respectivo [autor do ato] apenas recebia uma advertência “entre colegas”: atiradores que cometiam excessos eram coibidos ou impedidos de acessar a vala [de vítimas].

Para o pós-guerra na Alemanha é preciso constatar que inicialmente o judiciário nem tinha direito de processar crimes dos *Einsatzgruppen*, uma vez que sua competência abrangia [apenas] crimes cometidos por alemães, contra alemães, em território alemão. Concretamente isso valeu para assassinatos de eutanásia,

em que o judiciário alemão obteve algum êxito. Só mais tarde a República Federal da Alemanha obteve a soberania judiciária, passando então a investigar integrantes dos *Einsatzgruppen*. Doravante era preciso provar a culpa do acusado como pessoa individual, e não como parte de um coletivo ou coadjuvante no assassinato [*Beihilfe zum Mord*], o que não deixa de ser bastante difícil de provar. Outros crimes, como homicídio, ou privação da liberdade com morte por consequência (como no caso das deportações), já estavam prescritos, ou seja, a pessoa não era inocente, mas também não mais podia ser processada.

IHU On-Line – Qual é o grau de responsabilidade histórica do Estado e, em última instância, de cada um dos soldados que cometeu tortura?

Andrej Angrick – O Estado, isto é, os agentes principais, desenvolveram o plano, criaram o ambiente, aliciavam com recompensas e puniam os que se negavam [a participar]. Mas é responsável o indivíduo que tenha participado dos crimes intencionalmente e com “prazer”. Mas o que é mais grave (deixo agora de lado a questão da culpa) é o fracasso humano da grande maioria dos integrantes dos *Einsatzgruppen*. Se essas pessoas tivessem se negado, o projeto “solução final” no leste da Europa não teria sido viável na forma como foi encaminhado. Num sistema [político] diferente [p. ex., em uma democracia], elas dificilmente teriam deixado se envolver no crime; eram cidadãos normais, geralmente de boa fama na sociedade. Considerando as consequências assassinas, seu envolvimento é muito grave, mesmo que pessoalmente tivessem pouca ou nenhuma identificação com o agente criminoso.

IHU On-Line – Sob que aspectos no Estado nazista a utopia germânica era uma promessa de felicidade, de uma sociedade perfeita?

Andrej Angrick – Para muitos integrantes dos *Einsatzgruppen* esta-

⁷ Heinrich Luitpold Himmler (1900-1945): comandante da *Schutzstaffel* (SA) e da Gestapo alemã e um dos mais poderosos homens da Alemanha nazista. Foi uma figura chave na organização do Holocausto. (Nota da IHU On-Line)

va claro que a guerra contra a União Soviética também representava uma promessa de felicidade [*Heil*]. Quanto mais cultos eram, mais acreditavam nisso. [Para eles] Essa guerra acabaria eliminando o inimigo de morte, o adversário ideológico. Mas a questão não era somente proteger-se de Stálin. Se analisarmos os registros de Himmler nos anos 1940/42, observamos que, além dos eventos da guerra, o que mais o ocupava eram os próximos assentamentos no leste europeu. Ele e Hitler queriam realizar uma utopia germânica no leste europeu: novas cidades e vilas refletiriam a estética [com que pessoalmente se identificavam]: Arno Breker⁸ e Richard Wagner⁹,

Brückner¹⁰ e Leni Riefenstahl¹¹. E o cidadão comum naturalmente pensava que em termos econômicos ele também levaria uma vida melhor, que depois da “vitória final” cada alemão acabaria virando prefeito numa sociedade de helotes [isto é, escravos].

IHU On-Line – Se por um lado Kant menciona o “mal radical”, Hannah Arendt formula o conceito de “banalidade do mal” ao se referir a Adolf Eichmann. Sob uma perspectiva histórica, como esses posicionamentos refletem o mal que nunca cessou de existir em cada um de nós?

Andrej Angrick – Na minha opinião, essa discussão gira em torno das diferentes interpretações do que se entende por “banal”. Eichmann, com seu jeito de falar, de pequeno-burguês, parece banal, o que mostra que não é preciso ser um Mefistófeles para planejar e executar um crime dessas dimensões. Entretanto, o crime em si, que foi o genocídio contra judeus, nada tem de banal. Sua abrangência e radicalidade são de uma dimensão inconcebível. Aí, sim, é que se apresenta o mal radical, só que não no

sentido de Kant, relativo ao indivíduo, mas de feições escatológicas, numa cosmovisão teológica.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Andrej Angrick – Ao fim e ao cabo permanece válida a constatação de Primo Levi¹²: “Aconteceu e pode acontecer de novo.” Portanto importa ficar alerta ao conversarmos com conhecidos, com a família e com os amigos, na discussão sobre soluções políticas e sobre casos isolados. Pois é aí que começa. Quem leva ao ato é a ideia. Importante é ficar atento com o que se passa dentro de nós mesmos, não deixar a própria consciência ser corrompida, independentemente de quem esteja fazendo pressão, ou de qual promessa estejamos recebendo. Fácil de dizer, difícil de fazer.

¹² **Primo Levi** (1919-1987): judeu italiano, um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, o campo de concentração onde milhões de prisioneiros, judeus como ele, foram assassinados pelos nazistas. Sobreviveu para regressar a Turim, sua cidadanatal, e escrever um dos mais extraordinários e comoventes testemunhos dos campos de extermínio nazista. Em seu primeiro e mais impressionante livro, *Se questo è un uomo* (*Se isto é um homem*), escrito em 1947, Levi relata o ano que passou em Auschwitz. Em 1963, Primo Levi publica seu segundo livro *A Trégua*, em que narra os últimos dias em Auschwitz, após os nazistas terem abandonado o campo, e sua viagem de volta para casa, na Itália. Seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes*, foi publicado em 1986. (Nota da IHU On-Line)

⁸ **Arno Breker** (1900-1991): arquiteto e artista plástico alemão, conhecido pelos trabalhos artísticos para o III Reich. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Richard Wagner** (1813-1883): compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não wagnerianos. Escreveu o libreto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do Anel dos Nibelungos, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Bülow (Cosima, filha de Liszt), que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da IHU

On-Line)

¹⁰ **Wilhelm Brückner** (1884-1954): chefe auxiliar de Hitler até 1940. Era um de seus conselheiros mais próximos junto a Joseph Goebbels e Sepp Dietrich. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Leni Riefenstahl** [**Helene Bertha Amalie Riefenstahl**] (1902-2003): cineasta alemã que dirigiu diversos filmes de propaganda para o Partido Nazista. Após a Guerra, tornou-se fotógrafa e mergulhadora. (Nota da IHU On-Line)

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Totalitarismo – O filho bastardo da modernidade

O filósofo Adriano Correia Silva chama atenção para a barbárie instituída e a banalidade do mal como o desafio que os tempos sombrios apresentam à compreensão

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

Ao debruçar-se sobre a banalidade do mal, Hannah Arendt reforça que o termo não se refere a uma doutrina ou teoria, mas a características bastante factuais, cujo único traço distintivo seria uma extraordinária superficialidade. “A banalidade do mal tem a ver, antes de tudo, com a concepção de um mal no qual frequentemente não há conexão entre motivos e feitos e no qual a magnitude da maldade do agente e de seus interesses egoístas é flagrantemente desproporcional com relação à magnitude de seus feitos”, esclarece o filósofo Adriano Correia Silva.

“Penso que o central na interpretação arendtiana é o estabelecimento de vínculos entre a ascensão do totalitarismo e elementos centrais à modernidade política europeia, como o antisemitismo, o imperialismo e a sociedade de massas”, defende ele, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. “Ainda que bastardo, por assim dizer, o totali-

tarismo é filho da modernidade política e não pode ser assimilado sem mais à pura barbárie”, conclui.

Adriano Correia Silva possui graduação em Filosofia (bacharelado e licenciatura) pela PUC de Campinas e mestrado em Filosofia pela mesma universidade. É também mestre em Educação e doutor em Filosofia pela Unicamp. Leciona desde 2006 na Universidade Federal de Goiás – UFG, onde atua como diretor da Faculdade de Filosofia. Silva foi organizador dos livros *Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002) e *Hannah Arendt e a condição humana* (Salvador: Quarteto, 2006). Publicou ainda o livro *Hannah Arendt* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007) e assina a apresentação da edição brasileira do livro *A Condição Humana* (São Paulo: Forense Universitária, 2003), da própria Arendt.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é o mal radical? Qual é a concepção de Kant sobre esse conceito?

Adriano Correia Silva – Arendt emprega o conceito de “mal radical” no finalzinho de *As origens do totalitarismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1997), para se referir ao mal que teria se traduzido na tentativa de erradicação da pluralidade humana nos campos de extermínio. Ainda que faça referência a Kant, Arendt associa o termo radical a extremo ou absoluto, o que não é o caso em Kant. Na

busca por identificar o fundamento da propensão para o mal no homem, Kant se vê diante da dificuldade de ter de conciliar natureza e liberdade. Com efeito, se compreendemos o mal como decorrente de algum condicionamento natural, ainda que seja uma fraqueza, necessariamente o homem seria inimputável, pois não poderia ser considerado efetivamente responsável (na medida em que não é livre) pelas ações que desencadeasse. Kant, por razões óbvias, busca evitar tal compreensão, sustentando que

há no homem uma *propensão para o mal*, mas antes como uma tendência *deliberativa*, por assim dizer, e não como algum impulso natural. Essa tendência deliberativa equivale a uma propensão a permitir que considerações não morais provenientes das inclinações ou apetições venham a pesar mais que as considerações morais consoantes ao imperativo categórico e sua demanda de que nossas máximas ou regras de ação possam ser universalizadas para todo agente racional. Assim, o mal radical em Kant

não se refere a alguma forma particular de mal ou a alguma de suas manifestações nas ações dos homens, mas mais propriamente ao fundamento da possibilidade de todo mal moral.

IHU On-Line – E como podemos compreender adequadamente a ideia de banalidade do mal de Hannah Arendt?

Adriano Correia Silva – No ensaio *Pensamento e considerações morais*¹, de 1971, Arendt sustenta que com a expressão *banalidade do mal* “não se referia a teoria ou doutrina alguma, mas a algo bastante factual, o fenômeno dos feitos maus, cometidos em escala gigantesca e que não poderiam ser reportados a qualquer tipo particular de fraqueza, patologia ou convicção ideológica no agente, cujo único traço pessoal distintivo era talvez uma extraordinária superficialidade”. É claro que não se trata de uma doutrina, mas talvez não seja o caso de assumir sua perspectiva simplesmente como a descrição de um “fato”. Em todo caso, a banalidade do mal tem a ver antes de tudo com a concepção de um mal no qual frequentemente não há conexão entre motivos e feitos e no qual a magnitude da maldade do agente e de seus interesses egoístas é flagrantemente desproporcional com relação à magnitude de seus feitos. O fundamental no conceito de banalidade do mal, no que diz respeito aos efeitos, é a capacidade altamente devastadora da ausência de profundidade dos agentes; no que diz respeito à sua dinâmica, desafia a convicção generalizada de que toda maldade resulta do ceder à tentação; e quanto ao caráter do malfeitor, confronta a crença comum atinente à suposição de que todo ato mal se encontra arraigado em alguma perversão especial do agente, notadamente o egoísmo.

IHU On-Line – Quais são as diferenças fundamentais entre ambos os conceitos?

¹ *Responsabilidade e Julgamento* (São Paulo: Companhia das Letras, 2004). (Nota da IHU On-Line)

Adriano Correia Silva – Penso que a diferença fundamental concerne à lógica ou à dinâmica da tentação. O fundamental no uso feito por Hannah Arendt do conceito de mal radical em *As origens do totalitarismo* é a identificação entre mal radical e mal absoluto ou extremo, como mencionei acima. De outro lado, o essencial na sua preterição do conceito de mal radical em *Eichmann em Jerusalém* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) em nome do conceito de banalidade do mal se deve basicamente à atenção dispensada por ela às origens etimológicas da palavra radical (de raiz, não mais de extremo), e ausência de raízes daquela forma de manifestação de mal tipificada na conduta de Eichmann. Com efeito, isto é que teria feito com que ela deixasse de usar o conceito, justamente porque julgava ser característica fundamental do fenômeno do mal com o qual estava lidando a ausência de qualquer profundidade. Quando responde às críticas de Gershom Scholem² a seu livro sobre o julgamento de Eichmann, Hannah Arendt afirma que teria, de fato, como ele indica, mudado de opinião e passado a utilizar o termo *banalidade do mal* não por ter deixado de sustentar que o mal perpetrado pelos nazistas era extremo, como já havia ressaltado em *As origens do totalitarismo*, mas por julgar que ao menos o mal com o qual estava lidando não possuía qualquer profundidade ou dimensão demoníaca. A banalidade desse mal cristalizado na figura de Eichmann se assentaria no fato de que ele não possui raízes, motivos egoístas e utilidade. Isso não quer dizer, é claro, que todo mal seja banal.

IHU On-Line – Em que medida a temática do mal é um tema recorrente ao longo dos escritos dessa pensadora alemã?

² Gershom Scholem (1897-1982): pesquisador da mística judaica, se estabeleceu no estudo da Cabala em Jerusalém. É autor de *Die jüdische Mystik in ihren Hauptströmungen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000) e *Zur Kabbala und ihrer Symbolik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1998). (Nota da IHU On-Line)

Adriano Correia Silva – Em meados do século passado, Arendt chegou a afirmar que o problema do mal poderia vir a ser a questão fundamental da reflexão filosófica do pós-guerra. Não esteve de todo certa nem de todo errada. Muitos refletiram sobre o problema do mal, notadamente em decorrência da perplexidade ante os eventos da última grande guerra mundial, principalmente os campos de concentração e extermínio, mas a questão do mal não se tornou a preocupação central da filosofia no pós-guerra – se é que se pode dizer que houve alguma. A própria Arendt detém-se sobre o tema apenas rapidamente em *As origens do totalitarismo*, ainda que em um movimento nodal de sua análise, na conclusão. O ponto de inflexão de seu interesse foi justamente o Caso Eichmann e as implicações de sua tipificação do personagem histórico. A partir de *Eichmann em Jerusalém* parte significativa da produção arendtiana até *A vida do espírito* foi orientada pela pergunta sobre se o pensamento pode em alguma medida operar como um obstáculo para a perpetração deliberada do mal.

IHU On-Line – Que relações Arendt estabelece entre a questão da política e do mal em nosso tempo?

Adriano Correia Silva – Ainda que a questão do mal tenha sido abordada na história da filosofia em termos de teologia, teodiceia ou filosofia moral, não é possível compreender a reflexão arendtiana sobre o mal sem considerar que para ela a “banalidade do mal” configura-se sobremaneira como um mal ético/político. Se, por um lado, a banalidade do mal diz respeito a uma sempre possível ausência de reflexão, ao abandono do indivíduo por si próprio em sua recusa a pensar, concerne ainda, por outro lado, ao desamparo das massas, concebidas tanto como resíduo da produção capitalista quanto como produto da dominação totalitária. Importante para Arendt é indicar que o caráter frequentemente inócuo em política da ausência de pensamento torna-se

devastador nas condições das sociedades de massas, nas quais tal irreflexão é fomentada e o adesismo dos que meramente se deixam levar é zelosamente canalizado como força motriz da estruturação burocrática do Estado moderno. Ainda que o cuidado de si não redunde em cuidado com o mundo, nas condições das sociedades modernas de massas o descuido de si é sempre potencialmente devastador para o mundo.

IHU On-Line – Quais são as linhas mestras de *Origens do totalitarismo* na interpretação da modernidade política?

Adriano Correia Silva – No prefácio de *As origens do totalitarismo*, Arendt indica que é tarefa do livro enfrentar com coragem – isto é, sem ceder a generalizações mecanicistas ou articulações teóricas dogmáticas – o fardo de nosso tempo, notadamente o desafio que os tempos sombrios apresentam à compreensão. Penso que o central na interpretação arendtiana é o estabelecimento de vínculos entre a ascensão do totalitarismo e elementos centrais à modernidade política europeia, como o antissemitismo, o imperialismo e a sociedade de massas. Ainda que bastardo, por assim dizer, o totalitarismo é filho da modernidade política e não pode ser assimilado sem mais à pura barbárie.

IHU On-Line – Qual é a contribuição de Arendt para se pensar o limite entre humanidade e animalidade na política dos últimos séculos?

Adriano Correia Silva – A definição da fronteira entre humanidade e animalidade não ocupa o primeiro plano de preocupações de Arendt. Não obstante, tal questão subjaz a suas reflexões sobre a política moderna, notadamente quando reflete sobre a vitória do *animal laborans*, do trabalhador-consumidor. Para Arendt o trabalho é uma das atividades humanas básicas, na medida em que responde a uma das condições fundamentais da existência – a vida. Ela sempre repetia a definição marxiana do trabalho como metabolismo entre

homem e natureza. Das atividades humanas fundamentais – dentre as quais ela menciona ainda a fabricação, que corresponde à condição humana da mundanidade, e a ação, que corresponde à condição humana da pluralidade –, o trabalho é a única que não opera como diferença específica entre os homens e os outros viventes. *Stricto sensu*, o limite entre humanidade e animalidade é definido na nossa capacidade de edificação de mundo, de reificação. Não é outra a razão de a vitória do trabalhador-consumidor, convertido em modo de vida, ser tão decisiva para pensar a modernidade política, pois é o próprio mundo que é posto em questão. Ela conclui *A condição humana* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000) sustentando que há vários indícios “do perigo de que o homem possa estar disposto e realmente esteja a ponto de converter-se naquela espécie animal da qual, desde Darwin, ele imagina descender”.

IHU On-Line – A partir da obra de Agamben, quais são as aproximações entre os diagnósticos de Arendt e Foucault sobre a modernidade política?

Adriano Correia Silva – No prefácio de sua obra *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002), Giorgio Agamben evoca a companhia de dois vigorosos intérpretes dos tempos modernos: Michel Foucault e Hannah Arendt. Em Michel Foucault ele julga encontrar a clara definição de uma biopolítica que inclui a vida biológica nos mecanismos e cálculos do poder estatal; em Arendt, na descrição, em *A condição humana*, da vitória do tipo ou mentalidade que nomeia *animal laborans*, ele pôde identificar a associação entre primado da vida natural e decadência do espaço público na era moderna. Ainda em Arendt, ele encontra a inédita posição dos campos de concentração como instituição central da dominação totalitária. Não obstante, julga não encontrar em ambos os pensadores elementos suficientes para caracterizar o paradigma biopolítico moderno, o campo

de concentração como espaço próprio da exceção, no qual o limiar em que se tocam norma e exceção se espraia e os torna indistintos. Penso que tanto as análises sobre o racismo feitas por Foucault na última aula do curso *Em defesa da sociedade* (São Paulo: Martins Fontes, 2005), por exemplo, quanto o exame dos vínculos entre *As origens do totalitarismo* e *A condição humana*, de Arendt – como examinei na apresentação da tradução brasileira dessa última obra – põem em questão a interpretação agambeniana, que é muito inspiradora, em todo caso.

IHU On-Line – Em que sentido a política ocidental é originariamente biopolítica?

Adriano Correia Silva – Sete anos após a publicação de *Homo sacer I: o poder soberano e a vida nua*, Giorgio Agamben publicou a obra *O aberto* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013), cujo sugestivo subtítulo é: *o homem e o animal*. Em um trecho dessa obra aparece a seguinte afirmação: “o conflito político decisivo que governa todo outro conflito é, em nossa cultura, o conflito entre a animalidade e a humanidade do homem. A *política ocidental* é, pois, *co-originariamente biopolítica*”. A implicação fundamental dessa afirmação, em Agamben, é a conclusão de que desde a *polis* grega há uma imbricação entre vida biológica e política e, em vista disso, não podemos conceber uma réplica política à modernidade biopolítica na história política ocidental. Seguramente, Arendt e Foucault, a despeito das inúmeras diferenças entre as obras de ambos, silenciadas aqui, jamais identificariam na política ocidental, desde seus primórdios, a lógica da soberania, nem remeteriam a gênese da soberania para alguém da modernidade: a soberania, para ambos, é gêmea da modernidade. Com relação à biopolítica, Foucault sustenta que ela é coetânea da modernidade política, quando o biológico passou a se refletir no político, e as questões relativas à gestão da vida individual e coletiva passaram a ser o alvo privilegiado do poder político.

A banalidade das engrenagens da máquina nazista

Saul Kirschbaum, pesquisador da cultura hebraica, ressalta que para a irrupção de barbáries como o holocausto não é preciso agentes demoníacos, apenas simples funcionários de carreira

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

A Maldade foi um dos grandes temas sobre os quais a filósofa Hannah Arendt se debruçou. Se anteriormente o Mal era encarado, do ponto de vista religioso, como algo demoníaco, capaz de corromper os homens e explorar suas fraquezas morais, a partir do julgamento de Adolf Eichmann, no entanto, a pensadora passa a refletir sobre o tipo de maldade que se estabeleceu durante o regime nazista. Os atos eram monstruosos, mas para Arendt, aquele agente pequeno, adoentado e, acima de tudo, superficial não transparecia o mal diabólico tão alardeado.

“Se é assim, a barbárie não é um atributo exclusivo de ‘bárbaros’. Pode perfeitamente irromper entre povos muito civilizados”, esclarece Saul Kirschbaum, pesquisador da cultura hebraica. “Basta que ‘a raça eleita’ ou ‘a religião verdadeira’, ou qualquer outra construção fundamentalista se sinta ameaçada”. É o que ocorreu com o desmoronamento da Iugoslávia e, segundo Kirschbaum, o que parece estar acontecendo na esteira da Primavera Árabe, “com as tentativas de grupos fundamentalistas de obter o poder no Egito e na Síria, para instalar estados de estrita e excludente observância religiosa”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador destaca a evolução

do pensamento de Hannah Arendt que perpassa todas as suas obras. Chama atenção também para o fato de que, mesmo hoje, 50 anos depois, a filósofa ainda não foi totalmente compreendida. E destaca: “Não é dizer, claro, que não houvesse, entre os nazistas, o mal demoníaco, monstruoso; mas o que preocupa é que, para o funcionamento da máquina nazista, para a irrupção da barbárie, bastam agentes comuns, simples funcionários de carreira”.

Saul Kirschbaum possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestrado e doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo – USP e pós-doutorado pela Unicamp. É autor de *Viagens de um caminhante solitário: Ética e estética na obra de Samuel Rawet* (São Paulo: Humanitas, 2011), *Transliteração do Hebraico para Leitores Brasileiros* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2009) e *A presença judaica na Idade Média Ibérica: a poesia laica e o idioma hebraico* (São Paulo: Edições Targumim, 2008). Foi também organizador de *Dez Ensaios para Samuel Rawet* (Brasília: LGE Editora, 2007) e de *Ensaios sobre literatura israelense contemporânea* (São Paulo: Humanitas, 2011).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Por que a obra *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999), de Hannah Arendt, foi tão criticada pela comunidade judaica? Quais foram os

principais pontos que causaram essa repercussão negativa?

Saul Kirschbaum – Como a autora explicou no “Pós-escrito”, o livro se tornou foco de controvérsia antes mesmo de sua publicação,

dela vindo a participar “gente que se gabava de não ter lido o livro e prometia não o ler nunca”. Foram levantadas questões que, segundo Arendt, nada tinham a ver com o livro, ou que distorciam seriamente

seu pensamento. Foram-lhe imputadas opiniões que nunca expressara. Martin Buber¹, por exemplo, até então muito seu amigo, a acusou de não ter *ahavat Israel*, amor pelo povo de Israel.

A primeira delas dizia respeito à conduta do povo judeu durante os anos da Solução Final, ou seja, se os judeus podiam ou deviam ter se defendido, e envolvia conceitos como “mentalidade de gueto” e um “desejo de morte”, inconsciente, de todo o povo judeu. A autora lembra que tinha “descartado essa questão como tola e cruel, porque atestava uma fatal ignorância das condições da época”. Na verdade, ela se limitara a discutir o papel da liderança judaica, dos Conselhos Judaicos, insistindo na “diferença entre ajudar judeus a emigrar e ajudar os nazistas a deportá-los”. Em 1972, Isaiah Trunk² publicou *Judenrat*³ – *The Jewish Councils in Eastern Europe under Nazi Occupation* (Lincoln: University of Nebraska Press, 1996), leitura indispensável para quem quer entender melhor esse assunto.

Outra questão importante tinha a ver com o subtítulo do livro, o conceito novo de “banalidade do mal”. Isto foi entendido pelos críticos como uma tentativa de inocentar Eichmann, ou substancialmente reduzir sua culpabilidade. Tenho a impressão de que, passadas cinco décadas, o que Arendt quis expressar com “banalidade do mal” ainda não foi plenamente entendido. A seu ver, Eichmann não tinha a

mentalidade de um criminoso, nunca teve a intenção de fazer o mal. Seu esforço para obter progressos pessoais, típico de funcionários de carreira, “não era de forma alguma criminoso; ele certamente nunca teria matado seu superior para ficar com seu posto”. Ela atribuiu a predisposição de Eichmann “a se tornar um dos grandes criminosos desta época” a “pura irreflexão”, não a “qualquer profundidade diabólica ou demoníaca”.

Por fim, acho que importa pôr em evidência a crítica ao interesse da autora em investigar o tipo de pessoa que era Eichmann, que envolve a questão, ainda atual, de se “alguém que não estava presente tem o direito de ‘julgar’ o passado”. Ou seja, que falar sobre o Holocausto seria privilégio dos sobreviventes. Para alguns desses críticos, “não deviam ter deixado que ele [Eichmann] falasse nada – ou seja, que o julgamento fosse conduzido sem defesa”.

IHU On-Line – Qual foi o impacto da afirmação de Arendt de que Eichmann era um homem comum, um sujeito qualquer, um burocrata que se autoproclamava cumpridor de ordens, e não um monstro, um psicopata que se comprazia com sua tarefa de organizar a logística dos judeus para os campos de extermínio?

Saul Kirschbaum – Esta afirmação, a meu ver, vai de encontro a uma corrente de opinião amplamente difundida, segundo a qual o nazismo foi o resultado da tomada do poder na Alemanha por um bando de loucos assassinos, monstros psicopatas. Se o nazismo foi operado por homens comuns, burocratas cumpridores de ordens, então pode se pensar que não se tratou de um evento singular, uma interrupção anômala do fluxo histórico – que no geral vai na direção do progresso –, mas de uma possibilidade inerente à civilização ocidental, ou talvez à própria espécie humana. A extensão dos crimes nazistas, então, seria resultado da maior disponibilidade de meios técnicos de destruição em massa.

IHU On-Line – Em que medida o conceito de banalidade do mal arendtiano ajuda na reflexão sobre a relação entre os totalitarismos, a burocracia e a impessoalidade num mundo marcado pela técnica?

Saul Kirschbaum – A meu ver, esta é a grande contribuição de Hannah Arendt. Segundo ela, os totalitarismos implementam “o governo de Ninguém”. Em suas palavras, “a essência do governo totalitário, e talvez a natureza de toda burocracia, seja transformar homens em funcionários e meras engrenagens, assim os desumanizando”. Então, qualquer forma de totalitarismo, seja qual for a ideologia que o alimenta, qualquer forma de fundamentalismo, de “posse da verdade”, deve ser vista como potencialmente desumanizadora, tendente a transformar homens em funcionários, meras engrenagens. Estas seriam as condições necessárias e suficientes para a autoanulação do indivíduo e para a irrupção do mal “banal”.

IHU On-Line – Em que aspectos a obra dessa filósofa nos alerta para a irrupção da barbárie, que pode acontecer em qualquer lugar e entre quaisquer povos?

Saul Kirschbaum – Em 1971, ao escrever *O pensar*, primeira parte de *A Vida do Espírito* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009), Hannah Arendt lembrava que, assistindo ao julgamento de Eichmann, não tinha confirmado “nossa tradição de pensamento – literário, teológico ou filosófico – sobre o fenômeno do mal”. Ou seja, que o mal “é algo demoníaco”, que “os homens maus agem por inveja”, ou “por fraqueza”, ou “pelo ódio poderoso que a maldade sente pela pura bondade”, ou “pela cobiça”. Ao contrário, observou que a “superficialidade do agente tornava impossível retrair o mal incontestável de seus atos, em suas raízes ou motivos, em quaisquer níveis mais profundos. Os atos eram monstruosos, mas o agente – ao menos aquele que estava agora em julgamento – era bastante comum, banal, e não demoníaco ou

1 Martin Buber (1878-1965): filósofo vienense de origem judaica, foi o primeiro professor de uma cátedra de Judaísmo na Universidade de Frankfurt. Com a ascensão do nazismo, abandonou a cátedra e mudou-se para Jerusalém, onde passou a lecionar como professor da Universidade Hebraica. A obra de Buber centra-se na afirmação das relações interpessoais e comunitárias da condição humana. (Nota da IHU On-Line)

2 Isaiah Trunk (1905-1981): historiador polonês, reconhecido como um dos maiores pesquisadores do extermínio judeu durante o regime nazista. Após fugir para a União Soviética, Israel e Canadá, estabeleceu-se nos Estados Unidos, onde se tornou chefe arquivista do Institute for Jewish Research - YIVO, em Nova York. (Nota da IHU On-Line)

3 *Judenrat* ou *Judenräte*: Conselho Judeu, em alemão. (Nota da IHU On-Line)

monstruoso”. Se é assim, a barbárie não é um atributo exclusivo de “bárbaros”. Pode perfeitamente irromper entre povos muito civilizados, basta que “a raça eleita” ou “a religião verdadeira”, ou qualquer outra construção fundamentalista se sinta ameaçada. O esclarecimento, o progresso da razão, não é suficiente para impedir a irrupção do ódio interétnico ou interconfessional.

Não é dizer, claro, que não houvesse, entre os nazistas, o mal demoníaco, monstruoso; mas o que preocupa é que, para o funcionamento da máquina nazista, para a irrupção da barbárie, bastam agentes comuns, simples funcionários de carreira.

IHU On-Line – Que nexos podem ser estabelecidos entre a irrupção do mal na Shoá e a importância da categoria cristã da memória? Isto é, da importância em se lembrar o que houve para que uma segunda injustiça não seja imputada às vítimas?

Saul Kirschbaum – A importância dessa questão não passou despercebida para Hannah Arendt. No “pós-escrito”, buscando analisar o sentido do julgamento de Eichmann, ela manifesta sua opinião de que o julgamento devia acontecer no interesse da justiça e nada mais. E lembra que ficou “contente ao ver que a sentença citava Grotius⁴, que explica [...] que a punição é necessária ‘para defender a honra ou a autoridade daquele que foi afetado pelo crime, de forma a impedir que a falta de punição possa causar sua desonra’”. A indiferença, que acompanha a desumanização dos indivíduos, sua transformação em funcionários, em meras engrenagens, conduz à impunidade dos agressores, a qual imputa às vítimas uma segunda injustiça – a presunção de sua culpabilidade. Essa postura se manifesta claramente no comentário de Jean

Améry⁵ em *Além do crime e castigo – tentativas de superação* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2013): “Nem o grito de ‘rebenta!’, nem as suspeitas que se comentavam pela rua, ou seja, que os judeus deviam ter cometido algo grave, pois em caso contrário não seriam tratados tão severamente, eram alucinações histéricas. ‘Se estão sendo detidos é porque algo devem ter tramado’, conjecturou em Viena uma operária social-democrata.”

IHU On-Line – Em que sentido a Shoá e a peculiaridade que o mal assumiu nesse episódio são emblemáticas para compreendermos a política do nosso tempo?

Saul Kirschbaum – Voltando ao julgamento de Eichmann, a autora sugeriu que a peculiaridade do episódio nazista não é o genocídio, “pela simples razão de que os massacres de povos inteiros não são sem precedentes”. O tipo de crime de que se tratava poderia ser melhor descrito pela expressão “massacre administrativo”, que “tem a virtude de dissipar a suposição de que tais atos só podem ser cometidos contra nações estrangeiras ou de raça diferente”. Assim, “esse tipo de morte pode ser dirigido contra qualquer grupo determinado, isto é, que o princípio de seleção é dependente apenas de fatores circunstanciais”. E alerta para uma potencialidade que já vem sendo explorada em obras de ficção científica: “na economia automatizada de um futuro não

muito distante, os homens podem tentar exterminar todos aqueles cujo quociente de inteligência esteja abaixo de determinado nível”.

Uma das características, portanto, da política moderna é a permanente possibilidade de que um grupo, motivado por alguma ideologia racial ou religiosa ou social, possa tomar conta do aparelho do Estado e mobilizar a população para o imperativo de promover a “limpeza” étnica ou religiosa ou social.

IHU On-Line – A partir dessa constatação, em que aspectos o nazismo legitimou a irracionalidade e a barbárie?

Saul Kirschbaum – Para os nazistas, os judeus impediam a “legítima” e necessária ascensão do povo alemão, e por isso mereciam ser exterminados. Eu não diria que “o nazismo legitimou a irracionalidade e a barbárie”, mas sim que mostrou que, nestas circunstâncias, os homens parecem propensos a abrir mão de sua condição de indivíduos, a afastar-se da realidade, a deixar de pensar. Há um líder, ou partido, ou centro religioso, que pensa por eles. E assim nem percebem que estão participando ativamente na irrupção da irracionalidade e da barbárie. É o que aconteceu no desmoronamento da Iugoslávia e o que parece estar acontecendo na esteira da “primavera árabe”, com as tentativas de grupos fundamentalistas de obter o poder no Egito e na Síria, para instalar estados de estria e excludente observância religiosa.

IHU On-Line – Em outra entrevista à IHU On-Line⁶, o senhor menciona que persiste na Europa o ódio ao Outro, ao Estrangeiro, àqueles que tiram as vagas de trabalho dos cidadãos “autênticos”. Qual é o limite para que esse ódio se converta numa expressão objetiva do mal?

Saul Kirschbaum – A presença do estrangeiro, do imigrante – especial-

4 Hugo Grotius (1583-1645): jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o precursor, junto com Francisco de Vitória, do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologética cristã. (Nota da IHU On-Line)

5 Jean Améry (1912-1978): escritor e filósofo austríaco, pseudônimo de Hans Mayer, trocado após o final da II Guerra Mundial. Recusou-se a escrever em alemão por muitos anos. Mudou-se para a Bélgica para fugir dos nazistas, e quando estes invadiram a cidade participou ativamente da resistência. Foi capturado e mantido prisioneiro nos campos de concentração de Auschwitz, Buchenwald e Bergen-Belsen, e liberado em 1945. De suas obras, citamos *Más allá de la culpa y la expiación. Tentativas de superación de una víctima de la violencia* (Valencia: Pre-Textos, 2004), *At the Mind's Limits: Contemplations by a Survivor On Auschwitz and its Realities* (Bloomington: Indiana University Press, 1998) e a emblemática *On Suicide - A Discourse on Voluntary Death* (Bloomington: Indiana University Press, 1999). Améry cometeu suicídio em 1978. (Nota da IHU On-Line)

6 O nazismo como essência da pós-modernidade. Entrevista com Saul Kirschbaum na edição 265 da IHU On-Line, em <http://bit.ly/ihuskirsch>

mente se for “ilegal” – sempre pode ser mobilizada, na forma de ódio ao Outro, como fator de consolidação da unidade da nação, ou como argumento para justificar dificuldades econômicas. Isto aconteceu na Espanha do século XV e na Alemanha da primeira metade do século XX, para citar apenas dois exemplos em que os judeus estiveram na posição de “outro”. Manifestações de xenofobia continuam a ocorrer nos principais estados europeus. Se as circunstâncias econômicas forem favoráveis (ou seja, negativas), o ódio ao Outro pode converter-se em expressão objetiva do mal, seja na forma de “massacres administrativos”, seja na forma de rejeição de refugiados que tentam entrar ilegalmente no país, o que frequentemente tem dado origem a desastres com imensas perdas de vidas.

IHU On-Line – Nessa lógica, como analisa a questão dos refugiados e do conflito persistente entre Israel e Palestina?

Saul Kirschbaum – Aparentemente, o conflito persistente entre Israel e Palestina não pode ser resolvido, a curto prazo, de forma satisfatória para os dois lados. Questões como o destino dos refugiados palestinos e a sobrevivência de Israel como estado seguro, dentro de fronteiras re-

conhecidas, indicam que ambos terão de fazer concessões dolorosas para que a paz possa ser construída, e eu não me sinto capaz de oferecer qualquer sugestão de solução que já não tenha sido exaustivamente considerada. Mas devemos ter presente que os fundamentalistas de parte a parte ocupam-se em dificultar ainda mais esse difícil processo. Enquanto uns se opõem à criação de um estado palestino por conta do “direito histórico dos judeus a todo o território da Grande Israel”, e argumentos similares, outros afirmam que a paz no Oriente Médio só poderá ser construída com a extirpação do Estado de Israel e a expulsão de todos os judeus.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Saul Kirschbaum – Sim, gostaria de aproveitar a oportunidade para encerrar esta entrevista com um comentário de Zygmunt Bauman⁷ em *Moder-*

⁷ Zygmunt Bauman (1925): sociólogo polonês, professor emérito nas Universidades de Varsóvia, na Polônia e de Leeds, na Inglaterra. Publicamos uma resenha do seu livro *Amor Líquido* (São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2004), na 113ª edição do IHU On-Line, de 30-08-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon113>. Publicamos uma entrevista exclusiva com Bauman na revista IHU On-Line edição 181, de 22-05-2006, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon181>. (Nota

nidade e Holocausto (Rio de Janeiro: Zahar, 1998), escrito em 1989.

“Não é o Holocausto que achamos difícil de entender em toda a sua monstruosidade. *É a nossa Civilização Ocidental que o Holocausto tornou quase incompreensível* [grifo no original] [...] Se Hilberg⁸ tem razão ao afirmar que nossas instituições sociais mais decisivas nos escapam ao controle prático e ao alcance mental, então não são apenas os acadêmicos profissionais que devem se preocupar. Verdade, o Holocausto aconteceu há quase meio século. Verdade, seus resultados imediatos estão ficando rapidamente para trás. A geração que viveu essa experiência direta praticamente já desapareceu. Mas – e este é um terrível e sinistro “mas” – aqueles aspectos de nossa civilização outrora familiares e que o Holocausto tornou de novo misteriosos ainda fazem bem parte de nossa vida. Não foram eliminados. Também não o foi, portanto, a *possibilidade* do Holocausto” (BAUMAN, 1989, p. 107).

da IHU On-Line)

⁸ Raul Hilberg (1926-2007): cientista político e historiador austríaco, é considerado um dos maiores estudiosos do Holocausto a partir de sua obra *Magnum Opus - The Destruction of the European Jews*. (Nota da IHU On-Line)

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O mal como resultado do processo civilizatório moderno

Para Oswaldo Giacoia Junior, a maldade que conhecemos é resultado de uma dinâmica de interiorização e espiritualização da crueldade

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

Transitando entre o pensamento de Nietzsche e Agamben, entre outros, Oswaldo Giacoia Junior pensa a questão do mal como um aspecto central da ética em nossos tempos, sobretudo no Ocidente. “A ética de nosso século se abre com a superação nietzschiana do ressentimento”, aponta Giacoia, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “O Mal não seria meramente a privação do Bem, ou o agir que resulta de um movimento defectivo em relação ao ideal de perfeição e bondade, mas uma força positiva, que emana das mesmas fontes de onde também procedem as supremas criações humanas, tanto na bondade quanto na beleza”, complementa.

A genealogia do processo civilizatório, estabelecida por Nietzsche, indica que o resultado da modernidade foi uma dinâmica de interiorização e espiritualização da crueldade. Nesse sentido, Agamben aponta como paradoxo a lógica da “biopolítica” e do “biopoder”, com a qual a soberania moderna define o direito de fazer viver e deixar morrer. Em síntese, estamos sob a exposição constante da morte. “Existe algo de comum entre os campos de extermínio nazistas, a atual guerra global contra o terrorismo, o modo de funcionamento dos campos de refugiados e a dizimação étnica em diferentes localidades do planeta: trata-se da redução da vida política à condição de mera vida, de vida não digna de ser vivida, de um excedente descartável, da exclusão decidida a cada vez pelo poder sobre-

rano, que não é de um indivíduo, um grupo, um partido, mas própria do funcionamento da máquina biopolítica, que leva a efeito a produção de uma nova figura de sujeito assujeitado, uma peça da engrenagem dos dispositivos de biopoder”, sustenta Giacoia.

Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo – USP e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Oswaldo Giacoia Junior é também mestre e doutor em Filosofia por esta instituição. É pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim, Universidade de Viena e Universidade de Lecce, Itália, e livre docente pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, onde leciona no Departamento de Filosofia. Especialista em Nietzsche, sobretudo em seu pensamento político, publicou, entre outros: *Nietzsche – para a Genealogia da Moral* (São Paulo: Editora Scipione, 2001), *Nietzsche como psicólogo* (São Leopoldo: Unisinos, 2004), *Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade* (Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005) e *Nietzsche & para Além do Bem e Mal* (2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005). Recentemente publicou *Nietzsche versus Kant: Um Debate a respeito de Liberdade, Autonomia e Dever* (Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012) e *Heidegger Urgente. Introdução a um Novo Pensar* (São Paulo: Três Estrelas, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – A partir das filosofias de Nietzsche e Agamben, que abordagens fundamentais surgem sobre a questão do mal?

Oswaldo Giacoia Junior – A questão do mal é, por certo, a questão central da ética, tal como a conhecemos no

Ocidente. Penso que tanto Nietzsche quanto Agamben, enquanto filósofos, situam-se no limiar de um novo pensamento ético. De acordo com a ponderação de Giorgio Agamben, feita em *O Que Resta de Auschwitz* (São Paulo: Boitempo, 2008), “a ética

de nosso século se abre com a superação nietzschiana do ressentimento. Contra a impotência da vontade em relação ao passado, contra o espírito de vingança em oposição àquilo que irrevogavelmente foi e não pode ser querido, Zaratustra ensina os homens

a querer para trás, a desejar que tudo se repita. Com Nietzsche, a crítica da moral, feita segundo uma perspectiva filosófica que procura colocar-se *além de bem e mal*, culmina na capacidade de assumir integralmente o passado, de libertar-se de uma vez por todas da culpa e da má consciência¹. O Mal não seria meramente a privação do Bem, ou o agir que resulta de um movimento defectivo em relação ao ideal de perfeição e bondade, mas uma força positiva, que emana das mesmas fontes de onde também procedem as supremas criações humanas, tanto na bondade quanto na beleza.

Já para Agamben, o ‘mal absoluto’, os regimes totalitários com suas ‘fábricas da morte’, são o ponto de partida da ética de nossos tempos, que não podemos ignorar, muito menos denegar por meio de edulcorações consoladoras. Talvez possamos dizer que, para o filósofo italiano, o mal não é banal nem radical, mas se inscreve entre as possibilidades mais assustadoras inscritas na lógica e na dinâmica da política moderna. Relativamente a isso, a experiência de Auschwitz² representa um limiar ético absolutamente inaudito; uma espécie de falência ou perempção da ética nas sociedades ocidentais contemporâneas, que exige ser tomada em consideração, sob a tradicional perspectiva da filosofia política, aquela do ideal de uma ‘vida boa’.

IHU On-Line – Em que aspectos ambos os pensadores oferecem subsídios para uma reflexão sobre as raízes do mal na humanidade?

Oswaldo Giacoia Junior – Em Nietzsche, a exigência de transição para um território ético inteiramente

desconhecido não se deve unicamente à desmesura e à atrocidade implicadas nas experiências do ‘mal absoluto’ – que tornaria desumano querer a repetição de um passado atroz. O ensinamento do eterno retorno do mesmo – que nos instiga, pelo *amor fati*, a vencer a impotência da vontade contra o passar do tempo, contra a dimensão temporal do *foi*, acerca da qual a vontade não pode senão admitir sua impotência, já que não podemos mais mudar aquilo que foi – não significa uma aceitação conformista de tudo o que acontece, uma amarga resignação diante de tudo o que foi e será, mas a afirmação radical dos processos subjetivos e singulares de responsabilização.

Já em Agamben, depois de Auschwitz, o problema ético mudou radicalmente: “não se trata mais de vencer o espírito de vingança para assumir o passado, para querer que este retorne eternamente. Também não de manter firme, por meio do ressentimento, aquilo que não se pode humanamente tolerar, até o ponto de exigir a *suspensão do tempo* e do esquecimento, que com ele advém, como medida moral para tornar indelével as marcas do passado. Num tempo em que a exceção tornou-se a regra, talvez a refutação da ética nietzschiana situe-se no espaço aberto *entre o amor fati* e a preservação do ressentimento pela impossibilidade do perdão; no *resto* que permanece entre o não assimilável, cuja repetição não pode ser querida, e o imperdoável, que não pode ser aceito nem esquecido, mas que, todavia, não deixa de se repetir. Doravante, estamos diante de um ser além da aceitação e da recusa, do eterno passado e do eterno presente – um evento que eternamente retorna, mas que, justamente por isso, é absolutamente, eternamente inassumível. Além do bem e do mal não está a inocência do devir, mas uma vergonha não somente sem culpa, mas, por assim dizer, sem tempo”.

IHU On-Line – Em que sentido o mal que brotou no Holocausto pode ser compreendido não como uma expressão da barbárie ou da irracionalidade, mas, pelo contrário, da hiper-racionalidade que caracteriza a modernidade e seu projeto político?

Oswaldo Giacoia Junior – A pergunta contempla um campo de indagação que já havia sido explorado por Adorno³ e Horkheimer⁴ em *A Dialética do Esclarecimento* (Rio de Janeiro: Zahar, 1985), qual seja, a conversão do mito em esclarecimento e da racionalidade tecnocientífica em mitologia e dominação. Esse diagnóstico dos pensadores da Escola de Frankfurt⁵ já havia sido estabelecido por Nietzsche, como eles mesmos não deixam de reconhecer, em sua genealogia do processo civilizatório como resultado da interiorização e espiritualização da crueldade. Em Agamben, o paradoxo pode ser remetido à lógica da biopolítica e do biopoder, de acordo com a qual a soberania moderna como poder de fazer viver e deixar morrer funciona de acordo com uma lógica de ‘abandono’, ou seja, sob a forma da constante exposição à morte. É a exposição permanente à morte – essa produção da vida nua como mera sobrevivência, a produção sistêmica da

3 Theodor Adorno [Theodor Wiesengrund Adorno] (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista IHU On-Line, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon386>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da IHU On-Line)

4 Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

5 Escola de Frankfurt: escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979), Franz Neumann, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

1 Agamben, G. *Quel che resta di Auschwitz (Homo Sacer III)*. Torino: Bollati Boringhieri, 1998, p.92. (Nota do entrevistado)

2 Auschwitz-Birkenau: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polônia ocupada. Houve três campos principais e 39 campos auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Auschwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

exclusão – que define as formas atuais de ocupação do espaço político. No colapso dos estados-nação, a estruturação do campo político faz-se pela exceção, por uma lei que se aplica ao suspender-se e, assim, faz do ‘abandonado’, do excluído, um *homo sacer*: alguém, como o refugiado, que é capturado no vácuo da lei, na ‘forma’ vazia de uma lei *vigente em sua suspensão*, uma vigência sem realização. Temos, com isso, o isolamento de uma forma de vida exposta à morte, um assassinato inimputável juridicamente e insacrificável, em termos rituais – ou seja, de perigo biológico ou político a ser eliminado. Essa ocupação tanatológica do espaço biopolítico, que insere a gestão da vida natural nos cálculos estratégicos da decisão soberana, fornece subsídios para uma compreensão particularmente rica das relações entre a democracia liberal e os totalitarismos contemporâneos.

IHU On-Line – Qual é a relação que pode ser estabelecida entre o mal, a biopolítica e a máquina de extermínio nazista e os demais totalitarismos do século XX?

Oswaldo Giacoia Junior – Trata-se de uma pergunta muito difícil de ser respondida, pois exigiria a realização prévia da tarefa de diferenciar, de modo suficiente, as diferentes espécies de totalitarismo no século XX. No entanto, existe algo de comum entre os campos de extermínio nazistas, a atual guerra global contra o terrorismo, o modo de funcionamento dos campos de refugiados e a dizimação étnica em diferentes localidades do planeta: trata-se da redução da vida política à condição de mera vida, de vida não digna de ser vivida, de um excedente descartável, da exclusão decidida a cada vez pelo poder soberano, que não é de um indivíduo, um grupo, um partido, mas própria do funcionamento da máquina biopolítica, que leva a efeito a produção de uma nova figura de sujeito assujeitado, uma peça da engrenagem dos dispositivos de biopoder. O *homo sacer*, que pode ser identificado com o muçulmano de Auschwitz, é o sujeito político contemporâneo, desde que por sujeito entendamos pelo menos duas acepções principais: sujeito no sentido de assujeitado, que é um produto histó-

“Existe algo de comum entre os campos de extermínio nazistas e a atual guerra global contra o terrorismo”

rico específico de relações totalitárias de poder biopolítico, como aquelas que se operam nos campos de concentração. Mas sujeito também no sentido daquele elemento a partir do qual pode se criar e instituir uma nova forma da política.

IHU On-Line – O que a irrupção do mal em episódios como o Holocausto aponta sobre a natureza humana e o interesse em fazer sofrer?

Oswaldo Giacoia Junior – Creio que a melhor forma de considerar essa pergunta seria dizer, com Agamben, que Auschwitz constitui uma realização concreta da condição inumana. Levando ao extremo a lógica do paradoxo, pode-se afirmar que nela o humano se demonstra como aquilo que resta de sua própria destruição sistemática. O humano é o resto subsistente entre o homem (testemunha, o sujeito que tem a linguagem, e, por causa disso, pode assumir sua condição de sujeito falante) e o não homem (o muçulmano, o morto-vivo, o mínimo denominador comum de funções orgânicas, o *homo sacer*).

O muçulmano, enquanto testemunha integral, é também *não homem* e, portanto, é o que não pode testemunhar. O sujeito da enunciação, como sujeito empírico, é o que não é a testemunha integral. Temos aqui uma cisão constitutiva ou afastamento que é, ao mesmo tempo, uma integração: na impossibilidade ou impotência de dizer, que é própria do muçulmano, funda-se a possibilidade humana do discurso, na consistência do sujeito

empírico, em sua potência de dicção, na instância do discurso. O sujeito, nesses termos, é a testemunha de uma dessubjetivação; ele é o suporte da condição de *testis*, *supertes*, *autor*, daquele que vê, fala e age pelo outro, em nome do outro, que empresta seu ser e seu agir à atuação e efetivação de uma ausência – ele é, pois, o devir homem do inumano, essas figuras que, como a testemunha e o muçulmano, são divididos e inseparáveis; coextensivos e não coincidentes, cisão viva e indissolúvel. Juntos, eles formam uma dupla sobrevivência, da qual uma é função da outra: o não homem é o que pode sobreviver ao homem = o muçulmano é o homem que pode sobreviver ao homem, e que fala pela testemunha, cujo dizer torna realidade aquilo que ele próprio nem viveu, não foi, nem nunca poderá ser.

Esse é o limiar de um novo ethos, não dignidade humana, mas da vergonha, no sentido radical desse termo. A vergonha é o véu que, como a folha da figueira, encobre a nossa pudenda identidade e nudez, que gostaríamos que permanecesse oculta para sempre. Vergonha é *transitus*, é antes de tudo um processo de subjetivação e dessubjetivação, pelo qual o sujeito vem a si pela via da negatividade, por uma transcendência que o leva tanto ao que o define quanto a uma alteridade que não tolera reconhecer como constitutiva de si. Vergonha é o índice de um resto entre o eterno passado e o eterno presente, um presente histórico formado por um evento do passado que se obstina na repetição. Podemos ver isso também sob outra ótica, voltada para nosso próprio presente, pois hoje todos partilhamos a condição mais íntima de *‘homini sacer’*, existimos como sobreviventes, como mera vida instalada num espaço de exceção, permanentemente expostos à decisão soberana.

IHU On-Line – Qual é a importância da categoria do ressentimento nietzschiano e da memória e da impossibilidade do esquecimento, em Agamben, para que façamos uma reflexão do mal para além de uma compreensão maniqueísta?

Oswaldo Giacoia Junior – O sentido do pensamento abissal – o eterno retorno – em Nietzsche consiste em li-

berar o passado de uma petrificação que ameaça tornar-se uma âncora do presente e congelar antecipadamente o futuro; *poder querer* tudo o que foi, sem acréscimo nem subtração, significa a libertação da vontade humana de seu vínculo de impotência vingativa em relação à passagem do tempo, à finitude e à dor, pela transformação da resignação ou da revolta num evento de responsabilidade própria. Essa é a relação produtiva entre memória e esquecimento, que se coloca como um limite extremo para a vontade, no pensamento de Nietzsche – como criação das condições possíveis para um poder querer libertador. Trata-se de uma transfiguração a ser compreendida no registro da subjetividade, em virtude de rememoração e da simbolização, que, como se sabe, são operadores psicanalíticos de subjetivação.

Em Agamben, a evocação do indizível na experiência de Auschwitz significa menos uma contestação definitiva da ética nietzschiana do que um dos motivos que exigem de nós o reconhecimento da urgência de nos aventurarmos por um território ético até hoje desconhecido – aquele para o qual nos convoca uma ética da vergonha e do testemunho, tal como a entende o próprio Agamben, seguindo as pegadas de Primo Levi⁶.

IHU On-Line – Em que medida Auschwitz é uma sombra que não cessa de se projetar em nosso tempo? O que resta desse evento?

Oswaldo Giacoia Junior – A tarefa de pensar o que se passou nos campos de concentração, sobre o ‘que resta de Auschwitz’, exige ir além

6 Primo Levi (1919-1987): judeu italiano, um dos poucos sobreviventes de Auschwitz, o campo de concentração onde milhões de prisioneiros, judeus como ele, foram assassinados pelos nazistas. Sobreviveu para regressar a Turim, sua cidade-natal, e escrever um dos mais extraordinários e comoventes testemunhos dos campos de extermínio nazista. Em seu primeiro e mais impressionante livro, *Se questo è un uomo* (*Se isto é um homem*), escrito em 1947, Levi relata o ano que passou em Auschwitz. Em 1963, Primo Levi publica seu segundo livro *A Trégua*, em que narra os últimos dias em Auschwitz, após os nazistas terem abandonado o campo, e sua viagem de volta para casa, na Itália. Seu último livro, *Os afogados e os sobreviventes* foi publicado em 1986. (Nota da IHU On-Line)

do registro cronológico dos acontecimentos passados, para detectar, fixar e expor a estrutura jurídico-política que deu ensejo a essa monstruosidade de destruição. É a partir dessa estrutura que se pode trazer à luz aquilo que os acontecimentos efetivamente foram (e que continuam a ser) – uma vez que este é o elemento possibilitador, a lógica vigente em todo esse processo.

“Aquilo que aconteceu nos campos ultrapassa em tal medida o conceito jurídico de crime que com frequência simplesmente deixamos de investigar a específica estrutura jurídico-política, a partir da qual aqueles acontecimentos surgiram. O campo é unicamente o lugar no qual se realizou a mais absoluta *conditio inhumana* que jamais existiu sobre a Terra. No final das contas, é isso que conta tanto para as vítimas quanto para a posteridade. Seguiremos aqui, propositalmente, uma maneira contrária de proceder. Ao invés de derivar a definição do campo a partir dos acontecimentos que lá se passaram, perguntaremos, antes: *o que é um campo; qual é sua estrutura jurídico-política; por que tais acontecimentos puderam se passar ali?* Isso nos levará a considerar o campo não como um fato histórico, como uma anomalia que pertence ao passado (mesmo que, em certas circunstâncias, ainda possamos nos deparar com ela), mas, em certa medida, como a *Matrix* oculta, como o *nomos* do espaço político, no qual sempre ainda vivemos.”

IHU On-Line – Filmes como *A vida é bela* (Roberto Benigni, Drama, Itália, 1997, 116min) e *O trem da vida* (Radu Mihaileanu, Drama, França, 1998, 103min) se valem da criação de fantasias entre seus personagens para que estes conseguissem sobreviver ao horror do Holocausto. Nessa lógica, como a arte, tão cara a Nietzsche e Agamben, lida com a questão do Mal e da sua sublimação?

Oswaldo Giacoia Junior – A esse respeito, gostaria de repetir aqui, a meu modo, uma interpretação de Christoph Türcke⁷, que considero ex-

tremamente lúcida e que exprime o espírito autêntico da dialética negativa da Escola de Frankfurt, um espírito que, de certa forma, já encontramos em Nietzsche, e que também não é estranho a Walter Benjamin⁸, um pensador imprescindível para a compreensão de Agamben. Türcke observa que o essencial na experiência do eterno retorno do mesmo é a criação das condições para a “transformação da aceitação num evento de dignidade própria. O artifício do *amor fati* é um modo emocional-mental de agarrar, semelhante ao judô, que absorve a força do oponente, aumenta seu impulso e inverte-a em força sobre o oponente. Onde existe o *amor fati*, existe a arte da inversão. Para Nietzsche, ela é idêntica à arte em geral, pois a arte, conforme diz, é ‘a realidade *mais uma vez*, apenas em seleção, reforço, correção. O artista trágico não é nenhum pessimista – ele precisamente diz *sim* a tudo o que é questionável e mesmo ao que é terrível’. O verdadeiro artista é um artista da vida – justamente por desarmar dizendo ‘sim’ e fazendo como quem diz ‘sim’”.

Encarar o horror extremo pela perspectiva do *amor fati* é tomá-lo pela ótica do artista, que é também a do filósofo, na medida em que filosofia não é para Nietzsche outra coisa que ‘arte da transfiguração’. Em filosofia, como na arte, não se trata de reproduzir o real *à la lettre*, mas de torná-lo visível, perscrutando seu cerne, dispô-lo em perspectiva a partir de uma distância artística, capaz de destacar o essencial e, por isso mesmo, de relacioná-lo à esfera positiva

Der tolle Mensch. Nietzsche und der Wahnsinn der Vernunft (4ª ed., 2000), livro que foi traduzido para a língua portuguesa com o seguinte título: *O louco: Nietzsche e a mania da razão* (Rio de Janeiro: Vozes, 1993); *Sexus und Geist: Philosophie im Geschlechterkampf* (3ª ed., 2001); e *Rückblick aufs Kommende: Altlasten der neuen Weltordnung*. (Nota da IHU On-Line)

8 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

7 Christoph Türcke: filósofo alemão, professor de Filosofia na Hochschule für Grafik und Buchkunst em Leipzig. Dentre suas principais publicações destacam-se:

e criadora da responsabilização e da subjetividade.

Não se trataria, pois, apenas de recusar o acontecido, tal e qual aconteceu, mas de desintoxicar o peso inercial do passado, libertar a memória do ‘espírito de vingança voltado contra o tempo’, que é também a perpetuação do ressentimento ameaçando tanto o presente quanto todo futuro. Afinal, contestar ao veneno do ressentimento a força e a prerrogativa de ensombrecer todo futuro é uma pesada tarefa de transvaloração e de transfiguração, que nada tem a ver com neutralização do potencial tóxico e destrutivo da história. Novamente Türrcke: “Ela não se poupa a memória: aprofunda-a. Não evoca apenas, mas também presta contas acerca do que perfaz, em última instância, a força e o sentido de toda lembrança: que nos libertemos do pesadelo do passado, ao invés de enrijecermos sob sua pressão”⁹.

Em Agamben, o pensamento da repetição não é menos radical. Nesse sentido, Auschwitz, que, do ponto de vista de sua lógica e de sua estrutura, foi um acontecimento, não cessou de se repetir na modernidade, libera o acesso a uma ‘nova matéria ética’, cujo limiar consiste justamente no ponto em que, na figura do muçulmano, por ser a ‘testemunha integral’, fica tolhida para sempre toda possibilidade de distinguir entre homem e não homem, dignidade e indignidade; justamente porque habita esse espaço fronteiro de trânsito entre o humano e o inumano, entre a vida e a morte, o muçulmano adquire significado ético e político. A esse respeito, Agamben escreve: “Primo Levi começa a testemunhar somente depois que a desumanização foi realizada, somente quando falar de dignidade não teria mais sentido. Ele é o único que se propõe conscientemente a testemunhar em lugar dos muçulmanos, dos submersos, daqueles que foram demolidos e tocaram o fundo. Que, de resto, em Auschwitz cada um tivesse, de um modo qualquer, deposto a dignidade humana, fica implícito em

muitos testemunhos. Porém jamais tão claramente, talvez, como na passagem de *Os Submersos e os Salvos* (É isto um homem? – Primo Levi. Rio de Janeiro: Rocco, 2013), na qual Levi evoca o estranho desespero que acometia os prisioneiros no momento da libertação: ‘naquele momento em que sentíamos nos tornar novamente homens, isto é, responsáveis’. Portanto, o sobrevivente conhece a necessidade comum da degradação, sabe que a humanidade e a responsabilidade são algo que o deportado teve de abandonar fora das cancelas do campo”¹⁰.

É nesses termos que se recoloca em nossos dias a questão do sujeito, especialmente em vista de uma nova biopolítica; essa retomada tem de ser colocada em termos de processos de subjetivação e de dessubjetivação, como um resto, um afastamento, uma distância aberta entre processos de subjetivação e dessubjetivação. Agamben se pergunta ‘quem’ seria o sujeito de uma nova biopolítica de resistência, de uma *biopolítica menor*. E responde: “Porque o Estado moderno funciona, parece-me, como uma espécie de máquina de dessubjetivar, quer dizer, como uma máquina que quebra todas as identidades clássicas e, ao mesmo tempo, Foucault o mostra bem, como uma máquina de recodificar, notadamente o modo jurídico, as identidades dissolvidas: há sempre uma ressubjetivação, uma reidentificação desses sujeitos destruídos, desses sujeitos esvaziados de toda identidade. Hoje, parece-me que o campo político é uma espécie de campo de batalha onde se desenrolam esses dois processos: ao mesmo tempo, destruição de tudo o que era identidade tradicional – eu digo isso, por certo, sem nenhuma nostalgia; e ressubjetivação imediata pelo Estado; e não somente pelo Estado, mas também pelos próprios sujeitos (...) o conflito decisivo que se joga doravante, para cada um de seus protagonistas sobre o terreno disso que eu chamo de zoé, a vida biológica. E, com efeito, não é outra coisa: não é questão, creio eu, de retornar à oposição

política clássica, que separa claramente privado e público, corpo político e corpo privado, etc. Mas esse terreno é também aquele que nos expõe aos processos de assujeitamento do biopoder. Existe aí, portanto, uma ambiguidade e um risco”¹¹.

Leia mais...

- *Sobre técnica e humanismo*. Edição nº 20, **Cadernos IHU Ideias**, de 21-07-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuid20>.
- *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*. Entrevista com Oswaldo Giacoia Junior, edição nº 330, revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon330>.
- *Superar a condição humana, uma fantasia antiga*. Entrevista com Oswaldo Giacoia Junior, edição nº 344, revista **IHU On-Line**, de 21-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>.
- *Perfil*. Matéria sobre Oswaldo Giacoia Junior, edição nº 345, revista **IHU On-Line**, de 27-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon345>.
- *Independência do pensamento: prerrogativa máxima da filosofia*. Entrevista com Oswaldo Giacoia Junior, edição nº 379, revista **IHU On-Line**, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon379>.
- *Kant e Nietzsche e a autodeterminação como fundamento da autonomia*. Entrevista com Oswaldo Giacoia Junior, edição nº 417, revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>.
- *O que resta de Auschwitz e os paradoxos da biopolítica em nosso tempo*. Entrevista com Oswaldo Giacoia Junior publicada nas **Notícias do Dia**, de 21-08-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/ihu210813>.

9 Türrcke, C. *A Vida é Bela: O Amor Fati de Nietzsche no Cinema*. Trad. Peter Naumann. In: *Impulso*. Revista de Ciências Sociais e Humanas, n. 28, volume 12, 2001, p. 127. (Nota do entrevistado)

10 Agamben, G. *Quel che resta di Auschwitz (Homo Sacer III)*. Torino: Bollati Boringhieri, 1998, p. 54. (Nota do entrevistado)

11 Agamben, G. *Une Biopolitique Mineure*. Entretien avec Giorgio Agamben, realize par Stany Grelet & Mathieu Potte-Bonneville. In: *Vacarme* 10, hiver 2000. Mot313.html, p. 4. (Nota do entrevistado)

Lanzmann e a construção da Shoah como acontecimento

O psicanalista Robson de Freitas Pereira explora a importância do documentário considerado o registro definitivo da crueldade humana nos campos de concentração e extermínio

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

Durante o regime nazista, cerca de dois terços dos 9 milhões de judeus que residiam na Europa foram mortos. Pereceram de fome ou doença devido às condições degradantes dos campos de concentração ou de extermínio, suicidaram-se para escapar da morte em vida que ali levavam, ou então, por fim, eram submetidos à Solução Final: o extermínio nas câmaras de gás. Daqueles que se propuseram a retratar este período, nenhum cineasta foi capaz de prover um registro tão completo quanto o francês Claude Lanzmann.

Em seu documentário *Shoah* (1985), de mais de 9 horas de duração, ele abre espaço não apenas para depoimentos de sobreviventes, mas também dos que apoiaram e colaboraram para o funcionamento da máquina nazista, para os moradores das cidades do entorno dos Campos, para os próprios carrascos e, especialmente, para os Sonderkommando, judeus obrigados a lidar com os corpos nas câmaras de gás – anteriormente retratados apenas como mais um grupo de sobreviventes, ignorando a carga de culpa e violência a que foram submetidos.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o psicanalista Robson de Freitas Pereira aborda a importância da produção de *Shoah* e os cuidados e precauções do diretor na produção do filme. “Para Lanzmann, perguntas do tipo ‘Por que não se suicidaram? Por que não se revoltaram?’ eram consideradas obscenas. Afinal, mui-

tos se suicidaram, muitos se revoltaram, e alguns, corajosos também, sobreviveram milagrosamente, por um detalhe, porque o normal naquela situação era morrer.”

De acordo com Pereira, a realização de *Shoah* – que se tornou documento referenciado até mesmo por historiadores, políticos e psicanalistas – colabora para a própria construção do Holocausto como acontecimento. Não que o genocídio não tenha de fato “acontecido”, mas o obscurantismo que permeou durante muito tempo este momento promoveu o desconhecimento de muito dos horrores perpetrados nos campos de concentração. Voltar o olhar para os sobreviventes e seus relatos permite construir uma narrativa muito mais fidedigna do Holocausto.

Robson de Freitas Pereira é psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – APPOA. Além de exercer a clínica psicanalítica, tem participado ativamente das interlocuções entre psicanálise e cultura. Pereira participa nesta segunda-feira (24) do evento **Ética, Memória, Esperança. Uma perspectiva de triunfo da justiça e da vida – 11ª Páscoa IHU**, discutindo *A proposta estético-política de Claude Lanzmann no Documentário Shoah*. A apresentação, precedida pela exibição da primeira parte do filme, ocorre na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU, às 17h30min.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que consiste a proposta estético-política de Claude Lanzmann¹ em *Shoah*?

1 Claude Lanzmann (1925): escritor e diretor francês, mais conhecido pelo documentário *Shoah* (1985), que demorou 10 anos para ser produzido. O filme, com duração de 9 horas, retrata depoimentos dos sobreviventes do holocausto judeu.

Robson de Freitas Pereira – O filme *Shoah* é um marco na história do

Lanzmann revisita o tema em seu filme mais recente, *Le Dernier des Injustes* (2013), que retrata a vida de Benjamin Murelstein, o último presidente do Conselho Judeu de Theresienstadt, responsável por negociar diariamente com Eichmann. (Nota da IHU On-Line)

cinema e na própria história do pensamento. Ele transcende a questão dos gêneros na realização cinematográfica, pois não pode simplesmente ser enquadrado como um “documentário”. Ao produzir este efeito, relança e modifica questões há muito debatidas e reforça a posição de alguns realizadores fundamentais para o cinema

– vide as propostas de Eduardo Coutinho², mestre recentemente falecido.

Para dizer mais diretamente, e aqui passamos a comentar algumas das propostas estético-políticas (e éticas) de Claude, filmar uma dada realidade não corresponde a esgotar o real da qual ela se origina. Em outras palavras, somos seres de linguagem (dizer assim é quase uma tautologia), onde as palavras representam as coisas, mas mantêm uma distância, um intervalo com elas. Muito mais quando estamos utilizando uma câmera, um roteiro, uma direção e cortes para realizar determinada ideia. As imagens em movimento também formatizam aquilo que estão filmando. Este é um dos reconhecimentos que Lanzmann faz em ato, na concepção e realização de seu filme.

Memórias de Lanzmann

É importante que seja sublinhado o quanto isto também foi um processo para o próprio diretor. Ele não tinha as coisas inteiramente conceitualizadas com antecedência, para nos afastarmos de um pragmatismo barato que supõe uma relação biunívoca entre planejamento e execução. Claude precisou estar no processo de realização para dar-se conta de alguns efeitos, precisou reconhecer a necessária aprendizagem que a experiência provoca.

Nas memórias do diretor, intituladas *A lebre da Patagônia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011), podemos acompanhar seu processo de formação. As condições para suas escolhas. Aos 17 anos participa da resistência à ocupação da França na II Guerra Mundial. Oriundo de família judia, não praticante, de várias gerações francesas, cedo percebeu o antissemitismo reinante antes e depois da Guerra. O engajamento po-

lítico também é uma constante em sua trajetória – engajamento tal que se manifesta inicialmente em ensaios filosóficos, em suas reportagens jornalísticas e, posteriormente, em seus filmes. Corajoso e apaixonado, não hesita em revisar suas posições passando a criticar partidos e governos com os quais estivera alinhado, vide sua crítica ao partido comunista e aos desdobramentos que se seguiram à luta de libertação da Argélia.

A estética documental

Para nos atermos à relação com *Shoah*, vamos lembrar que Lanzmann levou mais de dez anos entre sua preparação e o lançamento. A decisão de fazer este filme implicou uma mudança de vida, tendo como uma das consequências o abandono do jornalismo. Somente continuou na revista *Temps Modernes*, fundada por Sartre³, e da qual se tornou diretor após a morte do filósofo.

Outra referência para as posições estético-políticas mencionadas: o reconhecimento da violência como algo inerente à condição humana. Reconhecimento que se manifesta nas produções públicas, mas também articuladas com a intimidade de suas fantasias infantis, influenciadas pelo cinema e pela literatura. Isto requer coragem para admitir, e aqui reproduzo uma frase do livro citado: “A questão da coragem e da covardia, vocês já devem ter entendido, é o fio vermelho deste livro, o fio vermelho da minha vida”.

Isto permitiu que ele escutasse os depoimentos para seu filme sem julgar os sobreviventes, que para ele são verdadeiros *revenants* – retornantes -, pois estiveram no inferno e

voltaram para nos dizer algo daquela situação impossível de ser reproduzida. Isto me parece importante porque corrobora uma afirmação a respeito da complexidade da *Shoah*. A situação dos campos de extermínio era tal que perguntas do tipo “Por que não se suicidaram? Por que não se revoltaram?” são consideradas obscenas por Lanzmann. Afinal, muitos se suicidaram, muitos se revoltaram, e alguns, corajosos também, sobreviveram milagrosamente, por um detalhe, porque o normal naquela situação era morrer. Morrer de inanição, fraqueza, doença, ou assassinado diretamente nos galpões de envenenamento por gás, nos caminhões especialmente preparados, ou mesmo pelos cães ou armas de seus algozes.

O reconhecimento desta condição extrema levou Claude Lanzmann a buscar aqueles que estiveram nos campos de extermínio e, escravizados, testemunharam a realização da “solução final” concebida pelos nazistas – os participantes dos Sonderkommando⁴, comandos especiais, encarregados das câmaras de gás e dos fornos crematórios (voltaremos a isto). Para retomar a afirmação inicial a respeito da contribuição para a história do pensamento: o filme influenciava as discussões sobre o genocídio, passa a fazer parte do acervo de referências para historiadores, políticos, psicanalistas. Em outras palavras, interfere na elaboração de um acontecimento complexo, tão complexo que obriga a um reconhecimento de que nenhuma disciplina, nenhuma teoria isolada seria capaz de dar conta dele. Aqui se esvai qualquer pretensão de totalidade. Neste aspecto, é uma contribuição à nossa cultura no melhor sentido.

IHU On-Line – A partir do ponto de vista ético e estético, em que sentido Lanzmann inaugurou um

2 Eduardo Coutinho (1933-2014): cineasta brasileiro, considerado um dos mais importantes documentaristas da atualidade. Iniciou produzindo ficção, com o que seria o filme *Cabra Marcado para Morrer*, em 1964. Coutinho esconde os negativos da Ditadura e retoma o projeto 1981, já em estética documental, retratando a vida dos participantes das primeiras filmagens, seu envolvimento com os movimentos sociais e o sofrimento com o regime totalitário. (Nota da IHU On-Line)

3 Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo* como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de Literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

4 Sonderkommando: prisioneiros judeus dos campos de concentração nazista que eram cooptados a trabalhar nas câmaras de gás, operando na chamada Solução Final. Os Sonderkommando não eram diretamente responsáveis pela morte dos outros prisioneiros, mas deviam se responsabilizar pelos corpos e por incinerar os ossos. A palavra, em alemão, significa “unidade especial”.

novo modo de expor a realidade do genocídio?

Robson de Freitas Pereira – Ao realizar uma obra inédita que transcende sua condição cinematográfica, passa a contribuir para uma elaboração do próprio acontecimento. Este “acontecimento” também é inédito na história moderna, pois inaugurou um procedimento sem precedentes: a tentativa de exterminar um povo e todos os outros considerados “de raça inferior”. Digo isto, porque além dos seis milhões de judeus, houve ciganos, comunistas, homossexuais e, pouco antes da “solução final para os judeus”, os processos de eugenia iniciados na própria Alemanha onde foram eliminados doentes mentais e portadores de deficiências físicas.

Entretanto, gostaria de retomar a discussão na dimensão cinematográfica e seus efeitos. Como você disse, *Shoah* inaugura um novo modo de expor a realidade do genocídio, a começar pela recusa de utilizar imagens de arquivo. Há muitas fotografias e filmes curtos documentando os campos de concentração (trabalho forçado) e menos sobre os campos de extermínio – de alguns deles não há qualquer imagem. Acontece que durante suas pesquisas preliminares Lanzmann tomou contato com estes documentos visuais e impressionou-se com a falta de critério com que eles eram utilizados. Explico: muitas vezes foram expostas lado a lado imagens feitas pelos nazistas e outras feitas pelos prisioneiros, assim como os filmes e fotos feitos pelos aliados quando libertaram os campos. Sem um esclarecimento a respeito das condições de produção destas imagens elas correm o risco de prestar um desserviço ao testemunho, ou de criar uma confusão no espectador atual. Afinal, as imagens fornecidas por um serviço de propaganda destinado a disfarçar ou mesmo ocultar um crime hediondo não podem ter o mesmo valor que aquelas produzidas pelos prisioneiros que arriscaram a vida para transmitir o horror que estava acontecendo.

Outra característica do filme foi dar voz fundamentalmente aos membros dos Sonderkommando, os esquadrões especiais. Até então, os filmes, fossem de ficção ou documentários

que procuravam tratar do tema, praticamente não faziam distinção entre os sobreviventes dos campos de concentração e de extermínio. Isto não desfaz a importância de muitos destes filmes; porém, eles tratam todos como “sobreviventes” e na visão de Lanzmann tentam fazer um discurso da sobrevivência. Segundo o diretor, não havia uma interrogação sobre a morte, sobre os limites daquele processo técnico/industrial de destruição em seus detalhes.

Por este motivo, justifica-se a presença de um Filip Müller⁵, integrante por quase três anos do “comando especial” de Auschwitz/Birkenau. Müller escapou de diversas tentativas de “assassinato” diretas. Por detalhes, escapou de um lugar onde o destino era morte. Ele fazia parte de um esquadrão encarregado de levar as pessoas para a câmara de gás, esperar o envenenamento, retirar os cadáveres e colocá-los nos fornos crematórios. Depois da incineração, trituravam-se os ossos e outros restos que não haviam sido incinerados. No auge do processo de extermínio, os fornos não davam conta dos milhares de cadáveres, então os Sonderkommando eram obrigados eles mesmos a cavar as fossas, arrojando os corpos nelas e incinerá-los. Tudo isto sabendo que iriam trabalhar até a exaustão e morte, pois, uma vez segregados para esta tarefa, não podiam mais ter contato com outros prisioneiros do campo, apenas os membros de seu esquadrão.

Lanzmann deu voz a estes heróis/vítimas, os poucos que poderiam falar sobre este processo racionalmente planejado e levado a efeito. Eles podiam dizer o que acontecia depois que o comboio ferroviário chegava e os deportados eram separados entre quem ia para os trabalhos forçados e quem ia direto para o aniquilamento. Os mortos estavam transformados em cinza, ninguém mais poderia falar por eles, falar da morte de forma tão próxima e brutal. Alguns poderão ob-

⁵ Filip Müller (1922): um dos últimos Sonderkommandos sobreviventes de Auschwitz. Acompanhando o extermínio de milhões de judeus e obrigado a lidar com seus corpos, Müller escreve em 1979 o livro *Testemunha Ocular de Auschwitz - Três anos nas câmaras de gás*. (Nota da IHU On-Line)

jetar que é uma forma muito mórbida, cruel de tratar tema tão delicado. Mas ao contrário do que se poderia imaginar, mesmo que por vezes com extrema dificuldade (quem viu o filme pode se dar conta), os *revenants* sabiam que seu depoimento era fundamental. Além disso, como elaborar um processo tão desumano e cruel sem expor os limites de sua racionalidade? Porque é uma forma de fazer algum luto e valorizar a vida.

Mais uma característica: dar voz aos carrascos, apesar das dificuldades e perigos a que o diretor se expôs. Não havia documentários assim antes de *Shoah*. E, além disso, mostrar em som e imagem a cumplicidade das aldeias, pequenas cidades, estações de trem e pequenas propriedades próximas de onde os campos foram instalados. Esta foi uma das constatações a qual o diretor chegou durante o processo de preparação das filmagens. Ele não se dava conta disso antes de visitar estes lugares próximos. Quando foi entrevistar o maquinista de trem, encontrou-se com alguém que trazia em sua vida uma história que nunca pudera contar. Ninguém havia perguntado sobre seu trabalho naqueles tempos. Trabalho de “empurrar” os vagões abarrotados de gente até a entrada de Auschwitz/Birkenau. Quem assistiu ou assistiu ao filme pode acompanhar a reconstituição e os depoimentos de outros que nunca puderam falar do cheiro nauseabundo de carne podre e queimada que entrava pelas casas todos os dias, durante vários anos.

Por último, mas não finalmente, a escolha deliberada de dar importância à palavra, ao testemunho verbal. Uma maneira de não sucumbir à hegemonia da imagem e do espetáculo, mesmo que se esteja fazendo um filme que busque exercitar os limites da linguagem cinematográfica.

IHU On-Line – Em que sentido esse documentário se contrapõe a produções anteriores, como a Lista de Schindler, por exemplo?

Robson de Freitas Pereira – Há alguns anos, quando ganhou o prêmio Irving Thalberg por sua produção cinematográfica, Steven Spielberg⁶

⁶ Steven Spielberg: (1946): cineasta e

fez um discurso em defesa da palavra no cinema. Fazia uma crítica aos filmes que, supostamente defendendo o entretenimento, negavam a condição fundadora da linguagem. Curiosamente, *Shoah* parece realizar este desejo de Spielberg, ao radicalizar a concepção de documentário que tem na palavra um eixo fundamental, capaz de dizer o indizível de uma forma que as imagens de arquivo são insuficientes.

A lista de Schindler (1994) é um filme muito diferente disto. Ali temos o predomínio da emoção e das imagens. E aqui uma das muitas discussões suscitadas pelo posicionamento de Lanzmann. Ele considera que não há possibilidade de fazer um filme em que o diretor de fotografia queira discutir qual a composição de cores mais adequada para o interior dos barracões ou fornos crematórios. Para Claude isto seria, novamente, uma obscenidade!

Pessoalmente, acredito que há uma diferença quando se realiza um filme de ficção e que ele também pode ter uma função simbólica além do entretenimento. Este foi o caso de *A Lista de Schindler*, porque a partir de seu lançamento reavivou a discussão e a crítica ao nazismo, que parecia relegada a um saudosismo. Só para lembrar, a cena final do filme deixa de lado o relato ficcional e mostra os sobreviventes colocando pedras nos túmulos dos compatriotas mortos nos campos de concentração e/ou extermínio.

IHU On-Line – Qual é o maior mérito desse documentário e sua maior limitação?

Robson de Freitas Pereira – Nas respostas acima fizemos algumas considerações a respeito dos méritos, das inovações e posicionamentos do filme *Shoah*. Entre os méritos podemos citar ou mesmo repetir o fato de haver se transformado numa obra incontornável sobre o tema do extermínio dos judeus na II Guerra mundial, tan-

to para quem faz ou gosta de cinema como para pesquisadores de uma maneira geral. Há outra observação neste elenco de características que concerne ao título do filme: ele ajudou a consolidar o acontecimento dos campos de extermínio.

Até seu lançamento era comum a utilização do termo “holocausto”, mesmo reconhecendo sua inadequação, porque seu sentido original é de sacrifício, oferenda. *Shoah* é um significante sem tradução exata, mas está muito próximo do sentido do acontecimento, tanto que a partir do filme deu-se a consolidação do nome *Shoah* para definir este acontecimento definidor da realização do mal em nossa história. Outro ponto a ser considerado está relacionado à obstinação do diretor ao longo de vários anos, garantindo que o filme mostrasse tudo aquilo que ele considerava essencial, sem abrir mão do tempo necessário que o trabalho exigia: o filme tem nove horas de duração.

Quanto ao que poderia ser considerada uma limitação, talvez pudéssemos cogitar que as limitações estejam relacionadas também aos efeitos da obra. Um deles, a transformação de um filme capital como sendo a última palavra sobre a *Shoah*. Como se depois dele nada mais pudesse ser feito ou dito. Isto é um efeito de cristalização e sacralização de um trabalho magistral que tem sua riqueza justamente no fato de ter sido iconoclasta com os cânones interpretativos de seu tempo.

IHU On-Line – Para o filósofo italiano Giorgio Agamben, o verdadeiro testemunho é justamente aquele de quem não pode falar, porque já está reduzido à perda de sua linguagem, de sua humanidade. Nesse sentido, como analisa o relato dos sobreviventes desse genocídio? Qual é a importância da categoria da memória nessa produção?

Robson de Freitas Pereira – Estas questões nos alertam de que não estamos simplesmente analisando o passado, estamos interrogando um passado recente historicamente justamente para analisar também nossa atualidade. Giorgio Agamben, ao falar sobre o que é o contempo-

râneo, diz que estar situado no seu tempo é lançar um olhar sobre a obscuridade deste tempo, e não sobre as luzes. As luzes podem nos cegar. A exigência de transparência total e de um olhar que tudo veja pode levar a uma negação das limitações que são inerentes à condição humana. O enigma, o resto faz parte da estrutura da linguagem; isto já foi reconhecido há tempos. Quem não se lembra do adágio shakespeariano? Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã sabedoria.

Quando Lanzmann realizava suas entrevistas para o filme, tinha uma preocupação em não compreender muito rapidamente, não querer compreender tudo. Argumentava que estava diante do relato de uma crueldade inédita e tão difícil de escutar que muito facilmente o entrevistador poderia tentar se defender do horror com teorias preconcebidas. Daí a atitude de aprender com o que estava sendo escutado. Além disso, revelar o que estava silenciado produz um resto, justamente pela impossibilidade do testemunho em cobrir inteiramente o real do qual ele tenta dar conta. Neste sentido, qualquer tentativa de totalizar, de um entendimento universal, logo demonstra seu fracasso. Temos que assumir esta limitação, não por defeito de qualquer disciplina, mas como possibilidade; uma abertura para o esclarecimento.

Estamos falando da mesma impossibilidade que Lanzmann reconheceu e, como consequência, foi buscar aqueles relatos que mais poderiam se aproximar deste impossível; pois como está mencionado na questão o verdadeiro testemunho, aquele que traria a verdade definitiva está vedado. Os mortos não falam, os vivos, no caso da *Shoah*, os “retornantes”, são a materialização de um legado possível. Acrescentemos que a própria natureza horrorosa do extermínio determina que não haja relato definitivo. Assim, faz-se necessário que outras gerações, outros ouvintes se apropriem e se responsabilizem deste legado e possam, ao enfrentar o mal-estar que ele provoca, combater o mal que uma racionalidade desenfreada pode provocar.

produtor estadunidense, é um dos diretores mais populares e influentes da história do cinema. Spielberg é vencedor do Oscar de melhor diretor pelos filmes *A Lista de Schindler* (1994) e *O Resgate do Soldado Ryan* (1999). (Nota da IHU On-Line)

“De Auschwitz saímos pobres em humanidade”

O filósofo Reyes Mate alerta sobre os impactos causados pelo holocausto, pois na morte a primeira vítima é sempre a humanidade do algoz

MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO DE ANDRÉ LANGER

A experiência do Holocausto judeu ainda hoje deixa feridas que não foram totalmente cicatrizadas. No entanto, para o filósofo Reyes Mate, retomar o assunto mesmo correndo o risco de expor ainda mais estas escaras é fundamental para manter a memória do acontecimento. “A memória complica as coisas, já que abre feridas. Mas a única maneira de superar esse passado doloroso é tendo-o presente e não esquecê-lo”, defende. Afinal, se considerarmos que a história foi construída sobre vítimas, “teremos de dizer que continuamos a construir a história da mesma maneira, caso não recordarmos as injustiças passadas”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Mate destaca a presença do mal banal não apenas nos campos de concentração, mas em outras esferas da vida contemporânea. Isto porque, se não é preciso ser diabólico para praticar o mal, a distância entre o cidadão comum e o criminoso torna-se ainda mais tênue e exige reflexão e autorreflexão para definir os limites. “Essa cultura da reflexão ou do juízo está cada vez mais ausente inclusive nas próprias universidades”, propõe Mate. “A generalização da corrupção entre pessoas cul-

tas e formadas é uma boa prova da facilidade com que optamos pelo mal e convivemos com a melhor boa consciência com ele.”

Para o filósofo, o holocausto foi um crime contra a humanidade. Não por infligir sofrimento ao corpo e ao homem como indivíduo. “Por ‘humanidade’ podemos entender a conquista civilizatória do *homo sapiens*, a saber, todo esse patrimônio de virtudes e conhecimentos com que fomos modelando o ser humano.” Citando Jorge Luiz Borges, Mate alerta que não se mata impunemente. “A primeira vítima é a humanidade do algoz. De Auschwitz saímos pobres em humanidade, e isso explicaria muitas coisas.”

Reyes Mate é professor do Instituto de Filosofia do CSIC (Conselho Superior de Pesquisas Científicas). Em sua pesquisa, dedica-se à pesquisa da dimensão política da razão, da história, da religião e da memória na filosofia depois de Auschwitz. É autor do livro *Justicia de las víctimas. Terrorismo, memoria, reconciliación* (Barcelona: Anthropos, Editorial del Hombre, 2008), entre outros. Em português, citamos *Memórias depois de Auschwitz* (São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Se por um lado devemos lembrar Auschwitz do ponto de vista da categoria da memória, por outro é preciso superar o trauma sofrido por todo o povo judeu. A partir da filosofia política, como é possível lidar com esse paradoxo?

Reyes Mate – É verdade que a memória complica as coisas, já que abre feridas. Mas a única maneira de superar esse passado doloroso é tendo-o presente e não esquecê-lo. Se admitirmos, com Hegel, que a história

foi construída sobre vítimas, teremos de dizer que continuamos a construir a história da mesma maneira, caso não recordarmos as injustiças passadas. Na medida em que a filosofia política tem a ver com o conceito de justiça, nessa mesma medida é preciso pensar anamneticamente a política. Sem memória da injustiça, não há política moral.

IHU On-Line – Além do Holocausto, em que outras situações

atuais você identifica a banalidade do mal?

Reyes Mate – A banalidade do mal consiste em reconhecer a proximidade extrema entre o homem normal e o criminoso. É fácil envolver o cidadão normal em uma nuvem ideológica que o leve a cometer atos criminosos. Vemos que o normal é “deixar-se levar”, ao passo que enfrentar as situações criticamente exige um esforço reflexivo do qual nos dispensamos constantemente. Essa

cultura da reflexão ou do juízo está cada vez mais ausente inclusive nas próprias universidades. A generalização da corrupção entre pessoas cultas e formadas é uma boa prova da facilidade com que optamos pelo mal e convivemos com a melhor boa consciência com ele. Infelizmente, a tese da banalidade do mal se comprova constantemente.

IHU On-Line – Em outra entrevista à nossa publicação, o senhor afirmou que a memória é ambígua, e pode levar ao ressentimento¹. A partir dessa constatação, como se pode compreender os mecanismos do ressentimento e da vingança em resposta à banalidade do mal?

Reyes Mate – É verdade que a memória pode ser utilizada para reformar o dano (ressentimento) ou para combatê-lo. A memória emancipadora é a do sofrimento, mas não a do sofrimento próprio, e sim a memória do sofrimento alheio. Quando um povo se apropria do sofrimento de seus pais ou avós como algo próprio, corre o perigo do vitimismo, de instrumentalizar a dor alheia em função, por exemplo, dos ideais nacionalistas dos netos. A memória do sofrimento não existe para endossar teorias políticas presentes, mas para propor uma política que não se baseie sobre o sofrimento de ninguém. Repito, a memória que salva não é a dos próprios sofrimentos, mas a dos sofrimentos do próximo.

IHU On-Line – Qual é o papel da técnica na disseminação da banalidade do mal em nosso tempo?

Reyes Mate – Se pensamos, por exemplo, nos programas da biologia sintética que já postulam a possibilidade de substituir o homem que conhecemos por máquinas superiores que ultrapassam os limites do ser humano, encontramos com uma banalização da perda, referida ao valor da liberdade ou à importância do tempo finito, que nos deveria dar o que pensar. Podemos chamar banalização o desprezo desses cientistas pelos limites do ser humano,

que é o que explica sua grandeza. A naturalidade com que enfrenta a destruição da liberdade em proveito de um ser mais resistente e mais exitoso tem muito a ver com a desfaçatez com que o hitlerismo colocou-se à liquidação de um povo, estimado inferior, para salvaguardar a pureza da raça superior. A tecnocracia está em poder daqueles que Günther Anders² chama de “vergonha de Prometeu”, ou seja, pelo complexo de inferioridade do ser humano que dá maior importância ao que o sujeito humano faz do que ao que ele é. Vergonha por não estar à altura de seus produtos (que são mais confiáveis, mais resistentes, melhor programados...).

IHU On-Line – Em que sentido a razão moderna, e, em última instância, o hiper-racionalismo que caracteriza nosso tempo, tem relação com a irrupção dos totalitarismos?

Reyes Mate – Hannah Arendt examinou detidamente a origem do totalitarismo. Uma de suas causas é o ideal ilustrado de igualdade que não deixa lugar para o conceito de pluralidade (que é simultaneamente igualdade e diferenciação). O difícil lugar da diferença na cultura moderna explica o antissemitismo moderno e, por conseguinte, propicia formas excludentes em todas as esferas da vida. O que quero dizer é que o totalitarismo está ligado, evidentemente, ao hiper-racionalismo da razão instrumental, mas também a outras formas de racionalismo “mais nobres” (como chamamos a “razão ilustrada”) para as quais, no entanto, a verdade pode ser pensada fazendo abstração do tempo e do espaço.

IHU On-Line – Em 2005 o senhor afirmou que o campo de concentração está se convertendo no símbolo da política moderna. Que lições políticas e filosóficas brotam dessa legitimação da barbárie?

2 Günther Anders (1902-1992): pseudônimo de Günther Stern. Foi um jornalista, filósofo e ensaísta alemão de origem judaica. Doutorado em filosofia, em 1923, sob a orientação de Edmund Husserl, tendo sido aluno de Heidegger e Cassirer. Foi colega de Hannah Arendt, com quem foi casado entre 1929 e 1936. (Nota da IHU On-Line)

Reyes Mate – Walter Benjamin³ dizia que, “para os oprimidos, o estado de exceção é a norma”. E o campo de concentração exemplifica bem o que é o estado de exceção, isto é, a suspensão do direito, a experiência de que a essência da lei é a decisão incondicional do soberano. O que estamos vendo na Europa, nestes anos de grave crise econômica, é que a solução que se está propondo é um modelo de sociedade no qual o legal é o que convém ao capital financeiro. Não há respeito aos direitos adquiridos, nem a promessas solenes. O único critério com peso e que fatalmente se impõe é o interesse dos poderosos. Esta crise colocou às claras os limites do reformismo. Estamos convocados a pensar de maneira alternativa.

IHU On-Line – Como foi possível para Hannah Arendt escrever *Eichmann em Jerusalém* e se “distanciar” de sua origem judaico-alemã no sentido de não se colocar como uma das vítimas?

Reyes Mate – Apesar das críticas de que foi objeto, é um livro indispensável. Suas críticas ao processo, à legitimação do tribunal ou ao papel dos conselhos judaicos são de peso e é preciso levá-las a sério. Penso que fez bem em não “colocar-se no lugar das vítimas”, porque ninguém deveria fazê-lo. Uma coisa é deixar-se interpellar pela vítima e outra é identificar-se com a vítima, que é o que habitualmente fazemos. Mais produtivo é colocar-se do lado do verdugo e nos perguntar o que teríamos feito em seu lugar, que responsabilidades adquirimos, etc. A vítima não quer que se lhe dê razão, mas que se faça justiça. Creio que Arendt entendeu bem tudo isso.

IHU On-Line – Qual é a importância da distinção que a pensadora faz ao afirmar que, antes de ser

3 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista **Walter Benjamin e o império do instante**, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

1 A memória como antídoto à repetição da barbárie. Entrevista com Reyes Mate na edição 291 da IHU On-Line, em <http://bit.ly/reysmate1>.

um crime contra o povo judeu, o Holocausto era um crime contra a humanidade?

Reyes Mate – Kafka⁴ dizia que, “quando se ataca um judeu, abate-se o ser humano”. Tenhamos em conta que a expressão “crime contra a humanidade” tem dois sentidos, já que por “humanidade” podemos entender a integridade física da espécie. Nesse caso, o genocídio, isto é, o ataque a algum dos povos que compõem a espécie humana, é um crime contra a humanidade, contra a integridade da espécie. Mas, por “humanidade”

4 **Franz Kafka** (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

podemos entender a conquista civilizatória do *homo sapiens*, a saber, todo esse patrimônio de virtudes e conhecimentos com que fomos modelando o ser humano. Falar, então, de crime contra a humanidade é reconhecer que nos campos de concentração morreu, boa parte desta humanidade morreu de fome. Como disse Borges⁵

5 **Jorge Luiz Borges** (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia, em narrativas fantásticas onde figuram os “delírios do racional” (Bioy Casares), expressos em labirintos lógicos e jogos de espelhos. Ao mesmo tempo, Borges também abordou a cultura dos Pampas argentinos, em contos como *O morto*, *O homem da esquina rosada* e *O sul*. Sobre Borges, confira a edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*, dis-

em *Deutsches Requiem*⁶, não se mata impunemente: a primeira vítima é a humanidade do algoz. De Auschwitz saímos pobres em humanidade, e isso explicaria muitas coisas.

Leia mais...

- *A memória como antídoto à repetição da barbárie*. Entrevista com Reyes Mate na edição 291 da IHU On-Line, em <http://bit.ly/reysmate1>.
- *Justiça, o dever da memória*. Entrevista com Reyes Mate na edição 358 da IHU On-Line, em <http://bit.ly/ihuon358>.

ponível para download em <http://bit.ly/ihuon193>. (Nota da IHU On-Line)
6 Em *O Aleph*, São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Nota da IHU On-Line)

Acesse o Twitter do IHU em twitter.com/_ihu

The screenshot displays the Twitter interface for the account @ihu. The header includes the search bar, login options, and the IHU profile picture. The bio states: "O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época... São Leopoldo - <http://www.ihu.unisinos.br>". The statistics show 55,648 tweets, 728 users being followed, and 6,366 followers. A sidebar on the left offers navigation options like 'Tweets', 'Seguindo', 'Seguidores', 'Favoritos', and 'Listas'. Below this is a sign-up section for IHU. The main feed shows three tweets: one about Bolsa Família beneficiaries, one about the world's financial system, and one about human trafficking.

Teodiceia e Antropodiceia – O mal na teologia depois de Auschwitz

Para o teólogo Karl-Josef Kuschel, após o holocausto a crença na “boa criação” e no “bom criador” está falida de uma vez por todas

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: WALTER O. SCHLUPP

A teologia clássica sempre relativizou o conceito de “Mal”, de forma que ele não fosse encarado como o oposto, mas como ausência do Bem. No entanto, após a experiência do Holocausto, a visão de um Deus pai bondoso e que sempre olha pelos seus filhos perdeu força, dando lugar a questionamentos sobre a relação do homem com o divino. Assim, na chamada *teologia depois de Auschwitz*, “a crença na ‘boa criação’ e no ‘bom criador’ está falida de uma vez por todas. As perguntas a Deus e aos seres humanos ficaram mais contundentes, insistentes, eivadas de dúvida”, esclarece o teólogo Karl-Josef Kuschel.

Retoma-se, assim, uma antiga discussão que no estudo religioso recebe o nome de teodiceia: “como pode o bom Deus Criador permitir o mal?”. Da mesma forma, Kuschel destaca uma antropodiceia: “Como as boas criaturas de Deus podem perpetrar crimes como esses?”. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o teólogo explora o lugar do mal na teologia e em como este conceito vai se transformando. Kuschel perpassa pela banalidade do mal, de Hannah Arendt, e alerta que o mal continua aparecendo em nossa época “sob formas que, ou não percebemos, ou não queremos perceber”.

Guerras, massacres e atentados fazem o mal irromper a qualquer momento. No entanto, a maldade velada é talvez a que mereça ainda mais atenção. “O horror, portanto, é que ‘o mal’ nem sempre é reconhecível como tal, nem sempre apresenta a careta do diabo e, em ple-

na atualidade, muitas vezes se apresenta por detrás da máscara de ‘cidadão de bem’”, conclui o teólogo, em diálogo direto com a “busca por justiça” que percebemos na sociedade brasileira.

Karl-Josef Kuschel leciona Teologia da Cultura e do Diálogo Inter-religioso na Faculdade de Teologia Católica da Universidade de Tübingen. É autor, entre outros, de *Jesus im Spiegel der Weltliteratur. Eine Jahrhundertbilanz in Texten und Einführungen* [Imagens de Jesus na literatura mundial. Textos e informações introdutórias para um século em perspectiva] (Düsseldorf, 1999) e *Jud, Christ und Muselmann vereinigt? Lessings “Nathan der Weise”* (Judeu, cristão e muçulmano unidos? “Natã, o sábio”, de Lessing) (Düsseldorf, 2004).

Os textos de Kuschel já foram publicados pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU em algumas oportunidades. A primeira, no **Cadernos Teologia Pública** nº 21, traz o tema *Bento XVI e Hans Küng: contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo*. Já na edição nº 28, a discussão é *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas*. Já na edição nº 49, o tema foi *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19, 1 - 38; 3, 35 - 49) Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos*. Por fim, no nº 61, Kuschel traz o artigo *Narrar Deus: meu caminho como teólogo com a literatura*. Os links para essas publicações estão no final desta entrevista.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é o mal segundo a teologia?

Karl-Josef Kuschel – A teologia clássica relativizou bastante o “mal”, a fim de evitar que se tornasse um

princípio oposto ao bom Deus Criador. Sob a influência do grande mestre latino Agostinho¹, dizia-se: “o mal”

¹ Santo Agostinho [Aurélio Agostinho] (354-

430): bispo, escritor, teólogo, filósofo, foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou o conceito de pecado original e guerra justa. Confira

não tem substância própria, é apenas “*privatio boni*”, “carência do bem”. De acordo com nossas experiências históricas no século XX (Verdun², Auschwitz³, Tuzla⁴, 11 de setembro⁵, etc.), o mal tem se revelado numa radicalidade que levou ao questionamento radical da imagem tradicional de Deus e do ser humano.

IHU On-Line – Na teologia, os campos de concentração despertaram quais abordagens da discussão sobre o mal?

Karl-Josef Kuschel – Há, desde os anos 1970, uma “teologia depois de Auschwitz”. Foi desenvolvida por teólogos judeus, como Richard Rubenstein⁶

a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da IHU On-Line, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da IHU On-Line)

2 Batalha de Verdun: conflito entre as tropas francesas e alemãs ao norte da cidade de Versun-sur-Meuse, é uma das principais batalhas da Primeira Guerra Mundial. Estima-se que houve, entre os dois lados, 750 mil baixas em 299 dias.

3 Auschwitz-Birkenau: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polônia ocupada. Houve três campos principais e 39 campos auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Auschwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

4 Massacre de Tuzla: refere-se ao ataque do exército sérvio-bósnio (Exército da Republika Srpska) que deixou 71 mortos e 240 feridos na cidade de Tuzla, na Bósnia e Herzegovina. Todas as vítimas eram jovens, entre 18 e 25 anos. (Nota da IHU On-Line)

5 11 de setembro de 2001: membros do grupo islâmico Al-Qaeda sequestraram quatro aeronaves, fazendo duas colidirem contra as duas torres do World Trade Center, em Manhattan, Nova Iorque, e uma terceira contra o quartel general do departamento de defesa dos Estados Unidos, o Pentágono, na Virgínia, próximo à capital dos Estados Unidos, Washington. O quarto avião sequestrado foi intencionalmente derrubado em um campo próximo a Shanksville, Pensilvânia, após os passageiros enfrentarem os terroristas. Esse foi o primeiro ataque letal de uma força estrangeira em território americano desde a Guerra de 1812. O saldo de mortos aproxima-se de 3 mil pessoas. (Nota da IHU On-Line)

6 Richard Lowell Rubenstein (1924): pesquisador e escritor americano de origem judaica, reconhecido por suas colaborações com a teologia do Holocausto.

e Emil Fackenheim⁷, e retomada por teólogos cristãos como Dorothee Sölle⁸, no lado protestante, e Johann Baptist Metz⁹, no lado católico, para citar apenas alguns representantes dos países de língua alemã. Essa teologia quer dar a entender que, “depois de Auschwitz”, a teologia e a antropologia não podem simplesmente continuar como antes. A crença na “boa criação” e no “bom criador” está falida de uma vez por todas. As perguntas a Deus e aos seres humanos ficaram mais contundentes, insistentes, eivadas de dúvida. Em linguagem teológica, voltou à tona a questão da teodiceia: como pode o bom Deus Criador permitir o mal? E também eclodiu a questão da antropodiceia: como é que as boas criaturas de Deus podem perpetrar crimes como esses?

IHU On-Line – Como as religiões e a literatura em geral, em face do Holocausto, processaram a questão do mal e do sentido da vida?

Karl-Josef Kuschel – Não posso falar em nome “das religiões”. Eu consigo visualizar principalmente as religiões monoteístas, proféticas, que são Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Em termos de percepção do problema, que são as experiências do mal, existem assimetrias entre as religiões e no seio das próprias religiões. Nem todos os teólogos e teólogas judeus e cristãos se sentem desafiados a tratar

(Nota da IHU On-Line)

7 Emil Fackenheim (1916-2003): reconhecido filósofo judeu e ex-rabino. (Nota da IHU On-Line)

8 Dorothee Sölle (2003): escritora alemã e teóloga da libertação. Sölle é criadora do termo Cristofacismo, que seria causada pela assunção de uma teologia autocrítica e imperialista pelo cristianismo. (Nota da IHU On-Line)

9 Johann Baptist Metz (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós-Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia é memória, solidariedade e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-04-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon13>. (Nota da IHU On-Line)

as experiências do mal. Continuam utilizando as antigas respostas, como se essa realidade nada tivesse a ver com eles ou elas.

A mesma coisa vale para teólogos islâmicos. Praticamente não existe um tratamento radical da questão da teodiceia, a qual também é uma questão da antropodiceia. O personagem Jó também aparece no Alcorão, porém não como quem se rebela contra Deus, mas apenas como pessoa que paciente e piedosamente vai aguentando. Já na literatura maior a coisa é diferente. Aí os autores teuto-judaicos como Nelly Sachs¹⁰, Paul Celan¹¹ e Elie Wiesel¹², ganhador do Prêmio Nobel da Paz, assim como o ganhador do Prêmio Nobel de Literatura Imre Kertész¹³, húngaro de origem judaica, apresentam exemplos impressionantes de como lidar com aquilo que é radicalmente mau, da forma como se evidenciou no Holocausto.

IHU On-Line – Arendt levantou o conceito de banalidade do mal. Quanto atual é esse conceito? Até que ponto se refletem aí os eventos da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, e também a reação dos Aliados, sob outras circunstâncias?

Karl-Josef Kuschel – A questão da “banalidade do mal” continua relevante para fins de diagnóstico. Mas é preciso evitar que seja mal-entendido: Hannah Arendt o utilizou ao acompanhar, em Jerusalém, o processo contra o antigo funcionário da SS, Adolf Eichmann, que organizou a “solução

10 Nelly Sachs (1891-1970): escritora alemã de religião judaica, vencedora do Nobel de literatura em 1966. (Nota da IHU On-Line)

11 Paul Celan (1920-1970): poeta romeno radicado na França. Sobrevivente do Holocausto, foi um dos mais importantes poetas modernos da língua alemã. (Nota da IHU On-Line)

12 Elie Wiesel (1928): judeu nascido na Romênia. Foi sobrevivente dos campos de concentração nazistas. Em 1986, ganhou o Prêmio Nobel da Paz, pelo conjunto de sua obra, quase 40 livros, que resgatam a memória do holocausto e defendem outros grupos vítimas de perseguições. É professor de Direitos Humanos na Universidade de Boston (EUA). Entre seus livros destacam-se *A Noite* (Ediouro, 2006, 120 p.) e *Tempo dos Desenraizados* (Record, 2004, 330 p.). (Nota da IHU On-Line)

13 Imre Kertész (1929): escritor húngaro de religião judaica, vencedor do Nobel de Literatura de 2002. É sobrevivente do Holocausto. (Nota da IHU On-Line)

final da questão dos judeus” pelos nazistas. A intenção dela não era relativizar a monstruosidade do holocausto. Banal, aqui, não é o mal que ali se evidenciou. O que interessa é que “o mal” nos é apresentado em personagens relativamente medíocres, que nesse sentido são “banais”: são meros burocratas delinquentes, que continuaram reclamando sua legitimidade com base na “ordem do Führer”, mesmo depois que [souberam que] milhões de pessoas foram assassinadas. O horror, portanto, é que “o mal” nem sempre é reconhecível como tal, nem sempre apresenta a careta do diabo e, em plena atualidade, muitas vezes se apresenta por detrás da máscara de “cidadão de bem”.

IHU On-Line – Em que medida a Literatura desvela a pátina de civilização que recobre a política no Terceiro Mundo?

Karl-Josef Kuschel – Justamente a experiência do Holocausto ou de outros crimes contra a humanidade (mais de 100 mil mortes atualmente na Síria!) mostra a nós “pessoas esclarecidas”¹⁴ que nenhum padrão civilizado está garantido. A pátina da civilização é muito fina. “O mal” pode irromper a qualquer momento. Por isso é preciso manter-se alerta. O combate ao mal e a defesa dos direitos humanos são uma luta inconclusa. Nada está garantido de uma vez por todas. Quem não reconhecer isso estará enganando a si próprio.

IHU On-Line – No Brasil e muitos outros países da América Latina, as ditaduras se valeram de técnicas de tortura e perseguição. Que análise pode ser feita dessas situações a partir do conceito de banalidade do mal, de Hannah Arendt?

Karl-Josef Kuschel – Aquilo que um carniceiro como Eichmann perpetrava com a maior frieza, repete-se de outra forma em outros países, infelizmente. Com isso não quero relativizar o crime cometido contra o povo judeu, mas dizer apenas o seguinte: o mal continua aparecendo em nossa época sob formas que, ou não perce-

bemos, ou não queremos perceber. Ditadores mundo afora mandam cometer crimes clamorosos sob o manto do direito. A análise feita por Hannah Arendt continua plenamente válida.

IHU On-Line – A partir da controvérsia acerca de Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal, como analisa o rompimento entre Hans Jonas¹⁵ e Hannah Arendt?

Karl-Josef Kuschel – Se estou bem informado, Hans Jonas, cuja mãe foi assassinada em Auschwitz, não rompeu sua amizade com Hannah Arendt por causa da interpretação que ela fez sobre Eichmann, mas porque, por ocasião do processo contra Eichmann, ela – que, como Jonas, era de ascendência judaica e refugiada da Alemanha nazista em 1933 – criticou as organizações judaicas e funcionários judeus por terem oferecido e organizado muito pouca “resistência”. Não tenho condições de avaliar se essa crítica dela é válida ou não. Porém, no meio judaico, suscitou reações indignadas que fizeram estremecer algumas relações de amizade de Hannah Arendt. Mas, justamente na qualidade de judia, ela acreditava ter de apresentar a sua convicção.

IHU On-Line – Nesse sentido, qual é a importância do diálogo entre Teologia e Literatura para se refletir sobre o Mal?

Karl-Josef Kuschel – A experiência do mal é tratada pela teologia e pela literatura a partir de perspectivas diferentes. O papel assumido pela literatura tem sido o de descrever a realidade sem papas na língua, perceber a complexidade do mal nas diversas formas em que se apresenta e evitar toda e qualquer abstração (6 milhões de vítimas do holocausto, 3 mil mortos em 11 de setembro!) ao apresentar as pessoas concretas em sua sina. Nesse aspecto, a literatura é

imprescindível. O forte dela é ilustrar as situações individuais. Em seguida vem o processo de interpretação. É aí que a teologia entra no “jogo”. Afinal, desde os tempos de Jó a teologia enfrenta a questão de duas faces: primeiro, como conciliar a existência do mal com a fé numa Criação boa e num Criador justo? Segundo, o que há no ser humano que o capacita a sempre voltar a cometer crimes de lesa-humanidade?

Assim sendo, tanto a literatura quanto a teologia se empenham por respostas para a experiência do “abismo Deus” e do “enigma pessoa humana”. Isso dá vida a ambas. O medo da teologia e da literatura não é o de viver com respostas incompletas, e sim a insofismável indiferença das pessoas que não se impressionam com mais nada.

Leia mais...

- “A Fundação Ética Mundial está chegando na hora certa ao Brasil”. Entrevista com Karl-Josef Kuschel na edição 279 da revista **IHU On-Line**, em <http://bit.ly/ihuon279>.
- O papel contemporâneo da religião. Entrevista com Karl-Josef Kuschel na edição 302 da revista **IHU On-Line**, em <http://bit.ly/ihuon302>.
- Bento XVI e Hans Küng: contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo. **Cadernos Teologia Pública** nº 21, disponível em <http://bit.ly/ihuteo21>.
- Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas **Cadernos Teologia Pública** nº 28, disponível em <http://bit.ly/ihuteo28>.
- Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19, 1 – 38; 3, 35 – 49) Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos. **Cadernos Teologia Pública** nº 49, disponível em <http://bit.ly/ihuteo49>.
- Narrar Deus: meu caminho como teólogo com a literatura. **Cadernos Teologia Pública** nº 61, disponível em <http://bit.ly/ihuteo61>.

¹⁴ *Aufgeklärte*: no original do entrevistado, também significa pessoas informadas segundo os padrões do Iluminismo, ou Esclarecimento. (Nota do tradutor)

¹⁵ Hans Jonas (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnocientífico. A sua obra principal intitula-se *O princípio responsabilidade* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2006). Confira a edição 371 da Revista **IHU On-Line**, de 29-08-2011, intitulada *Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon371>. (Nota da IHU On-Line)

Humor como fuga da crueldade no século XX

Em tempos de desencanto, ceticismo e egoísmo, o psicanalista Abrão Slavutzky acredita que temos a oportunidade de construir novos sentidos para nossa existência

POR ANDRIOLLI COSTA E MÁRCIA JUNGES

De acordo com Abrão Slavutzky, a psicanálise não tem um conceito para o mal. No entanto, como algo inerente à condição humana, é possível compreender a maldade a partir das punções que ela gera sobre o indivíduo. “O mal não se faz só para o outro de forma sádica, mas a si mesmo de forma masoquista e melancólica”, esclarece. “Há em todo ser humano a ambivalência, como quando o amor e o ódio são dirigidos à mesma pessoa. Logo, tanto fazemos o bem ao outro como o mal”, afirma ele, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

O mal fazia parte da centralidade do pensamento de Hannah Arendt, autora, entre outros, de *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal* (São Paulo: Companhia das Letras, 1999). Eichmann era um burocrata responsável pelo transporte dos judeus para os campos de concentração, mas defendia firmemente que nunca havia matado um único judeu – afinal, o que lá acontecia uma vez transportados já não era de sua responsabilidade. A desumanização do homem em favor da técnica fez Arendt cunhar o conceito do mal “banal”, que se diferencia de um mal tradicional, diabólico.

A *Shoah*, como é conhecido o holocausto judeu, é um marco na historiografia mundial e elevou a novos níveis a crueldade do ser humano. Este é o tema de estudo de Slavutzky, que sonda os espaços do cruel no ser humano a partir do humor. “Creio que a crueldade deveria ser estudada ao lado do humor, em especial o humor negro. Quem sabe não é uma forma de diminuir o peso de certo inferno que é a crueldade?”.

No caso judeu, Slavutzky resgata que o humor estava presente mesmo durante os tempos terríveis do holocausto. Segundo ele, os prisioneiros eram obrigados a fazer suas necessidades um do lado do outro, em uma grande mesa com buracos. Tal situação degradante era acompanhada por um único soldado nazista, que por sua tarefa de vigília recebeu o apelido de *Senhor da merda*. “Ora, essa história se espalhou e divertiu muitos que se sentiram superiores ao soldado de merda. Pode parecer pouco, mas para quem estava no inferno e podia dar um meio sorriso já era muito”.

Abrão Slavutzky é psicanalista e médico psiquiatra com formação em Buenos Aires. Graduiu-se em medicina em 1971, na Fundação Católica de Medicina do Rio Grande do Sul. Desde 2001, é colaborador do jornal Zero Hora e de diversas revistas. Entre outros, é um dos autores e organizadores de *Seria trágico... se não fosse cômico – humor e psicanálise* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005), *Quem pensa tu que eu sou?* (São Leopoldo: Unisinos, 2009) e *Psicanálise e cultura* (Rio de Janeiro: Vozes, 1983). Alguns dos livros que organizou são *O Dever da Memória – O Levante do Ghetto de Varsóvia* (Porto Alegre: AGE, 2003) e *A paixão de ser – depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica* (Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998).

Slavutzky lança seu novo livro ainda em março, intitulado *Humor é coisa séria* (Porto Alegre: Editora Arquipélago, 2014).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é o mal para a psicanálise?

Abrão Slavutzky – A psicanálise não tem um conceito para o mal,

palavra estudada desde a filosofia através da moral e da metafísica. Entretanto, para se pensar o mal desde a psicanálise, é indispensável saber

que o mal não se faz só para o outro de forma sádica, mas a si mesmo de forma masoquista e melancólica. Além do mais, há em todo ser hu-

mano a ambivalência, conflitos de ambivalência, quando o amor e o ódio são dirigidos à mesma pessoa. Logo, tanto fazemos o bem ao outro como o mal. Por outro lado, Freud¹ conceitualizou o mal-estar em uma obra-chave para o tema do mal, especialmente na modernidade. Em várias passagens dessa obra escrita em 1929, *O mal-estar na cultura* (Porto Alegre: L&PM, 2010), em sua maturidade de pensador, ele escreveu frases como: “a inclinação agressiva é uma disposição pulsional autônoma, originária do ser humano”. Destaca que, sob circunstâncias propícias, quando estão ausentes as forças anímicas contrárias que inibem a agressão cruel, cai a máscara dos seres humanos como bestas selvagens. O próximo pode ser um objeto sexual, satisfazer nele sua agressão, explorar sua força de trabalho sem ressarcir-lo, despojá-lo de seu patrimônio, humilhá-lo, infligir-lhe dores, martirizá-lo e assassiná-lo. Ressalta que tudo isso é possível graças à pulsão destrutiva, decorrente da pulsão da morte.

IHU On-Line – Qual é a relação entre a crueldade e a condição humana?

Abrão Slavutzky – Um dos capítulos de *Quem pensa tu que eu sou?* (São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2009)

“Pode parecer pouco, mas para quem estava no inferno e podia dar um meio sorriso já era muito”

foi “A crueldade é humana”, e pensei até se não era um título cruel. Ainda é difícil suportar que a crueldade constitui a condição humana, por isso, às vezes, se diz crueldade desumana. Antes de seguir, conto uma história sobre a crueldade humana do livro recém-citado *O mal-estar na cultura*. Freud se refere a um escrito de Heinrich Heine², a quem considerava um grande poeta, como realmente foi. Heine confessa: “Eu tenho as intenções pacíficas. Meus desejos são: uma modesta cabana com o teto de palha, mas com um bom leito, boa comida, leite e pão muito frescos; em frente à janela, flores, e algumas formosas árvores à minha porta; e se o bom Deus quer me fazer mesmo sortudo, que me dê a alegria de que destas árvores estejam dependurados seis ou sete de meus inimigos. De todo o coração lhes perdoarei, mortos, todas as maldades que me fizeram. Sim: se deve perdoar a seus inimigos, mas não antes que estejam enforcados”. Freud cita mais de uma vez essa passagem em que Heine, com uma fina ironia, brinca da nossa caridade através de uma gozação. Começa suave, alegre, até que pode expressar ao final sua fantasia agressiva, cruel, comum nos seres humanos. O humor é uma expressão

tanto da sexualidade como da agressividade, e uma das expressões mais criativas e saudáveis.

Óbvio que nós não somos só cruéis sempre, mas na História sobra a crueldade quando está em jogo o poder. Crueldade e poder andam juntos tanto no mundo público como no privado. Para exercer a crueldade é preciso poder sobre si, no caso da mortificação, ou sobre outro expressando um gozo agressivo. Esse é um tema central tanto nas relações interpessoais como na política e na História. Poder e crueldade estão associados à paranoia, uma dimensão essencial da condição humana e das rivalidades fraternas. Recordo que o primeiro crime da Bíblia é quando Caim mata Abel, por inveja, rivalidade diante do Todo-poderoso. Às vezes, penso que, se Ele tivesse aceitado a oferenda do “brabo” Caim, quem sabe a história da humanidade tivesse sido outra.

Muitos pensadores, como Jacques Derrida³ e Edgar Morin⁴, escre-

3 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

4 Edgar Morin (1921): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do *Ciclo de Estudos sobre “O Método”*, promovido pelo IHU em parceria com a Livraria Cultura de Porto Alegre em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). Confira a edição especial sobre esse pensador, intitulada *Edgar Morin e o pensamento complexo*, de 10-09-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon402>. (Nota da IHU On-Line)

1 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos *CADERNOS IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon16>. (Nota da IHU On-Line)

2 Heinrich Heine [Christian Johann Heinrich Heine] (1797-1856): poeta romântico alemão, conhecido como “o último dos românticos”. Boa parte de sua poesia lírica, especialmente a sua obra de juventude, foi musicada por vários compositores notáveis como Robert Schumann, Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Brahms, Hugo Wolf, Richard Wagner e, já no século XX, por Hans Werner Henze e Lord Berners. (Nota da IHU On-Line)

veram preocupados sobre a crueldade nos últimos anos. Devemos simplesmente ocupar daquela que pode ser a maior ferida narcisista da humanidade, quem sabe não é o problema dos problemas? A psicanálise esboçou várias respostas para se entender a crueldade através da pulsão de morte. Sua visão do ser humano foi marcada, certamente, pela Primeira Guerra Mundial (que está fazendo cem anos em 2014), pois em 1920 Freud escreveu *Mais além do princípio do prazer*⁵, quando introduz o conceito de pulsão de morte. Pulsão da qual pode se desdobrar em novos conceitos como pulsão de destruição e compulsão a repetição. Lacan⁶ introduziu a expressão “vontade de destruição” como um gozo poderoso. De qualquer forma, a pulsão de morte e a pulsão de vida devem ser pensadas desde suas quatro características: Pressão, Alvo, Objeto e Fonte.

IHU On-Line – Em que sentido o mal se manifesta e se engendra em contextos sociopolíticos e culturais, sobretudo a partir do século XXI?

Abrão Slavutzky – Antes de entrar no século XXI, convém recuar ao tempo em que a crueldade se incrementou de forma quase irreversível. Recuar aos tempos em que se ini-

ciou a agricultura, há mais ou menos doze mil anos. O arqueólogo Richard Leakey⁷, em *O Povo do Lago – O homem, suas origens, natureza e futuro*, pergunta se de caçador a agricultor houve um salto gigantesco positivo ou um passo fatal. A agricultura trouxe um incrível aumento da agressividade, da luta pelo poder, da criação de novas armas com a fixação do homem na terra. O paradoxo é que ao mesmo tempo ocorreu um salto de criatividade, um salto no conhecimento humano, acompanhado de um incremento da destrutividade na busca da vitória sobre o outro, a outra tribo, a outra civilização.

A guerra, como tudo, tem sua história, como tão bem escreveu, entre outros, John Keegan⁸ em seu livro *Uma história da guerra* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2006). Na sua leitura fica claro que a guerra não é a continuação da política por outros meios, como escreveu Clausewitz⁹ em *Da guerra* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 1996). A guerra precede o Estado, a diplomacia, em vários milênios. Ela é quase tão antiga como o homem, pois a guerra atinge o coração humano, sua alma, através do desejo de poder, do orgulho, da emoção suprema, da capacidade de matar. Para se entender os últimos cem anos, é necessário conhecer como a guerra evoluiu junto ao poder econômico na sociedade. Na verdade, as duas guerras mundiais foram guerras anunciadas, desejadas mesmo. A Primeira Guerra, gerada por disputas de terras, de mercado, despertou o entusias-

mo de quase toda a população da Europa, que cantavam felizes indo à guerra. Já a Segunda Guerra foi quase uma continuação da primeira, ajudada muito pela crise capitalista de 1929, pela ascensão do nazismo liderado por Hitler diante da quase paralisia das potências como Inglaterra e França. Tudo se somou em termos de fatores históricos, sociais e econômicos para uma guerra que começou em 1914 e terminou em 1945, com um intervalo de uns vinte anos.

IHU On-Line – Qual é o lugar do mal na racionalidade moderna, e qual é a sua relação com a técnica e a impessoalidade?

Abrão Slavutzky – Há cem anos, mais ou menos, houve escritores como Franz Kafka¹⁰ que perceberam o poder da burocracia, da Justiça, do poder, da modernidade, esmagando o ser humano. Rer seus livros como *A metamorfose* (São Paulo: Companhia das Letras, 1985) e *O processo* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2011) gera espanto pela sua clareza do futuro. Seus estudos chegam a afirmar que ele pressentiu, em sua ficção, o terrível nazismo que estava por ocorrer. Nosso mundo ainda hoje pode se definir como kafkiano. Esse adjetivo exprime, na visão de Milan Kundera¹¹, um mundo que não passa de uma única e imensa instituição labiríntica, da qual os indivíduos não podem escapar e a qual não podem compreender. A existência física do homem não passaria de uma sombra e uma máquina de autculpa. O que escapa a muitos estudiosos do autor de *Cartas a meu pai* (Porto

5 In: Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imao, 1996. (Nota da IHU On-Line)

6 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista *IHU On-Line*, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista *IHU On-Line*, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?* [ne cède pas sur ton désir?], realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da IHU On-Line)

7 Richard Leakey [Richard Erskine Freyre Leakey] (1944): político e paleontólogo queniano, ganhou repercussão internacional ao encontrar diversos fósseis humanos na África. (Nota da IHU On-Line)

8 John Keegan (1934-2012): professor e historiador britânico especialista em conflitos bélicos. (Nota da IHU On-Line)

9 Carl Phillip Gottfried (or Gottlieb) von Clausewitz (1780-1831): soldado e intelectual prussiano. Escreveu um livro que se tornou o mais influente trabalho da filosofia militar no mundo ocidental. Este livro, *On War* (no original alemão, *Vom Kriege*), exerceu enorme influência no pensamento militar e político durante e após o século XIX. (Nota da IHU On-Line)

10 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

11 Milan Kundera (1929): autor tcheco. Sua obra principal, “A Insustentável Leveza do Ser”, ganhou em 1988 uma adaptação para o cinema. (Nota da IHU On-Line)

Alegre: L&PM, 2004) é seu sentido de humor, e isso Walter Benjamin¹² salienta em uma carta a Gershom Scholem¹³: “Cada vez mais me parece que o elemento essencial em Kafka era o humor”. Creio que a crueldade deveria ser estudada ao lado do humor, em especial ao humor negro. Quem sabe não é uma forma de diminuir o peso de certo inferno que é a crueldade?

IHU On-Line – Em que aspectos a Shoah é um dos eventos mais emblemáticos para analisarmos o mal que espreita dentro de cada um?

Abrão Slavutzky – Em boa medida, a Shoah, o genocídio que sofreu o povo judeu, foi uma surpresa para todos. Há fortes indícios de que a Solução Final, como o nazismo chamou os campos de extermínio com suas câmaras de gás, ocorre quando surge a possibilidade de a Alemanha perder a guerra. Foi quando começou o fracasso diante da União Soviética, na batalha de Stalingrado¹⁴, entre outras.

Creio que a Shoah não desaparecerá, ela permanecerá como um desafio para se pensar a loucura que faz parte da condição humana. Não temos o direito de seguir sendo ingênuos sobre quem somos ou sobre quem podemos chegar a ser em certas circunstâncias. Há em todo ser humano um par complexo que se chama masoquismo/sadismo. Ou seja: desfrutamos do mal, seja o que ocorre conosco,

“Quem sabe não é uma forma de diminuir o peso de certo inferno que é a crueldade?”

co, seja o que somos capazes de fazer ao outro. Em outras palavras: somos masoquistas e sádicos em proporções diferentes, que se manifestam em situações propícias.

Voltando à Shoah: o povo judeu viveu dois mil anos sendo expulso de quase todos os lugares, e aprendeu a viver na incerteza. Já diante do nazismo esteve completamente desamparado, não imaginou a que nível poderia chegar a crueldade humana. Crueldade que se viu na própria polícia judaica dentro dos guetos e campos de concentração.

IHU On-Line – Quais são os impactos do mal na organização da sociedade desde o século passado?

Abrão Slavutzky – Há muitos impactos, como a loucura pelo lucro a qualquer custo e o desprezo pelo ser humano. Um empobrecimento espiritual expresso pelo esvaziamento da fraternidade e da igualdade. Há um crescimento do sentimento de desamparo diante da violência, do vazio de sentido, do aumento do consumo das drogas. Vivemos tempos de desencanto. Cresceu o ceticismo, o egoísmo, a frustração dos ideais sociais e um salve-se quem puder. Ou seja: salvem-se os mais fortes e poderosos e que se esqueçam os sem teto, sem comida, sem terra, sem saúde. Estamos diante de grandes desafios sobre o que podemos e devemos fazer. Por outro lado, temos a oportunidade de construir sentidos novos para nossa existência.

IHU On-Line – Qual foi a repercussão da publicação de Eichmann em Jerusalém (São Paulo: Companhia das Letras, 1999) junto à comunidade

de judaica? Quais foram as principais ideias de Hannah Arendt que foram contestadas pelos judeus?

Abrão Slavutzky – Não há uma só comunidade judaica, ao contrário, há muitas. Uma primeira divisão seria a comunidade religiosa e a profana; uma segunda seriam as grandes diferenças entre o judaísmo ortodoxo e o que não é; o mesmo entre os não religiosos, pois há os que podem questionar tanto o povo judeu como Israel e os que só podem elogiar. Do pouco que sei da pergunta, Hannah Arendt foi criticada por intelectuais, pela forma como tratou os judeus no seu livro. Fria, distante, em mais de trezentas páginas de livro não se percebe sua compaixão. Crítica feroz aos líderes judeus, às vezes com razão, desprezando o governo israeli, e uma tolerância com Adolf Eichmann surpreendente. No final do livro, página 310, no pós-escrito, afirma que Eichmann simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo. Assegura que ele não sabia pensar, e portanto seu mal era banal, Eichmann era superficial. Sei que é uma ousadia escrever que a grande Hannah foi banal na sua reflexão, mas é o que penso, pois Eichmann esteve junto a onze grandes líderes do nazismo na reunião de janeiro de 1942, em que foi decidida a Solução Final, e era o responsável por todo o transporte dos condenados à morte.

IHU On-Line – Em que medida o conceito de banalidade do mal arendtiano ajuda na reflexão do mal como constitutivo da natureza humana?

Abrão Slavutzky – Conceito de banalidade do mal? Hannah Arendt nunca conceitualizou banalidade do mal, pelo que se sabe. O subtítulo de seu livro *Eichmann em Jerusalém* é “Um relato sobre a banalidade do mal”. Foi esse subtítulo que deu ao livro um espaço na mídia e nos debates por ser Hannah Arendt uma pensadora de primeira linha. Sou fã dessa mulher pelo seu livro *Origens do Totalitarismo*, uma análise consistente do antissemitismo, do imperialismo e do totalitarismo. Gosto mais desse livro do que de *A Condi-*

¹² Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Gershom Scholem (1897-1982): pesquisador da mística judaica, se estabeleceu no estudo da Cabala em Jerusalém. É autor de *Die jüdische Mystik in ihren Hauptströmungen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000) e *Zur Kabbala und ihrer Symbolik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1998). (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Batalha de Stalingrado: operação militar conduzida pelos alemães e aliados contra as forças russas em 1942 pela posse da cidade de Stalingrado, durante a II Guerra Mundial. (Nota da IHU On-Line)

ção Humana, que também é bom, e de *Homens em Tempos Sombrios*. Agora, em seu livro sobre Eichmann ela não foi a fundo sobre o nazismo, como foi Saul Friedlander¹⁵. Em seu premiado livro de História *Alemanha Nazista e os Judeus*, escreveu sobre Arendt: “Hannah Arendt coloca parte da responsabilidade pelo extermínio dos judeus da Europa diretamente sobre os ombros de vários grupos de liderança judaica: os Conselhos Judaicos, os *Judenräte*. Essa tese, em grande parte não comprovada, faz dos judeus colaboradores em sua própria destruição. Na verdade, toda a influência que as vítimas poderiam ter sobre o curso de sua própria vitimização era marginal, mas em algumas intervenções, sem dúvida, ocorreram (para o bem e para o mal)”.

Ela julgou Eichmann apenas vendo seu comportamento no julgamento, o que me pareceu superficial. Eichmann representou ser um simples funcionário, só um executor de ordens. Argumento que todos os nazistas e os que trabalharam para as ditaduras na repressão também dizem. Por que Hannah não seguiu a sugestão de seu grande amigo Karl Jaspers¹⁶ e conceitualizou a banalidade do mal? Mistério, como mistério sua relação de proteção ao seu velho professor Heidegger¹⁷, cuja foto-

grafia estava em cima de sua mesa de trabalho até sua morte. Lembro que o autor de *Ser e Tempo* foi reitor na universidade durante o início do governo nazista, expulsando e perseguindo professores judeus. E, de forma arrogante, se manteve em silêncio, pelo que se sabe, sobre esse período negro da Alemanha.

IHU On-Line – Arendt insistiu, no epílogo do livro, em que seu relato sobre o julgamento de Eichmann não tratava de uma teoria sobre a natureza do mal. Em todo caso, como podemos compreender esse conceito dentro do contexto da Shoah?

Abrão Slavutzky – Se quem propõe que o mal pode ser banal não explica, não justifica sua expressão banalidade do mal, como vamos inventar agora uma justificativa? Hannah Arendt, em minha opinião, entendeu pouco do que ocorreu mesmo no nazismo. Muitas vezes, os líderes nazistas afirmaram que ou a humanidade será nazista ou judaica. Acreditavam que os judeus estavam por trás do comunismo e do capitalismo. Portanto, havia um só inimigo principal que eram os judeus. Na sua carta de despedida, Hitler repetiu seu ódio aos judeus. Friedlander, na obra recém-citada, escreveu um capítulo sobre o Antissemitismo Re-

dentor, diferente sobre tudo que era o antissemitismo antes do nazismo. Por fim: a *Shoah* é mais complexa e difícil de entender do que se imagina. Há um documentário feito por Alfred Hitchcock em 1945 – *Memórias dos Campos* –, feito na libertação dos judeus de Auschwitz, Bergen-Belsen, Buchenwald e Dachau. São cenas filmadas por soldados britânicos e soviéticos na hora mesma da libertação, e hoje já está na internet. Entretanto, a Inglaterra decidiu não fazer público o documentário, ele está no Museu Imperial da Guerra, e só em 2015 será restaurado, para os 70 anos da libertação da Europa. As cenas são assustadoras, e dizem que Hitchcock esteve por semanas muito mal, sem poder trabalhar. Vi um documentário feito no gueto de Varsóvia pelos nazistas e fiquei angustiado, não foi fácil vê-lo todo. Vi para escrever no livro *O dever da memória – O levante do gueto de Varsóvia* (Porto Alegre: Editora Age, 2003).

IHU On-Line – Em que medida a Shoah e a peculiaridade que o mal assumiu nesse episódio são emblemáticos para compreendermos a política do nosso tempo?

Abrão Slavutzky – Não sou um estudioso da política, no máximo tento entender como nós, seres humanos, nos situamos diante do que ocorre à nossa volta. Se fosse escolher uma palavra para conversar sobre os dias atuais, quanto à política, proporia o desamparo como o verdadeiro mal-estar na cultura, hoje. Além do que sejamos sinceros: quem está mais ou menos orientado hoje em termos políticos? Estamos desenvolvendo a sabedoria da incerteza e a pensar labirinto.

IHU On-Line – Como podemos compreender o paradoxo de o povo judeu ter sofrido as piores atrocidades de que a humanidade tem notícia, de modo sistemático, e a postura beligerante assumida pelo Estado de Israel?

Abrão Slavutzky – Havia em Israel um grande movimento pela paz, o Shalom Achshav – Paz Agora –, que

15 Saul Friedlander (1932): Historiador israelense, atualmente é professor da Universidade da Califórnia - UCLA. (Nota da IHU On-Line).

16 Karl Jaspers (1883-1969): filósofo existencialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Escreveu vários livros, entre os quais *Filosofia* (1932), *O alcance perene da filosofia* (1948) e *O caminho para a sabedoria* (1949). Jaspers começou a ensinar Psiquiatria na Universidade de Heidelberg em 1913, tornando-se professor de Filosofia em 1921. Em 1948, passou a ensinar Filosofia na Universidade de Basileia, na Suíça. (Nota da IHU On-Line)

17 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 02-05-2005, o artigo *O pen-*

samento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon139>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, o n° 12 do *Cadernos IHU Em Formação*, intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon12>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista *IHU On-Line*, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon328>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença* - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: *O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da IHU On-Line)

foi sendo esvaziado pelos atentados terroristas. Foram realizadas em Tel Aviv manifestações de cem mil pessoas ou mais a favor da paz. E foi numa delas que um fanático ortodoxo *israeli* assassinou o primeiro-ministro da época, Ytzhak Rabin¹⁸. Sempre houve inimigos da paz tanto entre os *israelis* como entre os palestinos e árabes.

Quanto ao paradoxo que propõe a pergunta, talvez exista mesmo, pois, depois de os judeus terem vivido tantas atrocidades, os *israelis* tendem a confiar mais em suas forças. Pelo outro lado, os palestinos, suas lideranças demoraram a construir um estado e hoje estão bem divididas. De qualquer forma, *israelis* e palestinos têm suas razões, ambos estão certos, ambos lutam pelos seus direitos, ambos se consideram os verdadeiros donos da terra. São vizinhos em clima de guerra constante, mas a situação já foi pior. J. B. Pontalis¹⁹ tem uma tese interessante sobre o fratricídio que ocorre nessa região, como na maioria das guerras. O tema da luta entre os irmãos ocupou uma boa parte de sua atenção ao final da vida desse destacado psicanalista e escritor, que morreu há um ano.

IHU On-Line – Qual é o nexó entre humor e crueldade no século XX?

Abrão Slavutzky – Recentemente concluí o livro *Humor é coisa séria*, que trata do humor, seja no sentido de humor na psicanálise como do humor na cultura, na História. Enfim o humor não só como estado de espírito, mas como visão de mundo numa célebre frase de Wittgenstein²⁰ em

Cultura e Valor (Coimbra: Edições 70, 2000). O século XX foi o auge da crueldade e do humor, a começar por Charles Chaplin²¹, que transformou o cinema em arte das multidões. O humor é um antídoto à crueldade, permite expressar nossa agressividade com graça, o humor não atira para matar, mas para sorrir e nos divertir. Voltando à *Shoah*, escrevi um capítulo sobre o humor, pois os judeus criaram nos guetos e campos um humor diante da crueldade.

Esse tema vem sendo mais estudado nos últimos anos e dou um exemplo do humor diante da crueldade: em Auschwitz, havia um pavilhão com uma longa mesa estreita onde havia dezenas de buracos. Neles se sentavam os judeus, de costas um para o outro, um em cada buraco, que tinham minutos para fazer suas necessidades fisiológicas. Cena deprimente que era controlada por um só soldado com metralhadora. Um judeu inventou que ele era o *Senhor Dreck*, o senhor da merda, pois ali estava só para cuidar da merda deles. Ora, essa história se espalhou e divertiu muitos que se sentiram superiores ao soldado de merda. Pode parecer pouco, mas para quem estava no inferno e podia dar um meio sorriso já era muito.

novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da *IHU On-Line*, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível em <http://bit.ly/ihuon308>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista *IHU On-Line* 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon362>. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ Charles Chaplin (1889-1977): o mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais conhecidos. Seu principal personagem foi *The Tramp* (O Vagabundo), um andarilho com as maneiras refinadas e a dignidade de um cavalheiro. Chaplin foi uma das personalidades mais criativas da era do cinema mudo; ele atuou, dirigiu, escreveu, produziu e eventualmente financiou seus próprios filmes. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Abrão Slavutzky – Concluo com uma metáfora usada pelo escritor Italo Calvino²² no final de seu livro *Cidades invisíveis* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990): Se o inferno existe ele é aqui. E existem duas formas de enfrentá-lo: uma é se adaptando a ele e não se diferenciando mais. A outra é mais difícil, pois se precisa buscar no inferno o que não é inferno e ampliar um pouco aqui e um pouco ali. O humor faz parte do *não inferno*, ele é mais frágil que a crueldade quanto ao poder de destruição, mas é mais espirituoso, enriquece nossa dignidade e nos fortalece na resistência à crueldade. Nosso desafio talvez seja o de criar, na atualidade, espaços de não inferno e ampliá-los aqui e ali sem perder o humor. Gosto do humor porque além de mostrar, como a psicanálise, o outro lado de tudo, ele questiona, põe em dúvidas, obriga a pensar, a ousar pensar, diria o velho e bom Kant.

Leia mais...

- *O imperativo do perdão*. Entrevista com Abrão Slavutzky publicada na edição 388 da *IHU On-Line*, em <http://bi.ly/ihuon388>.
- *Uma vacina contra o desespero*. Entrevista com Abrão Slavutzky publicada na edição 367 da *IHU On-Line*, em <http://bi.ly/ihuon367>.
- *O Holocausto e o dever da memória*. Entrevista com Abrão Slavutzky publicada na edição 323 da *IHU On-Line*, em <http://bi.ly/ihuon323>.

²² Italo Calvino (1939-1985): escritor cubano, radicado na Itália, autor de livros como *As Cidades Invisíveis* (São Paulo: Companhia das Letras) e da trilogia *Os Nossos Antepassados*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ Ytzhak Rabin (1922-1995): General e político israelense. Quinto primeiro-ministro de Israel, foi assassinado em 1995. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ Jean-Bertrand Lefebvre Pontalis (1924-2013): Psicanalista, filósofo e escritor francês. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, entre outros. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas ideias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos

Baú da IHU On-Line

Confira outras edições da IHU On-Line cujo tema de capa aborda autores e temas ligados à filosofia em paralelo com a biopolítica, a ética e a razão.



- **A política desnudada. Cinco séculos de O Príncipe, de Maquiavel.** Edição 427, de 16-09-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon427>
- **O bode expiatório. O desejo e a violência.** Edição 393, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/ihuon393>
- **Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético.** Edição 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon374>
- **Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate.** Edição 344, de 21-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>
- **O (des)governo biopolítico da vida humana.** Edição 343, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>
- **O Mal, a vingança, a memória e o perdão.** Edição 323, de 29-03-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon323>
- **Platão, a totalidade em movimento.** Edição 294, de 25-05-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon294>
- **O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?** Edição 220, de 21-05-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon220>
- **O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt. 1906-1975.** Edição 206, de 27-11-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon206>
- **A política em tempos de niilismo ético.** Edição 197, de 25-09-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon197>
- **O século de Heidegger.** Edição 185, de 19-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>
- **Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XXI.** Edição 168, de 12-12-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon168>
- **Nietzsche, filósofo do martelo e do crepúsculo.** Edição 127, de 13-12-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon127>
- **Kant: razão, liberdade e ética.** Edição 94, de 22-03-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon94>

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 17-03-2014 a 21-03-2014, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Marco Civil da Internet: “O texto atual subverte tudo. Teremos uma espécie de América Online – AOL”

Entrevista especial com João Carlos Caribé, publicitário, pós-graduado em Mídias Digitais, atua como consultor e ativista pelos direitos e inclusão digital.

Publicada no dia 17-03-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1kPHggk>

De referência internacional como normativa que define os princípios, direitos e deveres dos usuários da internet, o Projeto de Lei do Marco Civil, tal como está escrito atualmente, passou a ser criticado inclusive pelos ativistas que acompanharam a sua elaboração desde 2009. Entre eles, está João Carlos Caribé, que em entrevista à **IHU On-Line** foi enfático em relação aos pontos inegociáveis a partir da proposta original. “Neutralidade da rede não se negocia de jeito nenhum, privacidade não se negocia de jeito nenhum, e a liberdade também não se negocia de jeito nenhum. Não abrimos mão desse tripé.”

Direito Ambiental e a gestão de desastres naturais

Entrevista especial com Délton Winter de Carvalho, doutor em Direito pela Unisinos e pós-doutor em Direito Ambiental e dos Desastres pela *Univeristy of California*.

Publicada no dia 18-03-2014

Acesse link <http://bit.ly/1gFRXgp>

As catástrofes ambientais não são mais uma preocupação apenas dos profissionais da área ambiental. Os riscos e prejuízos ocasionados pelos desastres naturais têm sido um tema constante no setor jurídico, especialmente entre os pesquisadores que atuam na área do Direito de Desastres. Um dos entusiastas das discussões sobre o assunto, Délton de Carvalho, professor do curso de Direito da Unisinos, assegura que “um Direito Ambiental eficaz tem relação direta com a gestão dos desastres”. Em entrevista à **IHU**

On-Line, ele salienta que o Direito tradicional deve estar atento e sensível à complexidade e às demandas ambientais.

As Marchas da Família com Deus pela Liberdade. 50 anos depois

Entrevista especial com Aline Pressot, mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Publicada no dia 19-03-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1fMmUPP>

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que ocorreu no dia 19 de março de 1964, surgiu como uma reação ao discurso do ex-presidente João Goulart, na Central do Brasil na semana anterior, e “como uma espécie de pedido às Forças Armadas por uma intervenção ‘salvadora das instituições’; posteriormente ao 31 de março de 1964, passou por uma ressignificação de seu discurso, transformando-se numa demonstração de legitimação do golpe civil-militar”, relembra Aline Pressot, em entrevista concedida à **IHU On-Line**.

Inclusão dos catadores na PNRS é dramática

Entrevista especial com Roque Spies é um dos fundadores da Reciclagem em Dois Irmãos. É integrante do Fórum dos Recicladores do Vale do Rio dos Sinos.

Publicada no dia 20-03-2014

Acesse o link <http://bit.ly/OHLhYS>

Apesar de quase todos os 32 municípios do Vale do Rio dos Sinos terem desenvolvido os planos da Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS para erradicar os lixões até agosto deste ano e dar um destino adequado ao lixo produzido, “na maioria deles, a coleta seletiva tem pouco impacto sobre o volume total de resíduos gerados e coletados”, informa Roque Spies à **IHU On-Line**. Segundo ele, os índices de coleta e reciclagem na região são muito

baixos, menos de 5%, o que torna a inclusão dos catadores no processo de recolhimento e reciclagem dos resíduos uma situação “dramática, porque existe muita dificuldade para tratar da questão social como enfatiza a PNRS”.

Parques tecnológicos na Amazônia e as experiências de desenvolvimento sustentável

Entrevista especial com Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves, docente da Universidade Federal do Amazonas.

Publicada no dia 21-03-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1iKEZmA>

Como proposta para enfrentar os dilemas socioambientais da Amazônia, os Parques Tecnológicos presentes em algumas universidades, como o da Universidade Federal da Amazônia – UFAM, desenvolvem projetos com os povos tradicionais da região para promover a “inclusão social dos segmentos em situação de risco social e ambiental e de marginalização social, que antes tinham sua condição de cidadãos negada e que passam a obter o acesso a bens e serviços sociais”, diz a pesquisadora Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves à **IHU On-Line**. Tais projetos, acentua, proporcionam a capacitação e formação dos trabalhadores “com uso de tecnologias e inovações que aumentam a produtividade e geram emprego e renda”.

Acesse o facebook do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acompanhe nossas atualizações [facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](https://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial

Criar página

MBA FGV
decision.edu.br

MBA FGV

Faça MBA na FGV POA ou NH e destaque-se no mercado de trabalho. Clique e inscreva-se.

Academia Social

Aprenda como atrair 10 mil fãs Reais para sua página? Clique curtir e saiba como. Moto Taxi curtir Ignição Digital.

Agora
2013
2012
2011
Fundada em

Instituto Humanitas Unisinos
9.267 curtiram • 1.510 falando sobre isso

Mídia/Notícias/Publicação
Instituto Humanitas Unisinos - IHU, São Leopoldo/RS
Visite nosso site: <http://www.ihu.unisinos.br/>
Para entrar em contato, envie e-mail para:
Sobre - Sugerir uma edição

Fotos Opções "Curtir" 9.267 Eventos Promoções

Destaques

Instituto Humanitas Unisinos atualizou sua foto da capa. há 45 segundos

A foto de capa retrata um momento da anual "Festa das luzes" sobre a tumba do poeta sufi Shah Hussein, em Lahore, no Paquistão. Shah Hussein (1538-1599) é comumente conhecido

25 Amigos curtiram Instituto Humanitas Unisinos

Estante

Holocausto Brasileiro – Vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil

“Os funcionários alegavam não ter tido a dimensão da tragédia, que apenas seguiam a cartilha dos antigos funcionários. Eles também acabaram se desumanizando com o tempo”, reflete a jornalista Daniela Arbex

POR ANDRIOLLI COSTA E RICARDO MACHADO

Durante o regime militar da Alemanha nazista, estima-se que cerca de 6 milhões de judeus perderam suas vidas nos campos de concentração. Ainda que um holocausto de tamanhas proporções jamais tenha se repetido na história do mundo, desde então, a barbárie, a crueldade e a desumanização encontraram eco em vários lugares do mundo. No Brasil, um dos mais emblemáticos é o caso do Hospital Colônia de Barbacena (MG), que ficou conhecido como o “holocausto brasileiro”.

Fundado em 1903, no interior de Minas Gerais, a história do Colônia ganhou espaço na mídia nos últimos anos a partir de uma série de reportagens publicadas no jornal *Tribuna de Minas* em 2012 e que deu origem ao livro *Holocausto Brasileiro – Vida, Genocídio e 60 Mil Mortes no Maior Hospício do Brasil* (São Paulo: Geração Editorial, 2013). Obrigados a andarem nus, a defecarem no chão em que dormiam e a enterrar seus próprios mortos, os internos eram enviados ao hospital literalmente para morrer. De acordo com a jornalista Daniela Arbex, autora da publicação, a vida dos internos do Colônia envolvia “um cotidiano de muita limitação, de frio, de fome, de maus tratos físicos e tortura psicológica”.

Os pacientes, que muitas vezes eram internados sem qualquer critério, eram os excluídos da sociedade. Pessoas indesejáveis, oponentes políticos, mendigos, prostitutas, homossexuais e, é claro, aqueles verdadeiramente doentes mentais, segregados da convivência diária para longe dos olhos da sociedade. “Pessoas que foram esqueci-

das pela sociedade, pela família, que eram ignoradas pelos próprios funcionários e médicos que testemunharam tudo e nada fizeram.”

Holocausto Brasileiro é o título escolhido por Daniela para registrar este período que, tal qual a *Shoah*, é um crime contra a humanidade e que nunca deve ser esquecido. Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, publicada em 17-01-2014, ela relata detalhes da crueldade cometida contra os pacientes (que, logo ao chegar ao Hospital, perdiam seu nome de batismo e passavam a ser chamados por nomes de animais); destaca a venda de corpos e ossadas dos mortos sem consentimento das famílias e a visão dos funcionários do Colônia, que não conseguiam ter a dimensão de seus atos e alegavam apenas seguir a cartilha das práticas anteriormente aplicadas.

“Estas pessoas foram se desumanizando, foram deixando de ver, e aquilo foi incorporado na rotina delas. Como? É para parar, olhar para trás e refletir o quanto a indiferença provoca barbárie”, alerta a jornalista. “A indiferença é você ignorar o que se passa, é fingir que não vê. É essa indiferença que contribui para a existência de barbáries como a do Colônia”, finaliza.

Daniela Arbex é jornalista graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é repórter especial do jornal *Tribuna de Minas*, veículo pelo qual foi vencedora por três vezes do Prêmio Esso de Jornalismo, o mais conceituado do país, além de diversos reconhecimentos nacionais e internacionais.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Desde que foi lançado, *Holocausto Brasileiro* tem sido muito bem recebido e conquistou vários prêmios e reconhecimentos. A reportagem que deu origem ao livro teve tanta repercussão assim? O que você acha que fez o livro ganhar tanto público quanto ganhou?

Daniela Arbex – A reportagem foi publicada em novembro de 2011 em uma série de sete matérias no jornal Tribuna de Minas (MG). Na época já houve uma repercussão muito grande, a receptividade das pessoas foi enorme, o que inclusive me surpreendeu bastante. O livro teve uma repercussão muito ampliada em relação à série do jornal, primeiro porque a Tribuna é um jornal pequeno, do interior, e que não tem tanta visibilidade, mas o livro alcançou o país inteiro. Essa é uma resposta para o livro ter tido um impacto ainda maior.

Mas eu acho especialmente que tanto o livro quanto a reportagem tocaram o leitor porque é a primeira vez que as vítimas do Holocausto tiveram voz. Essa é uma história que sempre foi contada pelo olhar dos jornalistas, nunca pelo olhar dos sobreviventes. Nunca houve a preocupação de ver como aquelas pessoas estavam, se havia alguém vivo, sabe? Então eu penso que o diferencial do livro é dar voz as vítimas. Fora que essa é uma história que toca em qualquer época, porque é uma história que fala não só das pessoas do Colônia, mas fala de todos nós. Fala do humano que existe em nós, do nível de maldade e horror a que nós podemos chegar, mas também da possibilidade de solidariedade. Ele mostra todas as contradições humanas, por isso eu acho que ele é tão forte. Por isso o livro teve tanta repercussão.

IHU On-Line – De onde veio a motivação para escrever a obra?

Daniela Arbex – O que me moveu a contar essa história foi exatamente não conhecê-la. Foi o fato de descobrir que a minha geração não sabia nada a respeito dela. Quando eu tive acesso, 50 anos depois, ao

conjunto de imagens feitas no interior do hospital em 1961, fiquei completamente impactada. A minha geração tinha o direito de conhecer essa história, e quando eu comecei a contá-la percebi que o país desconhecía uma de suas piores tragédias. Isso é o que me mobilizou: a vontade de tornar conhecida essa história, para que todos pudessem conhecê-la, não só agora, mas também no futuro.

IHU On-Line – O que foi o Colônia? Como o livro *Holocausto Brasileiro* traz luz a esse escuro período da história do Brasil?

Daniela Arbex – O Colônia foi um hospital criado pelo Estado em 1903 para atender pessoas que tivessem doenças mentais. Eu acredito que ele tenha sido criado com boas intenções, com o propósito de tratamento mesmo, mas o Hospital teve sua finalidade desviada desde os seus primeiros anos. Nós conseguimos documentos de 1911-1914 que já revelam a existência de superlotação, e outros documentos que mostram a falta de critérios médicos para a internação de pessoas. Houve uma paciente de 23 anos, uma brasileira chamada Maria de Jesus, que foi internada porque tinha tristeza como sintoma. Então percebemos que a finalidade de tratamento não foi alcançada. Na verdade, o Colônia acabou se tornando um depósito de rejeitados, de excluídos, de pessoas que incomodavam outras com mais poder. Toda a sorte de indesejáveis teve o Colônia como destino.

IHU On-Line – É possível pensar em um perfil para os internos do Colônia?

Daniela Arbex – Com certeza. Mães solteiras, meninas que haviam perdido a virgindade antes do casamento, homossexuais, prostitutas, andarilhos, pessoas que tinham perdido documentos, todo o tipo de gente que teve a infelicidade de encontrar o Colônia no seu caminho.

IHU On-Line – Como era a vida desses internos?

Daniela Arbex – Era uma vida com muita ociosidade, com um cotidiano de muita limitação, de frio, de fome, de maus tratos físicos, de tortura psicológica. Pessoas que foram mandadas para lá exatamente para morrer. Que foram esquecidas pela sociedade, pela família, que eram ignoradas pelos próprios funcionários, pelos médicos que testemunharam e nada fizeram... Era uma realidade que foi construída a partir da omissão de muita gente, e uma omissão que perdurou por muitos anos. Entre 1930 e 1980 o Colônia viveu o seu pior período, isto é, são 50 anos do período mais controverso dessa instituição e com o maior número de mortes.

IHU On-Line – O que era feito com os corpos dessas pessoas?

Daniela Arbex – Na verdade os corpos foram vendidos. Entre 1969 e 1980 foram vendidos 1.853 corpos para 17 faculdades de medicina do Brasil, e sem que as famílias tivessem autorizado. Então foi um comércio clandestino, um comércio fúnebre de corpos. E, quando essas faculdades ficaram abarrotadas de cadáveres, a ossada dessas pessoas, desses cadáveres, também começou a ser comercializada.

IHU On-Line – Qual a relação do regime político vigente à época com o tratamento dado aos pacientes? Os momentos finais do Colônia, em que ele esteve isolado da população, se deu durante o governo militar.

Daniela Arbex – Há uma relação forte, porque foi a época em que o hospital ficou o maior período blindado. Durante 18 anos nenhum repórter entrou no Colônia, então penso que há essa relação. Mas acredito também que não é só o momento político. A história do Colônia foi construída em cima da teoria eugenista de limpeza social, de se livrar de tudo que incomodava a sociedade. O Colônia foi uma forma de fazer isso acontecer, para que a sociedade pudesse ficar livre desse tipo de gente que incomodava tanto.

O que sustentou esse modelo foi exatamente essa cultura, que existe até hoje. Mesmo hoje em dia as pessoas continuam fingindo não ver, ignorando o sofrimento do outro. É só ver o caso dos grandes hospitais psiquiátricos, onde ainda há relatos de violação da dignidade humana. Esta é uma realidade que persiste mais de 100 anos depois.

IHU On-Line – Que importância a luta antimanicomial teve para dar fim ao holocausto brasileiro?

Daniela Arbex – A luta antimanicomial teve e tem seu lugar. Ela foi fundamental para se começar a pensar na extinção de um modelo que segregava mesmo, modelos que violavam a dignidade, que confiscavam a humanidade do indivíduo. Ela tem um valor incrível para a história e para a humanização dos modelos de atendimento.

Foi muito importante, no momento em que não se falava disso, que essas pessoas comessem a gritar e fizessem a sociedade discutir sobre uma realidade tão ignorada. Ignorada e cômoda também. Porque enquanto o hospício permanece cercado por muros, nós não precisamos saber o que está acontecendo ali.

Acredito que teve um valor incrível, agora há um longo caminho a ser percorrido, o desafio é imenso. Ainda não se venceu essa guerra e precisamos fazer com que os serviços essenciais, terapêuticos, ou o serviço substitutivo sejam capazes de substituir esse modelo hospitalar ultrapassado. Então acho que a sociedade brasileira precisa cobrar a implantação da rede substitutiva e, mais do que isso, que ela funcione com qualidade.

IHU On-Line – Por onde andam os “filhos do Colônia”? As crianças que nasceram lá?

Daniela Arbex – Então, eu encontrei duas. A filha da paciente Sueli Rezende, que nasceu lá. Hoje ela é graduada e formou uma família. Encontrei também o João Bosco, que é bombeiro e membro da banda do

corpo de bombeiros da polícia militar de Minas Gerais. É uma pessoa muito batalhadora, muito digna. Ele conseguiu reconstruir, refazer essa história, mas passou a maior parte da vida sem saber que era órfão de uma mãe viva. Ele não sabia que a mãe estava viva, e a mãe também não sabia que o filho vivia; os dois se encontraram mais de 40 anos depois. Então essa lacuna que foi deixada na vida dessas pessoas, que deixaram de conviver com seus pais, com suas mães, é uma coisa que não se resgata. Apesar de essas pessoas terem, de alguma forma, dado a volta por cima, e elas são muito valiosas por isso, vai sempre haver uma lacuna na vida delas.

IHU On-Line – Quem eram os responsáveis/gestores do Colônia (Estado, Município, União)? Alguém foi responsabilizado pelos maus-tratos?

Daniela Arbex – Não, ainda não teve uma responsabilização. Eu vejo muitas pessoas hoje cobrando uma responsabilização, algumas críticas que, inclusive, afirmam que o livro não dá nomes, mas eu não podia ser injusta. Eu não podia citar um nome, sendo que essa foi uma barbárie cometida durante cinco décadas. Durante 50 anos passaram pelo hospital milhares de pessoas, funcionários, médicos e profissionais de toda sorte, isso sem falar da própria população de Barbacena (MG) e dos familiares dos pacientes espalhados pelo país inteiro. Eu acho muito difícil que haja uma individualização dessa responsabilidade. Para mim, o mais correto e talvez o caminho possível fosse a responsabilização do estado de Minas Gerais, que foi responsável pela manutenção do Hospital, porque essas pessoas estavam sob a custódia do estado.

IHU On-Line – Você chegou a conversar com funcionários? Como eles enxergavam o tratamento que era aplicado aos pacientes?

Daniela Arbex – Na verdade eles não enxergavam. Eu conversei com muitos funcionários e a resposta era sempre a mesma. Eles alegavam não

ter tido a dimensão da tragédia, que apenas seguiam a cartilha dos antigos funcionários e aprenderam que era daquela forma que devia ser feito. Eles também acabaram se desumanizando com o tempo. Alguns tentaram fazer alguma coisa (poucos na verdade), mas eu acho que essa rotina acabou desumanizando essas pessoas de alguma forma. Elas não tinham a dimensão exata da gravidade dos atos e do que estava acontecendo ali. Agora, olhando para trás, muitos confidenciaram que se arrependem e que podiam ter feito mais, que podiam ter evitado mortes, e isso para mim foi surpreendente.

IHU On-Line – Foi uma escolha muito feliz o termo Holocausto Brasileiro, porque esse comportamento dos funcionários lembra muito o que Hanna Arendt fala da banalidade do mal no próprio Holocausto.

Daniela Arbex – Exatamente. Eu tive pouquíssimas críticas em relação ao nome, mas uma pessoa colocou publicamente que achava que nada podia ser comparado ao nazismo. E o livro mostra exatamente o contrário, pode ser comparado sim, pois o Colônia foi também um campo de extermínio em massa. As condições nas quais as pessoas foram mantidas, a forma com que elas foram tratadas, as vítimas tendo que enterrar seus próprios mortos, enfim, penso que se assemelha muito ao que aconteceu na Alemanha nazista.

IHU On-Line – A banalidade do mal se caracteriza por um comportamento que segue a cartilha, segue a técnica, sem que haja nenhuma reflexão humana sobre o acontecimento. Como você vê isso no caso do Colônia?

Daniela Arbex – Volto à questão da construção da cultura da época. Aquelas pessoas não eram vistas como gente, porque elas nunca foram tratadas como gente. Ao contrário, muitas não tinham nem nome de gente. Quando entravam no hospital eram rebatizadas e recebiam nomes

de animais. Uma delas, por exemplo, foi apelidada de gansa, outra de boi... Começava ali, ao não considerar essas pessoas como gente. Passa também pelo pensamento de achar que essas pessoas, por serem tidas como loucas, não mereçam um tratamento digno, humanizado. Os psicofármacos também foram introduzidos no país na década de 1950; então tem tudo isso.

Todo o estigma da loucura, toda a falta de recursos da época, todas essas limitações levaram aos abusos sistemáticos. Agora, eu entendo que a segregação fazia parte da cultura da época e faz parte da cultura de hoje, mas o que eu nunca consigo entender e jamais irei aceitar são os abusos que foram cometidos. Porque uma coisa é você segregar, é tirar essa pessoa do

seu convívio social. Outra é maltratar, deixar passar fome, passar frio, é você violar a dignidade dessa pessoa de todas as formas. Para mim, isso é grave, é crime de lesão à humanidade em qualquer tempo.

Quanto a essa banalização do mal, eu entendo que as pessoas foram se desumanizando, foram deixando de ver, aquilo foi se incorporando na rotina delas. "É assim mesmo, eu não consigo mudar e o que eu vou fazer?" Elas passaram a cometer os mesmos equívocos de outras pessoas e, quando se viu, isso durou quase um século. Então se você pensar que a abertura dos porões da loucura começou na década de 1980, você vai ver que durante oito décadas isso foi admissível. Como? Isso nos leva a parar, olhar

para trás e refletir sobre o quanto a indiferença provoca barbárie. A indiferença é você ignorar o que se passa, é fingir que não vê. É essa indiferença que contribui para a existência de barbáries como a do Colônia.

IHU On-Line – Você tem planos para outras publicações?

Daniela Arbex – Tenho. Estou iniciando as entrevistas para um próximo livro que já está sendo preparado. Não vai ser sobre esse tema, mas também trata de uma história encoberta no país. É um livro que fala sobre o funcionamento de instituições, de acolhimento de forma irregular, mas não é sobre a loucura. Não especificamente, porque é sobre outras loucuras que o ser humano faz e comete.

Acesse www.ihu.unisinos.br/entrevistas e confira diariamente importantes debates conjunturais



INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

[Blog](#)
[RSS](#)
[Twitter](#)
[Facebook](#)
[YouTube](#)

[Início](#)
[Sobre o IHU](#)
[Áreas](#)
[Notícias](#)
[Entrevistas](#)
[Publicações](#)
[Eventos](#)
[Cepat](#)
[Espiritualidade](#)
[Entre em contato](#)

ENTREVISTAS

As mais recentes entrevistas realizadas pela equipe do IHU. Confira uma nova entrevista por dia.

Segunda, 17 de Junho de 2013

Outono Indígena. Entrevista especial com Jorge Eremites de Oliveira



"O governo federal tem olhado para os povos indígenas com a lente do agronegócio, recebidos do movimento ruralista. Isso faz parte da lógica do desenvolvimento econômico a qualquer custo e atende a projeto político para a disputa de eleições futuras", diz o entrevistado.

Confira a entrevista.

Foto: rackmoambiental.netbr

"A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de [...]".

NOTÍCIAS

Em resposta à violência, manifestantes preparam maior protesto em São Paulo, João, Rio, Brasília e Belo Horizonte, também protestam

Policia atira bombas contra manifestantes e famílias na Quinta da Boa Vista

Protestos no Maracá: "Da Copa e do abraço, e quero mais direito para a saúde e a educação"

"Não queremos apenas circo. Queremos também pão, trinta da justiça social", diz nota do CONIC

Maracá tem estreia contribuída em Copa das Condições

Teologia Pública

A experiência de um Deus único e multifacetado no pós-colonialismo

O professor Emmanuel Larrey debate seu livro *Postcolonializing God: New Perspectives in Pastoral and Practical Theology* a partir da perspectiva do pós-colonialismo

MÁRCIA JUNGES E LUCIANO GALLAS | TRADUÇÃO: ISAQUE GOMES

A ideia de um Jesus Cristo branco, de olhos azuis e feições europeias é nitidamente uma construção social. O exemplo anterior é, tão somente, ilustrativo, mas nos ajuda a pensar na discussão proposta pelo professor de religião Emmanuel Larrey, em seu livro *Postcolonializing God: New Perspectives in Pastoral and Practical Theology* (Norwich: SCM Press, 2013). “Um Deus ‘pós-colonizado’ não se pareceria somente com as construções europeias de Deus que nós temos, mas também com as do mundo todo”, destaca Emmanuel Larrey, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Os esforços pastorais e missionários, sejam católicos ou protestantes, trabalharam incansavelmente para produzir cristãos ao redor do mundo que fossem cópias carbono dos cristãos europeus. Desse modo, foram feitos cristãos para adorar uma construção europeia de Deus. A sabedoria multifacetada de Deus refletida em sua imagem presente na humanidade foi desfigurada e estreitada a fim de fazer Deus refletir apenas a humanidade europeia”, complementa.

Ampliar a compreensão e facilitar o entendimento da fé em Deus é para Larrey um aspecto crucial do trabalho dos teólogos. Nesse sentido, ele sustenta que a Igreja precisa estar mais integrada à experiência das pessoas,

ouvi-las mais de perto. “As teologias do Terceiro Mundo, Negra e pós-modernas tentam abordar aspectos particulares da condição humana. O diálogo entre elas, creio eu, nos deu (e ainda nos dá) condições de obtermos imagens mais exatas e relevantes do que os seres humanos, criados à imagem de Deus, estão vivenciando no mundo criado por ele. O diálogo aqui nos tem ajudado a ver como, às vezes, as ações de uma parte da humanidade têm efeitos prejudiciais em outras partes desta mesma humanidade; como às vezes os seres humanos bem-intencionados em uma parte do mundo podem oprimir e desumanizar outros seres humanos”, avalia.

Emmanuel Larrey é professor de Religião na *Emory's Graduate Division* e no *Religious Life Program*. Dedicar-se ao cuidado pastoral, aconselhamento e teologia em diferentes contextos culturais, com especial referência às expressões africanas, britânicas e americanas. Atualmente, pesquisa as implicações teológicas e efeitos práticos do cuidado pastoral. A edição 431 da **IHU On-Line**, de 04-11-2013 dedicou um tema de capa à discussão do pós-colonialismo. Você pode conferir as entrevistas publicadas pelo link <http://bit.ly/ihuon431>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que é um Deus pós-colonizado?

Emmanuel Larrey – Em essência, a expressão *Postcolonializing God*

[Deus pós-colonizante] é uma forma de descrever o Divino (Deus) que reflete as experiências de vida, história, cultura, filosofias e opiniões das pes-

soas ao redor do mundo. Um Deus “pós-colonizado” não se pareceria somente com as construções europeias de Deus que nós temos, mas

também com as do mundo todo. Um Deus assim seria descrito fazendo-se uso das línguas, das visões de mundo e experiências dos africanos, sul-americanos e asiáticos, bem como de todas as outras pessoas do mundo. A tarefa é um trabalho em curso – quicá interminável –, daí minha preferência pelo tempo ativo “pós-colonizante”, em vez de um tempo finalizado (passado, completo), no caso, “Deus pós-colonizado”.

IHU On-Line – Até que ponto vai a perspectiva de um Deus pós-colonizado com base na realidade crítica?

Emmanuel Lartey – O projeto pós-colonizante é, de fato, um projeto em curso e tem estado em operação durante muitas décadas. Teologias da libertação¹, teologias do “Terceiro Mundo” de todos os formatos e tamanhos, teologias dalit, feministas, das mulheres, “mujeristas”, bem como as teologias queer² são exem-

“Um Deus ‘pós-colonizado’ não se pareceria somente com as construções europeias de Deus que nós temos”

plos de teologias “pós-colonizantes” que desafiam e subvertem as teologias estreitamente definidas como “colonialistas”. As atividades do Deus pós-colonizante estão acontecendo a cada dia nas práticas dos cristãos ao redor do mundo.

IHU On-Line – Qual o lugar dos oprimidos ante um Deus pós-colonizado? Como este Deus se coloca diante da exploração do homem pelo homem?

Emmanuel Lartey – Em meu livro, menciono que Deus (na Bíblia) teve a iniciativa nesta empreitada pós-colonizante. A Criação em si é uma expressão da ação divina de trazer para a existência um mundo de diversidade e pluralidade. No livro de Gênesis, capítulo 11, Deus reafirma este compromisso com a diversidade e sua preferência por ela. O livro de Atos, capítulo 2, diz que a “nova humanidade” gerada pela operação do Espírito Santo advinda do trabalho de Jesus Cristo é uma comunidade plural e diversa. As pessoas oprimidas constituem peça central desta visão de uma nova humanidade. Deus se opõe à “exploração do homem pelo homem”, ponto crucial do projeto colonial e imperialista. Acredito que a iniciativa pós-colonizante venha a ser uma outra onda do Espírito Santo que reafirma a oposição de Deus para com a exploração e uma afirmação de to-

em <http://bit.ly/1glo8Et>. E a entrevista *Torcidas Queer e a homofobia nos estádios de futebol*, com Gustavo Andrade Bandeira, publicada no dia 02-05-2013 no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/10ufBEy>. (Nota da IHU On-Line)

das as pessoas como sendo criadas à sua semelhança.

IHU On-Line – De que forma sua obra *Postcolonializing God* [Deus pós-colonizante] oferece novos caminhos para se pensar a presença divina na ação e implementação de novos modelos de prática pastoral e missionária?

Emmanuel Lartey – A minha resposta à pergunta anterior também se aplica aqui. Grande parte da história cristã projetou a imagem de um Deus “homogeneizante” que deseja que todos os seres humanos sejam “o mesmo” (isto é, tal como a imagem europeia). Os esforços pastorais e missionários, sejam católicos ou protestantes, trabalharam incansavelmente para produzir cristãos ao redor do mundo que fossem cópias carbono dos cristãos europeus. Desse modo, foram feitos cristãos para adorar uma construção europeia de Deus. A sabedoria multifacetada de Deus refletida em sua imagem presente na humanidade foi desfigurada e estreitada a fim de fazer Deus refletir apenas a humanidade europeia. A tônica do Deus pós-colonizante é reconhecer que o Deus da Bíblia funciona para “pós-colonizar” (ou seja, desafiar as construções humanas hegemônicas) o mundo e promover as muitas vozes na tarefa da teologia e nas práticas do ministério.

IHU On-Line – Considerando o legado político e teológico da descolonização, qual a contribuição destas áreas de conhecimento para a teologia e para uma relação mais próxima entre a instituição Igreja e as pessoas?

Emmanuel Lartey – As teologias da libertação se debruçaram, de modo correto, sobre teorias e estudos políticos e sociológicos para iluminar a condição humana na formulação de teologias relevantes e úteis, bem como para inspirar o agir visando à “salvação” da humanidade (ou seja, a realização mais completa da imagem de Deus na humanidade). As ciências políticas e sociológicas, assim como outras ciências humanas, têm um papel importante a desempenhar, que é o de ajudar os teólogos a explorar e analisar, de modo mais cuidadoso, a

¹ **Teologia da Libertação:** escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A Teologia da Libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da IHU On-Line, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. Leia, também, a edição 404 da revista IHU On-Line, de 05-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em <http://bit.ly/SSYVTO>. (Nota da IHU On-Line)

² **Queer:** gíria inglesa usada em referência a homossexuais. Está associada à *teoria queer*, desenvolvida nos anos 1980, nos Estados Unidos, a partir da publicação do livro *Gender Trouble*, de Judith Butler. Possui um alto grau de influência do filósofo francês Michael Foucault e suas ideias sobre a sexualidade. Sobre a *teoria queer*, confira a edição nº 32 dos *Cadernos IHU Ideias*, intitulada *À meia luz: a emergência de uma teologia gay. Seus dilemas e possibilidades*, escrita por André Sidnei Musskopf, disponível em <http://bit.ly/1etDPIk>. Musskopf também apresentou o evento IHU Ideias em 11-09-2008, debatido na entrevista *Via(da) gens teológicas. Itinerários de uma teologia queer no Brasil* - a entrevista foi publicada no sítio do IHU em 07-09-2008 e está disponível em <http://bit.ly/R24T9H>. Ainda sobre o assunto, confira a entrevista *Transgressão, implosão, mistura, desconstrução e reconstrução*, com Musskopf, publicada na edição 227 da IHU On-Line, de 09-07-2007, intitulada *Frida Kahlo - 1907-2007*, disponível

condição humana. Trata-se de um aspecto crucial do trabalho dos teólogos cuja disciplina requer que facilitemos um entendimento da fé em Deus e da relação entre Deus e a humanidade. Se a Igreja como instituição deve estar mais integralmente relacionada com as pessoas, então precisamos ouvir mais de perto a experiência delas. As ciências humanas podem nos ajudar neste sentido.

IHU On-Line – Qual a importância e os principais frutos do diálogo entre as teologias do Terceiro Mundo, a Teologia Negra e as teologias pós-modernas?

Emmanuel Lartey – As teologias do Terceiro Mundo, Negra e pós-modernas tentam abordar aspectos particulares da condição humana. O diálogo entre elas, creio eu, nos deu (e ainda nos dá) condições de obtermos imagens mais exatas e relevantes do que os seres humanos, criados à imagem de Deus, estão vivenciando no mundo criado por ele. O diálogo aqui nos tem ajudado a ver como, às vezes, as ações de uma parte da humanidade têm efeitos prejudiciais em outras partes desta mesma humanidade; como às vezes os seres humanos bem-intencionados em uma parte do mundo podem oprimir e desumanizar outros seres humanos. Além disso, esse tipo de diálogo pode evitar uma espécie de discurso “totalizante” ou “absolutizante” que, infelizmente, tem caracterizado as representações cristãs do passado. Na medida em que cada um escuta o outro, podemos aprender algo a partir da vastidão da experiência humana e captar alguns aspectos da sabedoria multiforme de Deus.

IHU On-Line – A partir da experiência da diáspora africana, qual a novidade introduzida pela Teologia Negra e como ela expressa a fé dos povos do continente?

Emmanuel Lartey – A Teologia Negra articula as experiências dos negros no mundo. Busca explorar a fé dos negros e o que significou ser negro neste mundo para as pessoas que fazem parte da diáspora africana. Enquanto a teologia africana buscou analisar como a experiência africana de vida e fé se parece no continente africano, as teologias negras (América

“Os esforços pastorais e missionários, sejam católicos ou protestantes, trabalharam incansavelmente para produzir cristãos ao redor do mundo que fossem cópias carbono dos cristãos europeus”

do Norte, Caribe, Europa e uma voz emergente da América do Sul) se centraram nas experiências dos africanos (escravizados e livres) nos contextos diaspóricos. No capítulo 2 do livro *Postcolonializing God*, mostro como os africanos levados para longe de seus países de origem criativamente empregaram – às vezes por meio da imitação, outras vezes por improvisação e ainda sob outras formas – o que eles tinham de sua herança africana e o que eles estavam encontrando nos novos ambientes para manifestar e, ativamente, incorporar sua humanidade, seu sentido e fé através de rituais. Uma atenção para os primeiros anos da experiência de escravidão e para os desenvolvimentos dos movimentos espirituais que não eram cristãos aponta para uma novidade substancial, bem como para uma criatividade engajadora dos africanos na diáspora.

IHU On-Line – Aquele que crê no Deus pós-colonizado tem sua fé fortalecida, a ponto de que sua crença esteja mais baseada na liberdade de consciência e menos nos dogmas religiosos estabelecidos por outros?

Emmanuel Lartey – Eu sustentaria que é a iniciativa divina de promover a liberdade de consciência e de desafiar o dogma criado exclusivamente por um grupo de seres humanos e imposto sobre os demais. Portanto, potencialmente, a fé na sabedoria multifacetada e na grandeza infinita do Deus de toda a Criação pode ser fortalecida pela exploração das atividades de Deus que pós-coloniza, bem como pelos trabalhos daqueles que, em resposta ao Deus que pós-coloniza, também se engajam em atividades pós-colonizantes.

IHU On-Line – Até que ponto pode-se dizer que a racionalidade cristã tem raízes na teologia judaica, na filosofia grega e na política romana?

Emmanuel Lartey – A racionalidade cristã historicamente foi, de fato, moldada pela teologia judaica, pela filosofia grega e pela política romana. O argumento que apresento é o de que isto não precisa continuar a ser o caso. A racionalidade cristã pode e precisa se desenvolver para além dos limites dos pensamentos e perspectivas judaicos, gregos e romanos. Sustento que transcender estes limites seja um desejo expresso do Deus de toda a Criação. As atividades divinas registradas na Bíblia e na história do mundo apontam para um Deus cuja ação parece estar direcionada à promoção da diversidade, e não da homogeneidade. Deus, me parece, deseja que a conversa sobre ele e a experiência que se tem dele sejam empreendidas por *toda* a humanidade, e não apenas por judeus, gregos e romanos. Então, isso é exatamente o que o *Deus pós-colonizante* tenta fazer, começando pela experiência africana no mundo.

Para algumas pessoas que serão críticas quanto ao meu texto, a racionalidade está intrinsecamente baseada na teologia judaica, na filosofia grega e na política europeia. Para eles, a teologia cristã somente pode ser feita nestes termos. Esta tem sido a lógica que desautoriza experiências genuínas do Deus Triuno, porque elas não estavam em condições de se adequar às estruturas predeterminadas definidas dentro de um âmbito europeu. Eu discordo. A meu ver, a racionalidade cristã precisa refletir a criatividade divina em sua fonte e desígnio.

**Tema
de
Capa**

**Destaques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no site do IHU (www.ihu.unisinos.br).

25-03-2014

Evento: I Congresso de Direito, Biotecnologia e Sociedades Tradicionais

Debatedores: Vários

Horário: Dias 25 e 26, das 9h às 21h45min

Local: Escola de Direito da Unisinos

Evento: Exibição do filme: *Noite e Nevoeiro* (Alain Resnais, França, 1955, 32 min)

Debatedor: Marcus Mello – Sala PF Gastal – Usina do Gasômetro/POA

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

26-03-2014

Evento: Exibição do Documentário *Shoah* (Claude Lanzmann, Documentário/Testemunhos, França, 1985, parte 2, 116min)

Horário: 16h às 18h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Evento: Neocontratualismo em Questão

Mesa Redonda: Contratualismo moderno

Debatedores: Carlos Adriano Ferraz – UFPel, Ricardo Monteagudo – UNESP

Coordenador: Inácio Helfer – Unisinos

Horário: 14h30min às 16h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Evento: IHU ideias – Da campanha da Legalidade ao Golpe de 64

Palestrante: Profa. Dra. Claudia Wasserman – IFCH-UFRGS

Horário: 19h30min às 22h

Local: Auditório Central

Evento: Neocontratualismo em Questão

Mesa Redonda: O neocontratualismo em questão

Debatedores: Thadeu Weber – PUCRS, Evandro Barbosa – UFPel

Coordenador: Marcelo de Araújo – UERJ/UFRJ

Horário: 16h30min às 18h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Evento: Conferência – Um Contrato Global? Propostas e Problemas

Debatedor: Sebastiano Maffettone – LUISS Guido Carli, Itália

Coordenador: Adriano Naves de Brito – Unisinos

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Conecta, no Centro Comunitário da Unisinos

27-03-2014

Evento: Exibição do Documentário *Shoah* (Claude Lanzmann, Documentário/Testemunhos, França, 1985, parte 4, 140 min)

Horário: 14h30min às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Evento: Organização sindical e partidos políticos antes e pós-golpe de 1964 – IHU ideias

Debatedor: Prof. Dr. Jorge Luiz Ferreira – UFF (Depto. História)

Horário: 17h30min às 19h

Local: Auditório Central, Unisinos

Evento: Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964

Debatedor: Prof. Dr. Jorge Luiz Ferreira – UFF (Depto. História)

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

31-03-2014

Evento: Audição comentada: O Golpe de 64 e a MPB

Debatedores: Prof. Frank Jorge – Unisinos

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU

Acompanhe o IHU no Blog

The screenshot shows a blog post from the Instituto Humanitas Unisinos. The header includes the logo and name of the institute, the website URL (www.unisinos.br), and a link to the blog (mnhu.unisinos). The post title is '@segundasemcarne por tudo e todos' with a date of 'EM 16 ABRIL 2013' and a 'COMENTAR' button. The text of the post discusses the 'Segunda sem Carne' (Meatless Monday) campaign, its origins in the US, and its goal to reduce meat consumption for environmental and health reasons. Below the text is a graphic with the title 'SEGUNDA SEM CARNE descubra novos sabores' and four cartoon animal faces (cow, pig, chicken, and a bird). The text below the graphic reads 'Pelas pessoas. Pelos animais. Pelo planeta.' At the bottom, there is a paragraph about the environmental impact of meat production. On the right side of the blog post, there is a search bar, a 'Pesquisar' button, a 'Categorias' dropdown menu, a 'RSS' link, and a list of tags including 'Análise de conjuntura', 'Bastidores Cinema', 'Congresso de Teologia Dica de leitura Economia Economia Solidária Educação Enquetes Entrevistas do dia espiritualidade Eventos Forum Social Mundial Fórum Social Mundial 2011 Geral IHU Indígenas'.

Publicações em destaque

Cidadania e ética em discussão nos Cadernos IHU ideias

Nesta edição, apresentamos quatro edições dos Cadernos IHU ideias publicados recentemente. Mais informações estão disponíveis no link <http://bit.ly/ihuideia>

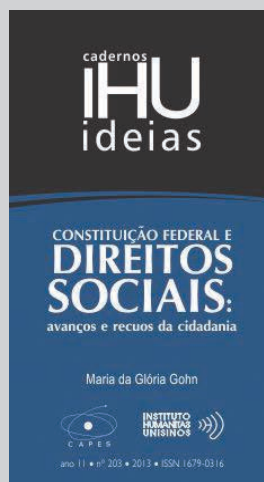


Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana

Cadernos IHU ideias publica, em sua 200ª edição, o texto *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia*, de autoria de **Natália Martinuzzi Castilho**, mestranda em Direito pela Unisinos e bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará. O trabalho corresponde a uma síntese da pesquisa realizada no ano de 2011, junto a um movimento social urbano da cidade de Fortaleza-CE, o Movimento dos Conselhos Populares (MCP). Parte-se da problematização acerca do fenômeno de resistência às ordens judiciais, frequente em conflitos sociais urbanos envolvendo a luta pelo direito humano à moradia.

Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética

Em sua 201ª edição, **Cadernos IHU ideias** publica o texto *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética*, de **Jordi Maiso**, doutor em filosofia do Instituto de Filosofia do *Consejo Superior de Investigaciones Científicas de Madrid*. O presente texto aspira a uma reflexão crítica sobre o papel das ciências humanas ante os avanços da bioengenharia emergente, sondando os desafios éticos, filosóficos e políticos que a biologia sintética suscita. O objetivo é oferecer uma panorâmica das problemáticas que emergem com esta nova realidade para tentar ver seu possível impacto a médio e longo prazos.



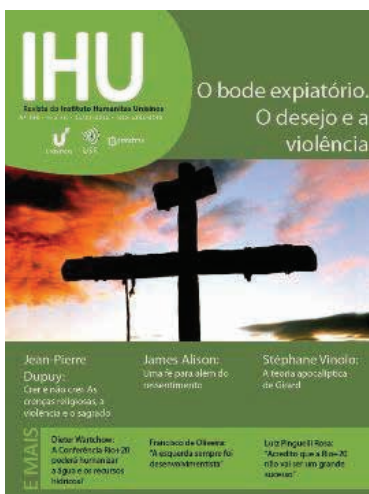
Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania

A discussão sobre a *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania*, de autoria de **Maria da Glória Gohn**, professora titular da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, é o tema da 203ª edição dos **Cadernos IHU ideias**. A Constituição Brasileira de 1988, ao completar 25 anos, oferece-nos um momento bastante oportuno para se fazer um balanço e para avaliar esse período, e isto requer um olhar não apenas para o texto concluído e seu desenrolar posterior, mas também para o processo que lhe deu origem.

Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro

Na edição 205, em diálogo com a memória dos 50 anos do Golpe de 64, que instaurou a ditadura no país, publica-se o artigo do professor emérito da Universidade de São Paulo, **Fábio Konder Comparato**. O trabalho busca compreender como o regime político que se instalou no país após o Golpe de 1964 fundou-se na aliança das Forças Armadas com os latifundiários e os grandes empresários, nacionais e estrangeiros, e como esse consórcio político engendrou duas experiências pioneiras na América Latina: o terrorismo de Estado e o neoliberalismo capitalista.





O bode expiatório. O desejo e a violência

Edição 393 – Ano XII – 21-05-2012

Disponível em <http://bit.ly/ihuon393>

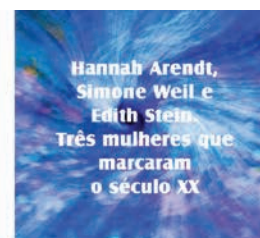
A atualidade e a importância da obra de René Girard é o tema em discussão na **IHU On-Line** de maio de 2012. O pensamento de Girard permite, sem dúvida, pensar com acuidade e pertinência aspectos fundamentais da contemporaneidade. Contribuem para o debate Dominique Janthial, James Alison, Stéphane Vinolo, Michael Kirwan, Gabriel Andrade, William Johnsen, Jean-Pierre Dupuy.

Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX

Edição 168 – Ano V – 12-12-2008

Disponível em <http://bit.ly/ihuon168>

Esta edição recupera o importante e valioso trabalho de três grandes pensadoras do século XX: Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Em comum, além do fato de serem mulheres, todas eram judias, em um período em que ser judeu transformava a vida em um destino. Leia ainda neste número entrevistas de Sylvie Courtine-Denamy, Emmanuel Gabellieri, Maria da Penha Villela-Petit, André de Macedo Duarte e Eduardo Jardim.



Teia nesta edição

Editorial p. 2

Tema de capa

Simone Weil: a qualidade e a graça p. 4

Forma

Bioethics

Hannah Arendt (1906-1975) p. 6
Simone Weil (1909-1943) p. 6
Edith Stein (1891-1942) p. 11

Entrevistas

Sylvie Courtine-Denamy: Três mulheres em tempos sombrios p. 7
Emmanuel Gabellieri: Três mulheres em busca da verdade e da justiça p. 7
Maria da Penha Villela-Petit: Simone Weil e a experiência da fé e do trabalho p. 12
André de Macedo Duarte: Hannah Arendt e o pensamento sem esperança p. 18
Eduardo Jardim: Hannah Arendt: "Nunca antes nossa futuro foi mais imprevisível" p. 19

Brasil em Foco



Editorial

"O projeto Iluminista 200 anos depois de Kant" é o título do reportagem de capa da revista setembrina da *Der Spiegel* de 20-12-03. Revista e jornal europeus dedicaram páginas e páginas para celebrar o bicentenário da morte de Emmanuel Kant. No Brasil, até o momento não tivemos conhecimento de nenhuma publicação comemorativa. Assim, o **IHU On-Line** dedica uma ampla e bastante recortada de capa a este filósofo, cujo obra é fundamental para entender a sociedade moderna. Manfredo de Oliveira, Guido de Almeida, Ricardo Terra e Valério Rohden são os nossos entrevistados desta edição. Traduzimos também artigos de Ricardo Assunção, Adão Colina do Sposito italiano Gianni Vattimo e do teólogo e cardeal alemão Karl Lehmann. Queremos, assim, como Unidade, celebrar conjuntamente este bicentenário, pois acreditamos que as reflexões kantianas, como as intervenções sobre nomeadas mostram, são de crucial importância para dar conta dos desafios que hoje podem supor.

Trazemos, também, para a reflexão e análise dos nossos leitores uma entrevista de Amartya Sen, um artigo de Dra. Zita Ávila, comentando o Programa Fome Zero e um comentário de Patrick Vivier sobre os temas apresentados para o Fórum Social Mundial a ser realizado em Porto Alegre, em 2006, depois do evento de Munique, na Itália.

A todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

EMMANUEL KANT

Reproduzimos uma biografia de Emmanuel Kant escrita por Robert C. Marsh, disponível na Página de Filosofia Moderna Geocities: <http://www.artigosmodernos.com/geocities/kant.htm>

Emmanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, em geral considerado o pensador mais influente dos tempos modernos, nasceu em Königsberg, atual Kaliningrad, em 24 de abril de 1724. Não casou, viveu solteiro, faleceu no dia 12 de fevereiro de 1804 aos 80 anos. Calvegeado, viveu onde foi a Prússia Oriental, um território no leste sul do Báltico, parte da Rússia desde 1945.

Kant: Razão, Liberdade e Ética

Edição 93 – Ano IV – 22-03-2004

Disponível em <http://bit.ly/ihuon93>

"O projeto Iluminista. 200 anos depois de Kant" foi o tema de capa desta edição. Na ocasião foi publicada uma reportagem da revista alemã *Der Spiegel* para celebrar o bicentenário da morte de Immanuel Kant. A **IHU On-Line** foi uma das poucas publicações que à época fez uma edição comemorativa sobre o tema no Brasil. A revista ainda contou com as entrevistas de Manfredo de Oliveira, Guido de Almeida, Ricardo Terra e Valério Rohden.

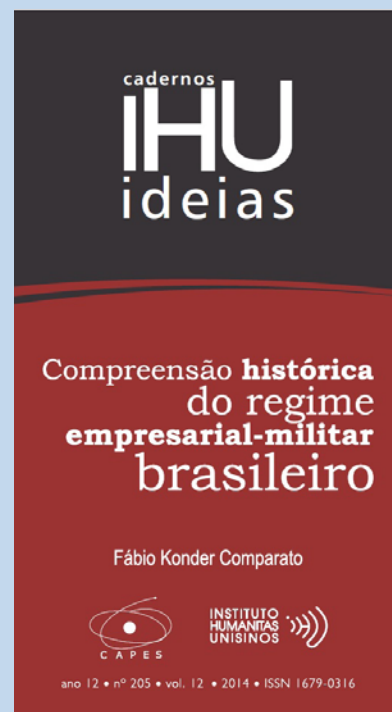
Cadernos IHU ideias

Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro

Nesta edição da **IHU On-Line**, destacamos quatro Cadernos IHU ideias publicados recentemente pelo **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Os assuntos abordados pelas publicações cobrem as mais diversas temáticas de interesse, ainda que unidos pelos mesmos fios condutores: a ética, o respeito à vida e o ser humano.

Os volumes selecionados tratam da luta social por moradia, de limites éticos da biologia sintética, dos avanços e limites constitucionais. Além disso, com a aproximação dos 50 anos do Golpe de 64, o Instituto Humanitas Unisinos insere-se na discussão com o mais recente número dos Cadernos, que traz como tema *A compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro*.

Confira as publicações em destaque na página 58 desta edição.



XV Simpósio Internacional IHU



Estão abertas as inscrições e chamada de trabalhos para o *XV Simpósio Internacional IHU Alimento e Nutrição no contexto dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio*. Até 31-03-2014, o investimento fica em R\$ 60 para alunos e R\$ 150 para profissionais. Após este período, os valores sobem para R\$ 90 e R\$ 180. Para submissão, é preciso se inscrever até 05-04-2014. Mais informações: <http://bit.ly/IHUXVS>.

Exibição e debate do filme *Noite e Neblina*

(Alain Resnais, França, 1955, 32 min)

O **Instituto Humanitas Unisinos - IHU** exibe no dia 25-03-2014 o filme *Noite e Neblina*, de Alain Resnais (França, 1955, 32 min), a partir das 19h30, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU. Logo após a exibição, o coordenador de Cinema, Vídeo e Fotografia da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, Marcus Mello, debaterá a película. Mais informações em <http://bit.ly/PascoalHU2014>.

Realizado sob encomenda do Comitê da História da Segunda Guerra Mundial, *Noite e Neblina* apresenta um perturbador registro dos locais onde até pouco tempo antes funcionavam os campos de concentração nazistas. No filme, as imagens do pós e da guerra são acompanhadas da narração de um texto do poeta francês e sobrevivente Jean Cayrol.

